UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA

LUAN FELIPE DE SOUZA JUNQUEIRA

A possibilidade de existir: uma leitura psicanalítica do adoecimento psíquico em *Laços de família*, de Clarice Lispector

Ribeirão Preto - SP

2021

LUAN FELIPE DE SOUZA JUNQUEIRA

A possibilidade de existir: uma leitura psicanalítica do adoecimento psíquico em *Laços de família*, de Clarice Lispector

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo para obtenção do título Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica.

Linha de Pesquisa: Promoção de Saúde Mental.

Orientador: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin.

Ribeirão Preto - SP

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Junqueira, Luan Felipe de Souza
A possibilidade de existir: uma leitura psicanalítica do adoecimento psíquico em Laços de família, de Clarice Lispector. Ribeirão Preto, 2021.
114 p.: il.; 30 cm

Dissertação de Mestrado apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica.
Orientador: Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin

1. Literatura. 2. Psicanálise. 3.Clarice Lispector. 4. D. W. Winnicott. 5.Saúde Mental.

Este estudo foi desenvolvido junto ao *ORÍ – Laboratório de Pesquisa em Psicologia, Saúde e Sociedade*, sediado na Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, sob coordenação do Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin. *O ORÍ* está cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. O estudo foi financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) por meio de bolsa de mestrado a Luan Felipe de Souza Junqueira no período de junho de 2020 a fevereiro de 2021.

JUNQUEIRA, Luan Felipe de Souza

A possibilidade de existir: uma leitura psicanalítica do adoecimento psíquico em *Laços de família*, de Clarice Lispector

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências, Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica.

Aprovado em ...../ ...../ .....

Presidente

Prof. Dr._____

Instituição:_____

Assinatura:_____

Banca Examinadora

Prof. Dr._____

Instituição:_____

Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição:_____

Assinatura:_____

Prof. Dr._____

Instituição:_____

Assinatura:_____

DEDICATÓRIA

A todos que um dia viram-se existindo e possibilitaram a existência alheia.

O ato de ouvir exige humildade de quem ouve. E a humildade está nisso: saber, não com a cabeça, mas com o coração, que é possível que o outro veja mundos que nós não vemos. Mas isso, admitir que o outro vê coisas que nós não vemos, implica reconhecer que somos meio cegos... vemos pouco, vemos torto, vemos errado. (Rubem Alves)

AGRADECIMENTOS

Todos os agradecimentos não seriam suficientes para expressar ao Prof. Dr. Fabio Scorsolini-Comin a gratidão por fazer com que esta etapa da minha vida fosse cumprida. Serei sempre extremamente grato pelas orientações, pelo acolhimento afetuoso, mas firme, que direcionou o meu desenvolvimento.

Agradeço aos meus pais, Sandra e Pedro (*in memoriam*), que me deram a vida e fomentaram o meu caminho até o presente momento. Tenho a certeza que sempre estarão comigo.

Agradeço à Camila por ser sempre tão tolerante, compreensiva e atenta. Por sempre me acolher e me incentivar, não importassem os percalços que aparecessem. Obrigado por partilhar essa vida comigo! Amo você.

Um especial agradecimento à Elaine, por me mostrar que existem na vida opções e que eu posso escolher. Por me mostrar e me fazer acreditar que este dia seria possível.

À amiga Ingrid, por também apoiar-me nos momentos mais difíceis e estar sempre presente nos momentos necessários. Serei sempre grato!

Ao amigo Léo, por ter se dedicado tanto para ensinar-me inglês, com sua ajuda cheguei até aqui. Obrigado sempre por toda ajuda.

Um imenso agradecimento à Ana Cristina Bragheto por ter sido sempre tão disposta e atenciosa, me fornecendo materiais para que este trabalho pudesse ser desenvolvido. É certo que fez muita diferença.

Aos amigos da pós-graduação Luiza e Adriana. Obrigado por sempre me escutarem e acolherem em momentos de grande dificuldade. Levarei vocês para a vida.

Aos meus professores que, de alguma forma, me incentivaram a chegar a este ponto da minha formação profissional, vocês são parte disso.

Agradeço aos professores, funcionários e colaboradores da EERP-USP, que sempre trabalharam para o desenvolvimento dos alunos. Vocês também são parte deste trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) e do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) por meio de bolsa de mestrado no período de junho de 2020 a fevereiro de 2021.

RESUMO

JUNQUEIRA, L. F. S. **A possibilidade de existir:** uma leitura psicanalítica do adoecimento psíquico em Laços de família, de Clarice Lispector. 114 p. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Psiquiátrica. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2021.

As relações entre Psicologia e Literatura formam um campo de interesse que contempla, de modo inequívoco, a discussão sobre como a arte pode ser um caminho para a compreensão do humano e, nesse sentido, uma possibilidade particular e ainda pouco explorada na literatura em ciências da saúde de discutir como se dá o processo de adoecimento psíquico e também como pensarmos em estratégias de promoção de cuidado em saúde mental. Partindo dessa premissa, esta Dissertação de mestrado teve como objetivo central refletir, a partir da obra de Clarice Lispector (1920-1977), sobre a experiência do adoecimento psíquico e a sua relação com as falhas ambientais em uma perspectiva psicanalítica. Foram analisados em profundidade os contos "Amor", "A imitação da rosa" e "Os laços de família", presentes na obra "Laços de família", publicada originalmente em 1960. O referencial teórico para a análise seguiu as contribuições da psicanálise winnicottiana, considerando que o psicanalista inglês D. W. Winnicott postula que o vínculo é necessário para que haja condição para o desenvolvimento de uma vida própria e criativa com vistas à saúde mental. Esta Dissertação insere-se em um conjunto de trabalhos produzidos em decorrência da comemoração, no ano de 2020, do centenário de nascimento de Clarice Lispector. Segundo Winnicott, falhas em diferentes momentos da vida inicial do bebê produzem diferentes sintomatologias e o entendimento do momento que estas acontecem e como são suas manifestações possibilitam o subsídio para que o cuidado correto seja ofertado em cada situação. Embora não estejam explicitados pela autora, os processos de adoecimento psíquico podem ser apreendidos a partir das narrativas de diferentes personagens nos três contos analisados. A personagem Laura, em *"A imitação da rosa",* teve falhas em um período muito precoce. Pela frágil integração do seu ego desenvolveu uma personalidade fronteiriça, onde não há delimitações claras sobre o que é real e nem sobre quem ela mesma é. Ana, por outro lado, em *"Amor"*, teve uma condição de desenvolvimento maior, podendo estar mais integrada. No entanto, diante do ambiente invasivo a ameaçar a sua existência, desenvolveu um falso *self* para preservar o verdadeiro, ou seja, para poder existir no ambiente. Ainda, foi possível observar a dificuldade na capacidade de estabelecer vínculos afetivos em *"Os laços de família"*, uma vez que Catarina, sendo um membro saudável neste meio, teve que lidar com pessoas que apresentavam uma tendência antissocial. A transmissão psíquica também permitiu, neste último conto, compreender as falhas ambientais na construção dos vínculos em família. Observa-se, a partir da análise dos três contos de modo integrado, que o adoecimento psíquico se dá pela impossibilidade de ver-se com uma existência criativa. A Dissertação traz endereçamentos sobre as noções de existência e criatividade, reconhecendo nas personagens destes contos a necessidade de expressão do gesto espontâneo, conduzindo a uma integração e ao senso de continuar existindo, aspecto este que se vincula diretamente à promoção de um psiquismo mais amadurecido e saudável do ponto de vista emocional.

Palavras-chave: Psicanálise; D. W. Winnicott; Literatura; Clarice Lispector; Saúde mental.

ABSTRACT

JUNQUEIRA, L. F. S. **The possibility to exist**: a psychoanalytic reading of the mental illness in Laços de Família, by Clarice Lispector. 114 p. Master's Degree Dissertation. Graduate Program in Psychiatric Nursing, Ribeirão Preto College of Nursing, University of São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2021.

The interactions between Psychology and Literature form a field of interest which contemplates, in an unequivocal way, the discussion about how the art can be a path for the human comprehension and, in this sense, a particular possibility still poorly explored in literature in Health Sciences, the discussion of how the mental illness process happens, also, how can we think on mental health care promotion strategies. Starting from this premise, this master's dissertation had as a main purpose to reflect, as of Clarice Lispector's work, about the mental illness experience and its relations with the environmental disturbances in a psychoanalytic perspective. The tales "Amor", "A imitação da rosa", and "Os laços de família", presented in the book "Laços de família", originally published in 1960, were thoroughly analyzed. The theoretical reference for the analyses followed the contributions of Winnicott psychoanalysis, considering the British psychoanalyst D. W. Winnicott postulates that the bond is necessary to exist a condition for the development of one's own and creative life, regarding the Health Science. This dissertation is included in a group of academic works produced because of the celebration in the year of 2020 of Clarice Lispector's centenary birth. According to Winnicott, disturbances in different moments of the early life of a baby produce several symptoms and the understanding of the moment in which those disturbances happen and how they manifest allows the assistance for the proper care to be offered in each case. Even though it is not explained by the author, the mental illness processes can be seized from the narratives of different characters on the three analyzed tales. The character Laura, in "*A imitação da rosa*", had disturbances in a very premature period. Regarding the fragile integration of her ego, she developed a border-like personality, in which there is no clear delimitation about what is real and even about who she is. Ana, on the other hand, in "*Amor*", had a larger development condition, being more integrated. However, in the face of an invasive environment which threatens her existence, she developed a false *self* to preserve the real one, in other words, to be able to exist in the environment. Moreover, it was possible to observe the difficulty in the capacity to establish emotional bond in "*Os laços de família*", once Catarina, being a healthy member in this environment, had to deal with people who presented an antisocial tendency. The mental transmission also allowed, in this last story, to comprehend the environmental disturbances regarding the construction of family bonds. It is observed, from the integrated analysis of the three tales, the mental illness happens from the impossibility to see oneself as a creative existence. The dissertation brings addresses about the ideas of existence and creativity, recognizing in the characters of these stories the need of expression of the spontaneous gesture, conducting to an integration and a sense of continuing to exist, an aspect which is causally linked to the promotion of a more mature and healthier psyche on the emotional point of view.

Keywords: Psychoanalysis; D. W. Winnicott; Literature; Clarice Lispector; Mental health.

RESUMEN

JUNQUEIRA, L. F. S. **La posibilidad de existir:** una lectura psicoanalítica de la enfermedad psíquica en "Laços de familia", de Clarice Lispector. 114 p. Disertación de Maestría. Programa de Posgrado en Enfermería Psiquiátrica. Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto, Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, SP, 2021.

Las relaciones entre Psicología y Literatura forman un campo de interés que contempla, de manera inequívoca, la discusión sobre como el arte puede ser un camino para la comprensión de lo humano y, en este sentido, una posibilidad particular y aún poco explorada en la literatura en ciencia de la salud, para discutir cómo se da el proceso de enfermedad psíquica y también como pensar en estrategias de la promoción de cuidados en salud mental. Partiendo de esa premisa, esta Disertación de Maestría tuvo como objetivo central reflexionar, a partir de la obra de Clarice Lispector (1920-1977), sobre la experiencia de la enfermedad psíquica y su relación con las fallas ambientales en una perspectiva psicoanalítica. Fueron analizados en profundidad los cuentos "Amor", "A imitação da rosa" y "Os laços de família", presentes en la obra "Laços de família", publicada originalmente en 1960. El referencial teórico para el análisis siguió las contribuciones del psicoanálisis winnicottiano, considerando que el psicoanalista inglés D.W Winnicott postula que el vínculo es necesario para que haya condición para el desarrollo de una vida propia y creativa con vistas a la salud mental. Esta disertación hace parte de un conjunto de trabajos producidos como resultado de la conmemoración, en el año 2020, del centenario del nacimiento de Clarice Lispector. Según Winnicott, fallas en diferentes momentos de la vida inicial del bebé producen diferentes sintomatologías y el entendimiento del momento en que estás ocurren y como se manifiestan, posibilitan el subsidio para que el cuidado correcto sea ofrecido en cada situación. Por más que, no sean explicados por la autora, los procesos de la enfermedad psíquica pueden ser aprehendidos a partir de las narrativas de diferentes personajes de los tres cuento analizadas. El personaje de Laura, en "*A Imitação da Rosa*", tuvo fallas en un período muy precoz. Por la frágil integración de su ego, desarrolló una personalidad fronteriza, donde no hay delimitaciones claras sobre lo que es real y ni sobre quién ella misma es. Ana, por otro lado, en "*Amor*", tuvo una condición de mayor desarrollo, pudiendo estar más integrada. Sin embargo, delante del ambiente invasivo que amenaza su existencia, desarrolló un falso yo para preservar el verdadero, o sea, para poder existir en el ambiente. También, fue posible observar la dificultad en la capacidad de establecer vínculos afectivos en "*Os Laços de Família*", una vez que Catarina, siendo un miembro sano en este medio, tuvo que lidiar con personas que presentaban una tendencia antisocial. La transmisión psíquica también permitió, en este último cuento, comprender las fallas ambientales en la construcción de los vinculo en familia. Se observa, a partir del análisis de los tres cuentos de modo integrado, que la enfermedad psíquica se da por la imposibilidad de verse con una existencia creativa. La Disertación trae direccionamientos sobre las nociones de existencia y creatividad, reconociendo en los personajes de dichos cuentos, la necesidad de expresión del gesto espontáneo, conduciendo a una integración y al sentido de seguir existiendo, aspecto que se vincula directamente a la promoción de un psiquismo más maduro y saludable del punto de vista emocional.

Palabras claves: Psicoanálisis; D. W. Winnicott; Literatura; Clarice Lispector; Salud mental.

SUMÁRIO

Apresentação..... 19
Capítulo 1: Psicologia, literatura e saúde mental..... 24
Capítulo 2: 100 anos de Clarice Lispector..... 31
Capítulo 3: Brincando com as palavras: o desenvolvimento emocional e o existir na Psicanálise e na Literatura..... 40
Capítulo 4: Os laços, a família e a saúde mental..... 52
Amor..... 58
A imitação da rosa..... 68
Os laços de família..... 83
Síntese integrativa dos contos..... 100
Capítulo 5: Considerações Finais..... 104
Referências..... 107

APRESENTAÇÃO

Existem perguntas que provavelmente nunca serão respondidas, mas, a busca pela(s) resposta(s), por explorar os limites, reais e imaginários e, mais ainda, a abertura a novas perguntas, é o que dá sentido à vida. Podemos considerar que existem diferentes respostas e diferentes níveis de aprofundamento dentro destas. A pergunta: Por quê decidi ser psicólogo?

Há respostas que são rasas e que não pedem grande reflexão e aprofundamento e há respostas que cabem ou não em diferentes contextos. Responder "para ajudar aos outros", sempre me foi insatisfatório, mas, satisfaz a quem pergunta despretensiosamente.

Por quê decidi ser psicólogo?

Eu sabia que existiam coisas que não compreendia, coisas em mim e coisas nos outros, e a psicologia me pareceu uma ferramenta interessante para esta compreensão. Eu sabia apenas que dentro de mim havia muita curiosidade e interesse por mistérios. Por que a gente sente o que sente? Por que as pessoas são como são? Por que há coisas que não são faladas? Por que há coisas que não podem ser demonstradas? Por que há coisas que não podem ser questionadas?

Durante a formação em psicologia nos é apresentado um mundo interessantíssimo e vasto de teorias que tentam responder, explicar e nos propor a pensar. Algumas eu via com muito estranhamento, outras com mais receptividade; até que em um dia eu escutei em uma aula, "o homem não é senhor em sua própria casa". Isto mexeu comigo e despertou o interesse em conhecer mais. Foi o meu primeiro contato verdadeiro com a psicanálise.

Tive a "sorte" de ter alguém que me apresentasse a psicanálise de uma forma muito delicada, sensível, compreensiva e palpável. Digo "sorte", pois, psicanálise não é fácil e o contato com esta, não raro, desperta reações muito adversas. Vemos pessoas espalhando "bordões" infundados, frutos de um contato, infelizmente, equivocado.

Serei sempre grato à Profa. Dra. Regina Mingorance. Há pessoas que passam por nossas vidas e nos marcam profundamente.

Mas nos deparamos com uma nova pergunta: Por que a psicanálise?

Inicialmente, cabe pensar, será que foi a maneira como me foi apresentado, ou será uma *pré-concepção* que encontra uma *satisfação*? Será que existia algo dentro de mim que buscava por isto e foi encontrado?

Para além disto, penso que a psicanálise, dentro das ciências humanas, é a mais humana que existe, pois nesta nos deparamos com movimentos emocionais que estão presentes em todas

as pessoas; tem a capacidade de acolher o ódio, a inveja, a agressividade, como também o amor, a gratidão, o fazer existir, pensar e criar. Vi que resgata dentro de cada um quem se é. Vi que na psicanálise é possível existir um encontro verdadeiro entre duas pessoas, mas este encontro deve acontecer com muita empatia e respeito e, por fim, um amor às verdades, mas à verdade de cada um.

Estudei psicanálise, fui psicólogo clínico e coloquei em prática o que vivi e aprendi. Por que decidi ser psicólogo? Não exito em dizer que também foi para me ajudar. Me ajudar é a satisfação pela curiosidade e a necessidade de conhecer meus mundos e quem neles habitam; é processo de busca, mesmo sem ter resposta. Ajudar aos outros é meia resposta; é consequência do que foi experimentado na busca de me ajudar, podendo oferecer isto a alguém.

Por ora, uma última pergunta. Por que fazer mestrado? – sendo esta resposta muito simples. Quando se gosta de algo, tem-se o desejo de transmitir isto à maior quantidade possível de pessoas. É pelo desejo de apresentar para outras pessoas o que me foi apresentado e foi algo de valor.

Entre caminhos tortuosos e francos, desencontros e encontros, trabalhar com arte e psicanálise fez-se possível. Na arte, nossos corações podem ser acalentados. No desenvolvimento deste estudo será apresentada a possibilidade desta intersecção entre arte, em especial, a literatura, e a psicanálise, e entre responder perguntas e abrir a possibilidade para novos pensamentos.

O ser humano, desde os períodos mais remotos da sua ainda incipiente existência, teve o desejo de se expressar, de comunicar a outrem as coisas que vivenciava e demonstrar seus afetos. Segundo Miyagawa, Lesure e Nóbrega (2018), não sabemos ao certo quando o ser humano passou a ter a habilidade de se comunicar, mas entende-se que esta aquisição foi um processo lento até começarem a aparecer os primeiros sinais de uma “comunicação em massa” há cerca de 70 a 100 mil anos, com conchas perfuradas e gravações em ocre utilizadas como elemento de transmissão de alguma informação, abstraindo e combinando elementos internalizados deste ser humano primitivo, em uma forma de mensagem que poderia ser gravada e transmitida, representando, assim, o início de um pensamento simbólico.

O auge desta primeira possibilidade de se expressar veio com a arte rupestre, trazendo um sistema de pensamento internalizado para o ser humano, expondo fatos do seu dia-a-dia, como o contato com animais e outros humanos. Nesse processo também comunicavam-se modificações do ambiente e de objetos e até mesmo expondo estados mentais vivenciados por essas comunidades (MIYAGAWA et al., 2018).

Nota-se, no entanto, que esta comunicação não era feita de modo aleatório ou despretensioso. De acordo com Miyagawa et al. (2018), os primeiros povos, de algum modo, pareciam ter a capacidade de reconhecer dentro das cavernas que habitavam locais em que o som era difundido pelo ambiente, ou seja, lugares onde acontecendo alguma ação, tinham a condição de produzir eco. Segundo os autores, este fato pode ter dado ao ser humano moderno a capacidade de associação entre pensamento sensório e a sua transformação em estímulos visuais e acústicos.

As expressões em forma de arte e linguagem, apesar de cada vez mais irem se tornando complexas e se modificando, em momento algum deixam de ser indissociáveis. Pode-se entender, portanto, que a literatura é uma espécie de arte expressa em palavras, "trans-formando", ou seja, indo para além, ampliando a forma de sentimentos tão humanos que, não raro, não cabem em palavras, em algo palpável e passível de ser compreendido.

Freud, em 1908, destacou o valor inestimável do escritor para a sanidade do ser humano, expondo como este consegue ter a habilidade de despertar emoções tão intensas nas quais o leitor consegue se identificar. Diz Freud, com muita sensibilidade, que o ato do escritor é tal qual o da criança ao brincar. É ter a capacidade de usar elementos do seu mundo interno, muitas vezes conflitivos e aflitivos, em uma conciliação criativa com o mundo externo.

Freud (1908) destaca que da mesma maneira como a criança precisa brincar, por ser substancial para o seu desenvolvimento, o adulto precisa fantasiar e criar novos mundos, tendo a necessidade de expor seus sofrimentos e suas felicidades de diferentes maneiras para que o mundo seja mais tolerável. Assim, Freud reafirma que adentrando a este mundo de fantasia é possível gostar até mesmo de viver histórias que não seriam "agradáveis" se acontecessem na realidade. São narrativas tão próximas, mas ao mesmo tempo tão distantes, e a literatura faz com que seja possível extrair prazer sem os sentimentos de vergonha ou de culpa. Pode-se, ao final, fechar o livro e dormir.

Caberia, portanto, o questionamento. O desejo de transformar a realidade (interna e externa) em escrita, não seria uma condição herdada dos nossos ancestrais primitivos em *produzir eco* e fazer esta chegar a outras pessoas? Não seria uma tentativa, quase desesperada, de fazer reverberar a própria condição de existir?

Leite (1987) destaca que, por muito tempo, a literatura teve resistência contra os estudos não literários acerca de obras. No entanto, a Psicologia e a psicanálise puderam dialogar com a literatura e tê-la como elemento de análise. É necessário reconhecer que os escritores costumam ter uma maior compreensão e maior capacidade descrição da natureza humana, que vão além dos próprios psicólogos.

Há quem diga que literatura e a Psicologia (e a psicanálise) seriam interdisciplinares, já que se ocupariam da mesma substância, as manifestações da mente humana através da linguagem, ambas seriam resultado da curiosidade, inquietude e busca por conhecer do ser humano (SANTOS; SANTOS; SILVA, 2018; SANTOS; FERREIRA; SANTOS, 2017). Deste modo, é possível considerar que, desde a antiguidade, a arte teve a função de compreender a natureza humana e isto não seria diferente na atualidade, com o crescente interesse na explicação psicológica do mundo (LEITE, 1987).

A literatura brasileira é ampla, propiciando percursos, narrativas e análises pelos mais diversos prismas teóricos, tais como vertentes mais associadas à Psicologia, à Sociologia, à História e à Filosofia, por exemplo (SANTOS et al., 2018; LEITE, 1987). Assim, podemos considerar a literatura brasileira como um campo analítico potencial, cabendo ao analista (e pesquisador) selecionar temas, personagens e itinerários com os quais dialogar na busca por uma compreensão de mundo e de ser humano.

Tendo como campo analítico a literatura brasileira, esta Dissertação irá debruçar-se sobre a obra de Clarice Lispector. Nascida em 1920 na Ucrânia, seus pais eram judeus. Observando uma crescente tensão e perseguição a seu povo, decidiram vir para o Brasil. Clarice chegou ao país com poucos meses de vida, sendo naturalizada brasileira anos mais tarde. Clarice teve uma vida simples e durante sua infância e adolescência morou nas cidades de Maceió, Recife e Rio de Janeiro e, desde muito jovem, já demonstrava o seu interesse por ser escritora (GOTLIB, 2011).

Apesar das dificuldades oriundas das diversas mudanças, Clarice sempre mostrou interesse nos estudos, chegando à faculdade de Direito. Por sua personalidade questionadora e ao mesmo tempo tímida, desbravou um mundo hostil com a presença feminina em meios públicos e círculos intelectuais, atraindo muita atenção e admiradores (GOTLIB, 2011), movimento este intensificado a partir da publicação do seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*.

Em 2020 comemorou-se o centenário de nascimento de Clarice Lispector. Dona de uma escrita particular e uma grande sensibilidade na expressão da densidade de afetos de seus personagens, tem o poder de fazer com que o leitor sinta o que cada um de seus personagens sente. Tamanha sua condição em *sui-generis* que seus textos criam ecos até os dias atuais, sendo reconhecida como uma das autoras mais lidas e que despertam o interesse do grande público na contemporaneidade. Sua escrita atemporal tem permitido esse movimento de constante revisitação de sua obra, o que se intensificou desde a sua morte, em 1977.

Clarice Lispector teve a condição de expor a alma humana como poucos. Como exemplo, destaca-se a necessidade e a busca de se ter uma existência própria, de poder se ver existindo diante de um mundo onde havia (e ainda há) grande demanda para se viver segundo ideais muito distantes do que corresponderia a cada pessoa. A impossibilidade de se ver enquanto ser, possuindo uma personalidade e sendo reconhecido e valorizado enquanto tal, acarreta um grande sofrimento mental e, por vezes, a pessoa se quer é capaz de reconhecê-lo.

Partindo deste princípio, a presente Dissertação de mestrado tem como objetivo refletir, a partir da obra de Clarice Lispector, sobre a experiência do adoecimento psíquico e a sua relação com as falhas ambientais em uma perspectiva psicanalítica. Como metodologia de análise, optou-se pela psicanálise winnicottiana, uma vez que, para Winnicott (1956a), o vínculo é necessário para que haja a condição para o desenvolvimento de uma vida própria e criativa para se ter saúde mental.

A Dissertação está dividida em cinco capítulos. No Capítulo 1, intitulado *Psicologia, Literatura e Saúde Mental*, buscaremos uma aproximação entre tais elementos, discutindo-se como tanto a Psicologia e as ciências do cuidado quanto a literatura são instrumentos importantes e que trazem a condição de proporcionar conforto e bem-estar mental. No Capítulo 2, *100 anos de Clarice Lispector*, será traçado um paralelo entre a vida e obra de Clarice Lispector e suas contribuições enquanto profunda conhecedora da alma humana por meio da escrita de si e do outro. No Capítulo 3, *Brincando com as palavras: o desenvolvimento emocional e o existir na Psicanálise e na Literatura*, abordaremos o existir e seus desdobramentos na psicanálise e na literatura, espaço no qual será apresentada a questão do desenvolvimento para Winnicott e suas consequências para a vida do sujeito e o modo como está presente nas obras de Clarice Lispector. No Capítulo 4, *Os laços, a família e o adoecimento mental*, serão analisados três contos presentes na coletânea Laços de Família, a fim de responder aos objetivos propostos na Dissertação. Por fim, o Capítulo 5, de *Considerações finais*, abordará os principais indícios produzidos a partir desse trabalho analítico, discutindo as limitações da investigação, suas potencialidades, bem como suas ressonâncias para a saúde mental e a produção do cuidar.

CAPÍTULO 1
PSICOLOGIA, LITERATURA E SAÚDE MENTAL

Para algumas áreas das ciências da saúde, a relação entre literatura e cuidado/saúde pode parecer um tanto estranha ou distante, principalmente em ciências da saúde consideradas mais "tradicionais" ou que se ocupam de um cuidado "concreto" sobre o corpo e suas funções. Cuidado em saúde seria uma coisa e literatura outra, com cada área do saber se ocupando de diferentes elementos e produzindo inteligibilidades que, *a priori*, não poderiam se encontrar.

Neste ponto, a Psicologia estaria em uma posição privilegiada, pois encontra-se muito próxima da fronteira entre as ciências da saúde e das ciências humanas. Para alguns autores, a Psicologia e a literatura poderiam ser consideradas até mesmo interdisciplinares, ou seja, fariam parte de um campo do saber onde existiria uma grande possibilidade de convergência e interlocução de ideias e elementos para o entendimento de fenômeno, como o contato entre as pessoas, o apreço por suas histórias sempre muito particulares, o treino dos sentidos para apreensão de detalhes importantes, entre outros (SANTOS et al., 2018; SANTOS et al., 2017).

Extrapolando tal assertiva, Oguisso e Silva (2017), no domínio da História da Enfermagem, apoiam-se na ideia de que não só é possível fazer aproximações entre a *arte do cuidado* e a arte propriamente dita, neste caso a literária, mas devendo ser tratado como algo quase natural, em que para ambas são necessárias características muito próximas, se não até mesmo semelhantes, como a necessidade de se ter atenção, delicadeza e sutileza para adentrar ao interior de um outro. No entanto, ainda segundo essas autoras, as ciências da saúde, de um modo amplo, pouco se comprometeriam em transformar suas vivências em saber literário, atendo-se principalmente à literatura científica, seja consumindo-a como produzindo-a. Esse movimento também seria compartilhado pela Enfermagem.

Contudo, Oguisso e Silva (2017) destacam que a literatura científica não teria a condição de transmitir sentimentos, sensações e emoções da mesma forma que textos literários, defendendo a ideia de que os profissionais de saúde deveriam se ocupar também da arte literária, tanto lendo como escrevendo. Para as autoras, a literatura e a escrita, seja de poemas, contos, crônicas, romances, entre outros, trariam benefícios para os próprios profissionais de saúde, uma vez que constantemente estes se veem profundamente envolvidos emocionalmente com aquelas pessoas ao qual prestam cuidados e, não raro, se comovem, choram, sentem dor e vibram a cada conquista ou melhora.

A partir dessas reflexões, pode-se compreender o envolvimento com a literatura como uma possibilidade de cuidado de si e do outro, o que pode ter diferentes endereçamentos quando pensamos o campo da saúde mental, os recursos produzidos em saúde e também a humanização do cuidar. Para Oguisso e Silva (2017), a literatura teria a capacidade de aproximar mundos tão distantes como o do profissional de saúde e o do leigo, despertando a curiosidade daquele que não conhece e despertando a inclinação para que existam aproximações entre ambos.

Há que se considerar que a ciência e a arte, apesar da sua diferença quanto à matéria da qual irão se ocupar, não são – ou não deveriam ser – elementos tão distantes entre si, mas deveriam ser tidas como complementares, pois cada uma, ao seu modo, busca uma apreensão do ser humano. Enquanto a ciência busca a compreensão em termos de leis gerais, constantes e replicáveis, a arte se ocupa da singularidade, do particular, do sutil e do único. É reconhecer que a técnica e a tecnologia, sem a humanidade, são frias e vazias. Do mesmo modo, é possível considerar que determinados textos literários, para além de trazerem um profundo entendimento da alma humana, possuem, ao serem lidos, a condição de trazerem bem-estar e conforto psíquico, ou seja, promovendo saúde mental, seja para quem escreve como para quem lê (SILVEIRA, 2018; OGUISSO; SILVA, 2017).

Cabe pensar, portanto, como se dariam e quais seriam tais benefícios que a literatura pode proporcionar. Para Leite (1987), para a Psicologia estudar obras literárias deve ser levada em consideração uma série de características a respeito da obra, do escritor, do leitor e do envolvimento destes elementos. Ao se fazer a intersecção entre Psicologia e literatura, é possível considerar três tipos de olhares “distintos” entre si, mas indissociáveis, pois dialogam constantemente, sendo eles olhar para obra literária, pensar a respeito dos processos criativos e mentais e a utilização da literatura de forma terapêutica.

Inicialmente salienta-se que deste ponto em diante, nesta Dissertação, será assumido um caráter psicanalítico no entendimento a respeito da relação e do impacto do contato entre a pessoa e a literatura/obra literária, principalmente pela estreita relação que a psicanálise assume com a literatura desde a sua origem em Freud. Para França (2014) a psicanálise é uma importante ferramenta para o entendimento e interpretação de textos literários, pois tem a condição lançar luz sobre questões da vida emocional que são significativas para o entendimento da intenção do autor, do desenvolvimento dos personagens e de características do leitor, pensando suas questões subjetivas que ressoam no contato com o texto, através da sua visão e seus conceitos.

Azevedo (2019) destaca que a psicanálise sempre manteve um laço muito estreito com a literatura, já que o pai da psicanálise tinha obras literárias, escritores, poetas e filósofos como

fontes de diálogo e de inspiração, ou seja, o universo da arte estava diretamente oferecendo um contexto para a produção de suas ideias e de suas reflexões abarcadas nesse modo de pensar e refletir sobre o mundo, o ser humano e a condição humana. Ainda para Azevedo, Freud teve muita sensibilidade em reconhecer em obras literárias e na construção de seus personagens, a capacidade de descrição tão detalhada e aprofundada da "alma" humana, e uma imensa felicidade em reivindicar para a psicanálise este mesmo poder poético e intuitivo que observava. Há de se destacar até mesmo uma certa "ousadia" por propor um olhar que fugia à ciência tradicional.

Neste momento, cabe pensar na dinâmica existente no interior do leitor ao entrar em contato com obras literárias. É da natureza do homem, desde seus primórdios, transmitir a outras pessoas o que sente e o que vive, como também é natural ao ser humano, se beneficiar destas comunicações para ter condições mais confortáveis de vida (MIYAGAWA et al., 2018). A criatividade em conseguir se comunicar fez com que o homem se multiplicasse e desenvolvesse. Santos et al. (2018) destacam que na antiguidade grega, em Platão e Aristóteles, entende-se que o ato criativo seria uma atividade necessária ao ser humano e esta atividade criativa seria para a representação da realidade, ou seja, transformar em "imagem" algo abstrato para que pudesse ser transmitido e pensado.

Da mesma forma, segundo Leite (1987), o processo criador tem a função de ajudar a elaborar soluções diante de problemas, buscando uma maneira de buscar resolvê-los. No caso de questões de ordem emocional ou psicológica (abstratos por natureza), uma solução criativa seria justamente as criações artísticas (neste caso a literatura) que conseguem assumir o papel de expressar e transformar em "imagem" um pensamento de difícil representação. Indo a este encontro, afirmam Santos et al. (2017) que é através da linguagem, escrita ou falada, que se dá forma ao que se sente.

A arte consegue dar voz ao que é interno, do mesmo modo que a psicanálise dirige o seu olhar na busca do que é mais íntimo, profundo. Por tal característica sempre foram capazes de dialogar, pois a arte traduz e expõe o que é mais íntimo, difícil e doloroso (SANTOS et al., 2017). Segundo Leite (1987), deve-se considerar, no entanto, que a obra literária, por si só, para além do seu reconhecido valor estético, é um objeto "neutro", ou seja, não tem sozinha a capacidade de promover satisfação ou impactos emocionais, mas receberá o valor "positivo" ou "negativa" por inúmeros fatores, principalmente no que diria respeito ao leitor.

Para Leite (1987), há fatores objetivos como características do texto, o tema de interesse, tensão intelectual necessária do leitor, como também há "níveis" de leitura sobre um mesmo material, desde uma mais superficial ou um "passatempo", até uma leitura mais aprofundada,

atendo-se às tensões dos personagens, motivações para as ações diante do desenvolvimento da trama. Do mesmo modo, o autor destaca que a percepção e a pré-disposição do leitor de entrar em contato com a obra e se ver envolvido, têm a capacidade de transformar algo "sem nenhum valor" em objetos que vão além e se tornam importantes, seja pela fase da vida ou estado afetivo-emocional. Isto faz com que o texto seja interessante para uns e não a outros e permite que se faça novas interpretações para a obra.

Na mesma linha, Santos et al. (2018) apontam que a relação entre leitor e texto se trata de algo muito particular, uma vez que as obras literárias devem ser entendidas para além da necessidade de se desvendar uma mensagem oculta no texto, mas deve-se tratar de uma interlocução que seja capaz de causar algum efeito em quem lê. Por ser uma interlocução, parte-se do princípio de que há a necessidade de o leitor depositar algo de si no texto, o que leva a uma leitura única da obra.

França (2014) destaca que Freud entendia que uma das maiores contribuições da literatura é fazer com que o leitor possa se identificar com as histórias e os personagens, reconhecendo neles suas próprias angústias, seus dramas, desejos inconscientes e conscientes. Para Freud (1908) é possível se identificar, mergulhar e reorganizar um mundo imaginativo enquanto se mantém na realidade. Isto faz com que haja um (re)conhecimento de si e o sujeito se veja nos personagens e percebendo traços que são seus. Pode-se espelhar nestes personagens, portanto, para viver a sua própria jornada.

É especialmente proveitoso falar em identificação quando se fala sobre obras literárias, pois esta pode ser entendida, segundo Laplanche, Pontalis (2001), como um processo em que a pessoa assimila para si aspectos, propriedades atributos, entre outros, de alguma outra coisa ou alguém. Pode-se considerar que neste processo de identificação há uma série de sentimentos, ações e processos mentais que a compõem, tais como imitação, a empatia, o ver-se contagiado por outrem, projeção, etc. Por ser um processo, deve ser entendido como algo dinâmico, ou seja, vai acontecer por todo tempo, durante toda a vida. Cabe considerar que as identificações que a pessoa faz ao longo da vida vão construindo e formando a sua personalidade (LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Cabe pensar que, para acontecer este jogo de identificações, deve-se considerar algum grau de desenvolvimento psíquico, em que a pessoa já é capaz de reconhecer a existência de um outro que é separado e diferente dela. Cabe pensar nas contribuições feitas por Winnicott nesta relação, principalmente objeto/fenômeno transicional e espaço potencial.

Resumidamente, no início da vida, o bebê vive uma ilusão de que ele é um com a mãe. Isto traz segurança para o mesmo e o tranquiliza, sendo necessário no início da vida. No entanto,

gradativamente, à medida que vão acontecendo pequenas falhas e frustrações, este bebê vai começando a entrar em um processo de desilusão e neste ponto passam a ser criados os objetos transicionais e o espaço potencial (WINNICOTT, 1971a).

Winnicott (1971a) vai ressaltar que o bebê busca uma área onde seja propiciado um alívio de tensão causado pela interação entre realidade externa e interna, e toda a turbulência emocional que acompanha; assim, ele elege um objeto. Este objeto é início de uma representação de algo que seja um "não-eu", surgindo um primeiro movimento de sair de si, mesmo que não diretamente ligado ao exterior. Portanto, o objeto transicional trata-se de uma área intermediária entre o bebê e o seio (mãe), está entre a criança e o mundo externo.

Winnicott (1971a) destaca que a transicionalidade é uma área de repouso psíquico do indivíduo, que está em função de manter a realidade interna e externa separadas, mas ao mesmo tempo inter-relacionadas, ou seja, não é função desta voltar-se totalmente ao mundo exterior e as suas exigências, como também não permite que o indivíduo se perca somente na sua realidade subjetiva. Considera-se que o objeto transicional (como algo concreto), com o passar do tempo, vai sendo menos necessário, restando o espaço entre a subjetividade e objetividade, ou seja, as relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com a realidade. O espaço potencial como este "lugar simbólico" é especialmente rico, pois pode ser utilizado para fins criativos, compartilhados e que possam ser reconhecidos como legítimos no campo cultural, seja arte, religião ou filosofia, por exemplo (SAMPAIO; BITTENCOURT, 2016; ABADI, 1998; WINNICOTT, 1971a).

O mundo tão próximo e tão distante da literatura, nesse sentido, assume o papel de espaço potencial, já que acolhe a criatividade e as experiências criativas e de exploração e consegue promover ainda mais desenvolvimento, à medida que apresenta novos "outros", cria novos mundos, ressignifica e amplia os já existentes e permite a expressão livre dos sentimentos daquele que lê e do seu verdadeiro *self* (SAMPAIO; BITTENCOURT, 2016). Pensar em tais questões, como o amadurecimento psíquico e a expressão do verdadeiro *self*, por si só são representantes de saúde mental para o indivíduo. No entanto, tem-se considerado como a literatura pode ser utilizada como ferramenta terapêutica.

Pode-se dizer que esta prática data de longo período. No Antigo Egito livros eram tratados como "remédios para a alma" e na antiguidade grega e romana foram associados à tratamentos médicos. Há relatos de ser utilizada de modo sistematizado e com caráter terapêutico propriamente dito na segunda Guerra Mundial, onde surgiram nos Estados Unidos grupos de literatura terapêutica para soldados (VÉLEZ; PIETRO, 2018; ALONSO-AREVOLO et al., 2018).

Tendo em vista os resultados positivos que a literatura proporciona, um elo mais estreito entre cuidado em saúde e literatura acabou sendo criado onde se visa ao bem-estar da pessoa através da leitura. A isto foi dado o nome de biblioterapia (BORTOLIN; SILVA, 2016). Apesar de pouco difundida e explorada na atualidade, observa-se que há iniciativas e programas que fomentam tal prática, sejam como políticas públicas ou em redes privadas, como vistos no Reino Unido, Portugal, Espanha e Brasil, com aplicabilidades diversas, como suporte em período de hospitalização, fazendo a estadia ser mais amena; recomendação para pessoas em sofrimento mental; promoção de saúde para idosos institucionalizados, entre outros (FONSECA; AZEVEDO, 2016; BORTOLIN; SILVA, 2016; LEITE; CALDIN, 2017; VÉLEZ; PIETRO, 2018).

Considera-se que a literatura pode ser usada em associação com dispositivos médicos para o tratamento de ansiedade, depressão, transtorno obsessivo-compulsivo, luto, para crianças lidarem com questões do seu desenvolvimento e prevenção de *bullying*, como também para adultos com dificuldades na relação conjugal, entre outros, com sua aplicabilidade sendo variada, ou seja, em grupo ou individualmente, lendo ou ouvindo histórias (BORTOLIN; SILVA, 2016; ALONSO-ARÉVOLO et al., 2018; VÉLEZ; PIETRO, 2018). Esses mesmos autores destacam que a literatura faz com que a pessoa esqueça momentaneamente a situação, estado ou momento no qual se encontra e abre a possibilidade para que esteja imersa em uma realidade diferente, promove a catarse e a ressignificação dos fatos.

No entanto, segundo Alonso-Arévolo et al. (2018), nem toda literatura seria para o "uso terapêutico". Para sê-lo, inúmeros fatores devem ser considerados, como se há ou não enfermidade, condição sociocultural da pessoa ou grupo, a faixa etária, entre outros. É preciso que leve à reflexão do problema ao qual está inserida e não deve se tratar de uma literatura técnica, mas ser agradável e fácil.

A literatura também pode ser tomada como instrumento de prevenção de adoecimento e promoção de saúde à medida que, através desta, pode-se adquirir informações e conhecimento. A literatura pode estimular o pensamento crítico, pode ser usada por simples diversão, para exercitar a imaginação e a criatividade, melhorar a memória, a empatia, a identificação de emoções, a autorreflexão, aliviar situações negativas e fazer com que a pessoa se sinta mais positiva, à medida que também promove companhia e socialização e o ato de colocar no papel sensações e sentimentos é terapêutico por si só (ALONSO-ARÉVOLO et al., 2018; OGUISSO; SILVA, 2017; FONSECA; AZEVEDO, 2016).

De modo a demonstrar objetivamente o impacto positivo que a literatura tem para os leitores, Bavish, Slade, Levy (2016) desenvolveram um estudo com o objetivo de demonstrar

que a literatura ajuda a promover maior longevidade. Para tal, no período de 1992 a 2012, ou seja, por vinte anos, acompanharam 3635 indivíduos com mais de 50 anos de idade, fazendo contato com os mesmos a cada dois anos e questionando-os sobre os seus hábitos de saúde e leitura. Em linhas gerais, constatou-se que houve maior mortalidade nos não leitores de livros (33%) em comparação com os leitores (27%), observando que a leitura proporcionou uma sobrevida média de 23 meses nos leitores. No entanto, esses autores alertam que é importante considerar uma ampla gama de fatores que ajudam a expor este panorama, como a existência ou não e o tipo de atividade laboral, presença de doenças, nível socioeconômico e até estilo de vida; mas, considera-se que a leitura teve um papel de proteção à longevidade (BAVISH; SLADE; LEVY, 2016).

Considerando os aspectos apresentados, tais como a literatura utilizada para a expressão de sentimentos e reconhecimento de um mundo do cuidado em saúde, é possível notar como na literatura brasileira, em diversos períodos da história, estão presentes personagens que se rementem desde à atuação de profissionais de saúde a pessoas que necessitam de cuidados, como José de Alencar, Machado de Assis, Lima Barreto, Aluísio Azevedo, Guilherme de Almeida e Carlos Drummond de Andrade, como destacado por Oguisso e Silva (2017). Neste sentido, a obra de Clarice Lispector, em *Laços de Família*, nos apresenta textos carregados de elementos para estudo e compreensão da natureza humana, com o benefício secundário de se estar promovendo saúde mental ao se conhecer mais desta tão importante autora brasileira, como apresentaremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2
100 ANOS DE CLARICE LISPECTOR

Uma das biografias mais difundidas e aceitas sobre Clarice Lispector foi escrita por Nádia Gotlib, professora da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, com sua primeira publicação em 1995 pela editora Ática. Para o desenvolvimento do presente estudo foi utilizada a sua sexta edição, datada de 2011 e publicada pela editora da Universidade de São Paulo (EDUSP).

A literatura de Clarice Lispector é vasta e a sua biografia também tem sido bastante explorada como forma de conhecer aspectos da sua obra, das suas personagens e também de como esses elementos se costuram à história da própria autora. Esse interesse tem atravessado muitos diálogos assumidos pela Psicologia e pela psicanálise (JOSIOWICZ, 2020; POJAR; SCORSOLINI-COMIN; 2020; SANCHES, 2019; SCORSOLINI-COMIN, 2019, 2020; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2010; SCORSOLINI-COMIN; SILVA, 2018a, 2018b; SILVA, 2017; RUFINONI, 2016).

Leite (1987) destaca que, para se estudar um determinado autor ou obra, deve-se levar em consideração que o processo criativo do escritor está sempre pautado no quadro de referências da época em que está inserido, considerando também as condições do criador e a reação ao trabalho artístico. No entanto, é quase impossível considerar estes elementos isoladamente, haja vista que um atravessa o outro de forma bastante significativa. Por exemplo, a criação de um escritor está balizada na época em que viveu, mas o artista atravessa momentos de vida distintos e significativos; um texto da juventude difere de um texto do final da vida, tanto quanto estilo quanto temática ou assunto ao qual vai se debruçar. As condições do artista são tão importantes quanto as do seu tempo – é o artista que, com suas faculdades mentais e emoções, consegue apreender dados presentes em sua época, no imaginário social e transpor tais questões, questionando-os ou até mesmo modificando-os.

A mesma reflexão vale, em maior ou menor grau, para as reações que, sejam do público, sejam da crítica, como considerações do próprio artista sobre o seu trabalho, levando-o a diferenciações ou afirmações. Deve-se levar em consideração que o artista está inserido em um determinado contexto histórico e este contexto sofre influência de diversas forças, como políticas, condições socioeconômicas, a influência da ciência, dos artistas contemporâneos e de críticos, forças religiosas e a sua permeabilidade na sociedade, entre outras. Esses marcadores

pesam, de uma forma mais consciente, ou não, para a criação artística. As reações à obra do artista servem inclusive como combustível para que este continue o processo produtivo. A troca com seus pares parece ser muito significativa para os artistas, que encontram nestes, quando se tem um contato verdadeiro, um ponto de apoio para que dê seguimento à sua criação (LEITE, 1987).

Leite (1987), contudo, alerta que não há como afirmar que existam condições externas do mundo que fariam uma pessoa ser um artista (escritor) criativo, sejam elas positivas ou negativas, favoráveis ou não; mas, estas mesmas condições podem ser utilizadas como elemento para a própria criação. Ou seja, pelas suas próprias características pessoais, o escritor poderia utilizar a seu favor, ou da sua criação, condições adversas do mundo.

Tais questões atravessam a vida de Clarice. Analisando a obra da autora, aventa-se para a possibilidade de diálogo entre o seu mundo interno, como a sua vida mental e emocional, e seus personagens e enredos. Em Clarice a fronteira entre o real e o fictício é tênue e pode-se observar personagens com um forte caráter biográfico em diversos textos e livros (SCORSOLINI-COMIN, 2019; GOTLIB, 2011). Embora, em algumas de suas entrevistas, Clarice se mostre reticente em reconhecer a conexão entre a sua obra e sua biografia, ou seu mundo interno, esses elementos tornam-se passíveis de análise, sobretudo considerando as possibilidades interpretativas disponibilizadas pela psicanálise, fio teórico que conduz a presente Dissertação.

Para França (2014), a psicanálise tem a condição de lançar luz sobre a vida psíquica do autor. Contudo, não se pode ser ingênuo e fazer análises superficiais e sem elementos concretos para a análise. Ainda, há que se destacar que diferentes biografias podem permitir diferentes considerações, sendo sempre importante também suspender certas afirmações e problematizá-las. Um exemplo dessas discussões em função das diferentes biografias de um mesmo autor é abordado por Abdala Junior (2010) em relação às duas mais reconhecidas biografias de Clarice Lispector: a publicada por Nádia Gotlib e que aqui será empregada e a de Benjamin Moser (2017), publicada quase 15 anos após a primeira.

A biografia de Moser, ainda que seja posterior a de Gotlib, tornou-se bastante conhecida, sobretudo no exterior, havendo entre essas duas produções importantes aproximações e também distanciamentos. Os possíveis embates entre essas biografias revelam a complexidade que é conduzir uma análise única sobre Clarice, de modo que aqui não se pretende justamente a apresentação de uma interpretação unívoca, mas que seja suficientemente aberta ao diálogo.

Azevedo (2019) aponta que o ato de escrever poderia ser entendido como um “recordar, repetir e elaborar”, ou ainda uma tentativa de reparação a situações vivenciadas. Em Clarice,

possivelmente encontra-se presente uma tendência reparatória bastante criativa e talvez aí repouse a riqueza de sua literatura. Pode-se considerar que a criação literária é multideterminada e também, por vezes, ambivalente. Tem a capacidade de expressar conflitos psíquicos que poderiam ser muito prejudiciais à pessoa (escritor), ou seja, "causar sintomas" e, ao mesmo tempo, diz respeito a aspectos de uma mente saudável e produtiva que funcionaria em favor da própria pessoa (AZEVEDO, 2019). Como destacado por Leite (1987), as criações artísticas são uma possibilidade rica e produtiva de lidar com problemas interiores e desordens emocionais, as angústias existenciais são um combustível para a expressão.

Mas Clarice faz tudo parecer simples, quase como se fosse magia. Como disse Leite (1987), já se considerou que o artista seria um ser predestinado, dotado quase de uma "bênção divina" (ou demoníaca?) que seria capaz de criar e dar vida às coisas. Clarice certamente tinha um dom. Como aponta Rufinoni (2016), a literatura de Clarice tem a capacidade de fazer com que os limites entre a fantasia e a realidade se tornem esparsos, fazendo com que o sujeito seja mergulhado em um oceano de inquietações mentais e sensoriais. Do mesmo modo, Pojar e Scorsolini-Comin (2020) destacam como nela sensações e sentimentos são capazes de extrapolar o corpo dos personagens, as páginas, fazendo com que o leitor sinta em si o que a autora desejava transmitir. É visceral. Eis o mistério que é Clarice Lispector.

De tantos mistérios que a rondam, há inclusive inconstâncias quanto a data e localidade do seu nascimento. Contudo, a versão mais aceita é que tenha nascido em dezembro de 1920 em uma cidadezinha na Ucrânia, enquanto seus pais estavam em viagem para deixar o país motivados pela crescente perseguição aos judeus e às tensões das revoluções russas. Na ocasião de seu nascimento, foi chamada de Haia e somente quando chegou ao Brasil recebeu o nome de Clarice (GOTLIB, 2011). Como fica uma pessoa sem saber ao certo a clareza de onde vem? E seu verdadeiro nome? Ora, o enigma da origem de quem se é suscita em todos curiosidades, angústias e interesse pela busca. Clarice criou inúmeras vidas para si, com origens diversas e desfechos variados, revelados através de seus atos e também de seus personagens.

Chegou ao Brasil ainda bebê, quando seus pais, Pedro e Marieta (nomes que adotaram no Brasil) atenderam ao chamado da irmã de Marieta e seu marido, instalando-se inicialmente em Maceió. Passaram ainda por Recife, quando a menina Clarice tinha por volta de cinco anos e, por fim, Rio de Janeiro, onde passaram a maior parte de suas vidas (GOTLIB, 2011).

Mudaram-se de Maceió para Recife pois a família enfrentava muitas dificuldades financeiras. Contudo, na nova cidade não foi diferente. A mãe de Clarice sofria de uma doença que lhe causava paralisia e afirmavam para a menina que havia sido ela a responsável por tal doença em Marieta, haja vista que Clarice era a filha caçula. Em Moser (2017) emerge a versão

de que Clarice fora concebida para "curar a mãe", pois acreditava-se, à época, que uma nova gestação pudesse reverter o quadro de adoecimento da mãe. Posteriormente, Clarice afirmou que carregou imensa culpa por tal fato durante muito tempo em sua vida, tentando esconder esta dor. Tanto tentava esconder que diziam que quando era criança era muito alegre e adorava animais. Colocava-se em situações inusitadas pelas ruas de Recife em brincadeiras com outras crianças (GOTLIB, 2011). Não se pode não considerar que estes fatos tenham trazido para Clarice sensações e emoções que marcaram a sua escrita, com grande sensibilidade para o entendimento da forma, às vezes perversa, que as pessoas agem, bem como a oposição pela inocência e pureza, de brincadeiras de criança e dos próprios animais. O artista perfeito é aquele que resgata a inocência (RUFINONI, 2016).

Nota-se que Clarice herdou de seus pais o gosto pela arte, pois, apesar dos mesmos não terem grande estudo formal ou formação artística, seu pai tinha interesse por leitura, música e matemática e sua mãe escrevia poesias. Certamente por tal influência, antes de ler e escrever, a menina Clarice já inventava inúmeras histórias para se distrair e para contar às pessoas (GOTLIB, 2011). Uma de suas irmãs, Tânia, também era escritora, mas não alcançou o sucesso de Clarice. A escrita também era um laço importante entre Clarice e as irmãs, a partir das diversas cartas trocadas entre elas ao longo da vida, sobretudo no período em que Clarice viveu no exterior, como será apresentado mais adiante.

Após ter aprendido a ler, aos sete anos de idade, Clarice passou a consumir muita leitura e, ao descobrir que eram "simples" pessoas que produziam aqueles livros, decidiu que também o faria. Narrava, desde a infância, o desejo por se tornar escritora. Começou escrevendo pequenas histórias para um jornal local de Recife que continha uma parte específica para publicar textos enviados por crianças. No entanto, Clarice nunca teve seus textos publicados, mas a menina não se abalou e nunca desistiu do gosto pela criação e pela escrita (GOTLIB, 2011). O motivo para a recusa dos seus textos neste jornal, dizia, era que as crianças de sua época escreviam sobre fatos e experiências concretas, mas que ela gostava de escrever sobre sensações, o que não seria do interesse do leitor – ou não seria esperado em um texto produzido por uma criança (SCORSOLINI-COMIN, 2019).

Entre os 11 e os 14 anos cursa o ginásio em uma escola de Recife, tendo sempre boas notas, mas pouco interesse pelas matérias, voltando-se sempre para as "coisas da alma". Após este período, a família decide que irá se mudar para o Rio de Janeiro em busca de melhores condições financeiras e após o falecimento de Marieta (GOTLIB, 2014).

Em 1937, Clarice inicia o curso complementar de Direito e, em seguida, em 1939 dá início a faculdade de Direito. Trata-se de um período importante em sua vida, pois em 1940 seu

pai vem a óbito, causando-lhe grande impacto devido à forte ligação que tinham. Clarice durante a formação teve contato com obras literárias como as de José de Alencar, Eça de Queirós e Dostoievski (GOTLIB, 2011).

Neste período também tem vários empregos, desde secretária à tradutora, até chegar a ser redatora da Agência Nacional. Pouco depois transfere-se para o jornal *A Noite*, com o cargo de repórter, o que a agrada devido à pluralidade de suas vivências. Na mesma época escreve "Triunfo", seu primeiro texto, publicado no periódico *Pan*, e segue com uma rotina de publicações na revista *Vamos Ler!* nos meses seguintes. Dentre estas publicações estavam contos, entrevistas, traduções e reportagens. A própria Clarice dizia que era uma tímida ousada em relação ao processo de endereçar seus textos para a apreciação dos editores (GOTLIB, 2011).

Durante a faculdade também inicia um relacionamento amoroso com Maury, com quem irá se casar após o final do curso. Mesmo já não mais desejando seguir a carreira de advogada, conclui o curso de Direito em 1943. Após o casamento, Maury torna-se diplomata, o que leva o casal a mudar-se de países e cidades repetidas vezes entre os anos de 1944 e 1959 (GOTLIB, 2011).

Nesta época, em 1943, escreve seu primeiro romance, *Perto do coração selvagem*, obra que parece ser uma estreita relação com a própria Clarice. As semelhanças com a personagem principal, Joana, são muitas, perda da mãe logo cedo, viver com pai que pouco tempo depois também vem a falecer; ser cuidada por outras pessoas da família até ter maior ocupação devido aos estudos e então conhecer o marido e depois partir em viagem. Uma busca da personagem de encontrar-se entre experiências passadas e presentes com a "maldição" do "prazer do raciocínio", questionadora e reflexiva. O livro foi muito bem aceito pelo público e pela crítica, surpreendendo a própria Clarice (GOTLIB, 2011).

Pouco depois, devido ao trabalho do marido, em 1944 muda-se para Belém do Pará, onde ficaram cerca de seis meses. Foi um período especialmente difícil para ela, vivia um estranhamento com a vida que ali levava, sendo de grande frustração consigo e com o trabalho. Após o período em Belém do Pará, o casal muda-se para Nápoles, onde o marido assumirá o cargo de vice-cônsul. Permaneceu em Nápoles de 1944 a 1946 e durante este período trabalhou em um hospital de guerra, onde desempenhou um papel quase "terapêutico" para os soldados internados, propondo atenção e conversa para eles. No entanto, para Clarice, as coisas seguiam estranhas, vivia com um sentimento perene de se ver exilada (GOTLIB, 2011). Esse desconforto era frequentemente narrado nas cartas que enviava ao Brasil endereçadas às irmãs e a amigos, muitos deles do círculo literário, como Fernando Sabino.

Em 1946 Clarice se muda da Itália para a Suíça, em Berna, onde permanece até 1949. Na nova cidade, pacata, a intensidade de Clarice se contrapõe, trazendo para ela grande angústia, e quiçá, depressão, pois não conseguia viver e escrever da maneira como gostaria, deixando-a muito perturbada (GOTLIB, 2011). Deste modo, enquanto esteve na Suíça, começou a fazer terapia psicanalítica e, sobre isto, pode-se considerar que houve grande influência sobre o seu pensamento e fez grandes contribuições, tanto que em sua biblioteca havia livros de Psicologia, sexualidade e psicanálise (JOSIOWICZ, 2020). Na biografia escrita por Moser (2017) destaca-se que após seis anos de análise, um de seus psicanalistas, Jacob David Azulay, viu-se esgotado, obtendo poucos resultados com Clarice e aconselhando-a abandonar o tratamento com ele. A sugestão de que Clarice participasse de um grupo terapêutico também foi logo abandonada pelo fato de a mesma não se adaptar. Mas o psicanalista em tela não deixou de ajudar Clarice, passando a ser uma espécie de conselheiro da mesma após o fim da análise.

O ano de 1948 se faz duplamente importante para a escritora, pois termina seu segundo livro, *A Cidade Sitiada*, e também marca o nascimento de seu primeiro filho, Pedro. Clarice tinha a arte de conseguir extrair do cotidiano material para contar suas histórias e abastecer as suas crônicas, tal como aparece os traços da forte personalidade de suas empregadas na Suíça em crônicas presentes em *A Legião Estrangeira* (GOTLIB, 2011).

Entre os anos de 1950 e 1951 Clarice e sua família passam cerca de seis meses em Torquay, na Inglaterra. Cidade costeira, fria, e que ela mesma chega a comparar com Berna, sua *via crucis*, mas não chegando a ser pior. Após este período na Inglaterra, ao retornar ao Brasil, volta a trabalhar em um jornal, sendo a responsável por uma página feminina chamada "Entre Mulheres". Assina com um pseudônimo, Tereza Quadros, e não a já famosa Clarice Lispector. Trata de temas variados como beleza, moda, dieta, economia doméstica e até receitas. Parece pouco para Clarice Lispector, que sempre se dedicou tanto a não se manter na superficialidade das coisas. No entanto, sempre dá um tom particular a tais narrativas, traços da sua autoria (GOTLIB, 2011).

Deste ano em diante Clarice escreveu para diversos jornais de ampla circulação nacional, tendo uma proximidade grande com o público, pois tratava abertamente sobre temas que estavam em pauta popular. É possível considerar que teve grande influência sobre o pensamento público neste período (JOSIOWICZ, 2020).

Em 1952, motivados pelo trabalho de Maury, Clarice e a família se mudam para os Estados Unidos e, no ano seguinte, nasce o seu segundo filho, Paulo. Nos EUA também tem dificuldades para escrever seus romances e já pairavam no ar tensões em seu casamento.

Contudo, por insistência de Paulo, Clarice começa a se dedicar a escrever histórias infantis, com a "máquina no colo" e atenta às necessidades das crianças. Deste fato decorreu a sua dedicação a escrever histórias infantis, sendo até mesmo premiada. Também nesta época escreveu crônicas que viriam a compor *Laços de família*, publicado em 1960 (GOTLIB, 2011).

Clarice retorna ao Brasil em 1959, quando acontece a separação do marido, sendo este momento bastante difícil, tanto financeira quanto emocionalmente. Retoma a carreira de jornalista, escreve para o grande público e faz entrevistas para conseguir ter renda. Nos anos de 1960 escreve a coluna "Só Para Mulheres", onde trata de assuntos "femininos", tal como divórcio, criação dos filhos, relacionamentos, moda, entre outros (GOTLIB, 2011). Clarice, na verdade, nunca deixou de tratar de e para mulheres, tendo-se, inclusive, como maior fonte de inspiração.

Neste mesmo ano, 1960, publica o livro *Laços de família*, uma coletânea de contos, alguns já publicados anteriormente e outros inéditos. Para o seu lançamento é feito um coquetel em comemoração, haja vista que a oportunidade representava um duplo retorno de Clarice, o de voltar às publicações e sua volta para casa, o Brasil. Trata-se de um livro que foi muito bem aceito pelo público e a crítica, com elogios de escritores como Fernando Sabino e Érico Veríssimo, que também foram dois de seus grandes amigos (GOTLIB, 2011).

Segundo Moser (2017), o livro *Laços de família* consolidou a sua reputação no Brasil, a exemplo de seu romance de estreia, *Perto do coração selvagem*. *Laços de família* foi considerado pela crítica um livro mais inteligível que os seus antecessores, como *O lustre* e *A cidade sitiada*. Pelo sucesso de vendas, foi o primeiro dos livros produzidos pela autora a possuir uma segunda edição. A primeira edição vendeu cerca de dois mil exemplares, rapidamente esgotados.

O livro traz 13 contos que têm como temática/cenário em comum a família. As tramas acontecem em meio a reuniões familiares, dramas existentes no interior da família, ou mesmo que possuem a família como receptáculo dessas inquietações e conflitos. Destaca-se também a forte presença de um caráter biográfico em diversos textos (GOTLIB, 2011). Em especial, para esta Dissertação, destacam-se três dos contos presentes neste livro, sendo eles *Amor*, *A imitação da rosa* e *Os laços de família*, que serão mais amplamente discutidos nos próximos capítulos. *A imitação da rosa*, inclusive, demonstra como algo de Clarice se refletia em Laura, a personagem principal deste conto, desde a sua solidão à visão simples e, ao mesmo tempo, complexa e completa do mundo e das pessoas à sua volta (GOTLIB, 2011).

Em 1961 finalmente é publicado um livro que era para ter sido veiculado quatro anos antes, *A maçã no escuro.* A escrita deste livro foi tumultuada, sendo produzida entre dedicação

a *Laços de família* e suas viagens. Tal livro deu muito prazer para ela, sentia-se muito satisfeita com o resultado final (GOTLIB, 2011). Seria *A maçã no escuro* um livro também "autobiográfico", no entanto, sob o ponto de vista de Maury? Inicialmente porque a sua escrita e publicação acontecem no momento em que o casal passava por dificuldades e irrompe na separação. Trata-se também de um protagonista homem, que acredita ter matado a esposa e daí foge. Ora, na carta que Maury escreve à Clarice após o divórcio tenta redimir-se por não ter sido o melhor marido para ela. A justificativa recai sobre as fortes "demandas" por apoio que ele acreditava que ela requisitava, tendo, assim, "matado" sua alma vívida e espontaneidade criativa. Do mesmo modo, o personagem também personifica Clarice que a partir desta fuga, se abre para um novo mundo, experimenta novas sensações e um novo sentido para si.

Em 1964 Clarice lança dois livros muito importantes, *A legião estrangeira* e *A paixão segundo G.H.* O segundo a princípio tem maior repercussão por tratar-se de uma novela, sobrepondo-se ao primeiro, um livro de contos e crônicas (GOTLIB, 2011).

Há um fato marcante na vida da autora, quando em 1966, ao adormecer enquanto fumava, tem início um incêndio que Clarice tenta apagar com as próprias mãos e acaba por se queimar. Após esse episódio sentia muita dor e em consequência surgiram grandes cicatrizes e limitações. Após este fato acaba entrando em depressão, voltando sempre à temática do acidente. No entanto, ainda consegue ser, como sempre, produtiva (GOTLIB, 2011).

Clarice escreve outro romance em 1969, *Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres*, do qual diz não gostar, mas não se estende muito em motivos para tal. Em seguida, em 1973, publica *Água viva*, livro que já estava pronto desde 1971. No entanto, foi sendo modificado e a versão final ficando bastante diferente da primeira (GOTLIB, 2011).

Clarice, apesar de muito sociável e de ter inúmeras pessoas que gostassem dela e que para as quais ela também nutria afeto, parecia ser muito solitária, com fome de contato com pessoas, como ela mesma diz. Tratava-se de uma mulher em intenso sofrimento, com as mesmas dores e anseios de qualquer pessoa no mundo e talvez daí surja a sua necessidade por escrever, pois, segundo ela, escrevendo entendia um pouco mais o mundo do que não escrevendo (GOTLIB, 2011). Como destaca Leite (1987), o processo criador muitas vezes está somente a serviço da satisfação pessoal daquele que cria.

A hora da estrela, seu último livro, é terminado em 1977, narrando a trajetória de uma personagem nordestina que sai da insignificância para um grande reconhecimento. Neste mesmo ano, Clarice é internada devido ao desenvolvimento de um câncer no útero e que se espalhou pelo seu corpo. Permanece hospitalizada por 45 dias até que vem a falecer no dia 9 de dezembro (GOTLIB, 2011), um dia antes do seu aniversário.

A visão da pessoa Clarice Lispector, para quem conviveu com a mesma em sua intimidade, revela-se como alguém simples e humana, disponível ao contato. Da mesma forma, é vista como sendo alguém que se mantinha distante, como quem tivesse medo do que seria despertado neste contato devido ao grande sofrimento causado pela clareza da sua visão (GOTLIB, 2011). Teria sido Clarice personagem de si mesma? Sendo sua vida a sua grande fonte de inspiração? Assim foi a vida de Clarice Lispector, pessoa de sensibilidade ímpar, com grande vocação para a criação e a liberdade, alguém que temia a solidão e teve uma vida rodeada de pessoas que amou e a amaram. Em sua biografia e em diversas análises presentes na literatura científica sobressaem-se performances importantes dessa autora: o ser mãe, o ser mulher, o ser autora. O ano de 2020 marcou os 100 anos do nascimento de Clarice, data esta que foi comemorada não apenas no Brasil, mas também no exterior, considerando que a autora ultrapassou, em suas obras, os próprios limites do seu mundo interno que, compartilhado com os seus leitores, tornou-se também universal.

Como é possível notar, os dramas e terrores que rondavam Clarice se refletem não só em seus personagens como também em cada leitor da sua obra. A psicanálise, através de diversos autores, em especial D. W. Winnicott, propõe olhar para a noção de existência, integração e completude do sujeito como sendo aspectos fundamentais, desde sua concepção aos seus últimos dias, como um fator *sine qua non* para a saúde psíquica do ser humano. O diálogo com a psicanálise winnicottiana será apresentado mais detidamente no capítulo a seguir, oferecendo pistas acerca do percurso analítico a ser conduzido posteriormente e tendo como norte os contos que compõem a coletânea *Laços de família*.

CAPÍTULO 3
BRINCANDO COM AS PALAVRAS: O DESENVOLVIMENTO EMOCIONAL E O EXISTIR NA PSICANÁLISE E NA LITERATURA

Busca-se, neste capítulo, fazer uma aproximação e uma relação pormenorizada de mundos, tal como visto anteriormente, distintos, mas que podem proporcionar uma confluência. Talvez um *terceiro espaço* que não seja nem somente psicanálise e nem somente literatura, mas tenha potencial para a ação criativa, ainda que inicial, de um entusiasta de ambas as áreas, pois, como Leite (1987) coloca, a criação literária existiria independentemente das grandes narrativas que tentam explicar o mundo, como a Filosofia, a Sociologia, a Psicanálise e a Psicologia; mas não é totalmente avessa a isso.

Tradicionalmente o saber psicanalítico tem sido associado a uma densa literatura construída no campo da saúde mental para pensar o tratamento de pessoas em sofrimento psíquico. Assim, por muito tempo, a Psicanálise foi concebida como algo que só poderia se dar dentro de um determinado *setting*. Para além dessa leitura, há que se compreender que o campo psicanalítico também se apresenta como método de investigação, como salientado por Safra (2013), "para fora do consultório" (p. 21). Por muito tempo, a tentativa de se pensar a Psicanálise para além do domínio do consultório foi definida como Psicanálise Aplicada, haja vista que seria impossível falar do inconsciente, por exemplo, fora da transferência no processo psicanalítico. Em que pesem as diversas críticas que se avolumaram nesse itinerário de uma Psicanálise extra-muros, Safra revela que, a partir da década de 1950, passou-se a pensar nas diversas possibilidades que emergiam ao pensarmos a linguagem e o texto para fora dos clássicos consultórios:

> Na investigação, utilizando-se essa referência teórica podem-se observar as manifestações transferenciais e inconscientes no texto. Aqui estaríamos utilizando o método psicanalítico não só dentro do processo psicanalítico, mas também em outros fenômenos humanos mediados pela linguagem. Nas manifestações da linguagem, é possível investigar os fenômenos transferenciais como eles aparecem grafados no texto. Vemos o aparecimento de uma modalidade de investigação que irá estudar o discurso como fenômeno intersubjetivo e psicanalítico legítimo. (...) Compreender o fenômeno

> intersubjetivo pela fala, texto ou discurso, ou abordar o fenômeno transferencial pela noção de campo, ou pela noção de espaço potencial, possibilitará o uso do método psicanalítico fora do consultório, em outros espaços para além do constituído no processo psicanalítico (SAFRA, 2013, p. 22).

A partir dessas considerações, pode-se dizer que a Psicanálise também pode ser a condutora de um processo interpretativo que toma como fenômeno um texto literário, como conduzido na presente Dissertação. Em termos metodológicos, o presente estudo pode ser classificado, segundo Fulgencio (2013, p. 51), como uma pesquisa empírica de inspiração psicanalítica, ou seja, a pesquisa que "procura formular e resolver problemas empíricos de um campo de problemas passíveis de serem abordados por um determinado paradigma. Tanto a formulação quanto a solução de problemas correspondem à tarefa de solucionar quebra-cabeças de determinados tipos".

Neste tipo de pesquisa, ainda segundo as recomendações de Fulgencio (2013), deve-se percorrer o seguinte itinerário: 1) estabelecer o quadro teórico segundo o qual o fenômeno será analisado; 2) definir autores e obras que serão consultadas para orientar a interpretação; 3) descrever o objetivo da interpretação do material. A partir dessas considerações, destaca-se que a presente análise será ancorada na psicanálise winnicottiana, buscando fazer uma leitura a partir da obra de Clarice Lispector, observando elementos que são promotores de saúde mental, bem como considerando circunstâncias que levam ao adoecimento. Para tanto, serão empregados materiais produzidos tanto por Winnicott como por seus comentadores, em diálogo com críticos que produziram conhecimentos sobre a obra de Clarice Lispector, especificamente dos contos presentes em *Laços de família*. Esse diálogo entre Psicanálise e Literatura, embora seja já tradicional, não nos exime dos diversos riscos que atravessam o fazer do analista. Alguns desses atravessamentos serão apresentados no decorrer deste capítulo.

Segundo Leite (1987), pode-se considerar a existência de níveis de compreensão até olhares diferentes a respeito de uma mesma obra, passando desde uma leitura superficial a explicações meta-psicológicas. Neste sentido, uma perspectiva "adequada" pode enriquecer a compreensão e ampliar diálogos, ainda que, para tal, outros aspectos sejam parcialmente ignorados. Desse modo, este capítulo tentará aproximar a Psicanálise e a Literatura. Como campo bastante amplo, priorizamos o diálogo com o psicanalista D. W. Winnicott.

Winnicott nasceu em 1896 em Plymouth, na Inglaterra. Era o filho mais novo de John Frederick e Elizabeth Winnicott. Seu pai fora empresário em sua cidade natal e arredores, o que

proporcionou boa condição financeira à família. A família Winnicott tinha um grande envolvimento com as atividades religiosas e posteriormente o patriarca veio a se envolver com a política local, sendo vereador e, em seguida, prefeito, o que fez com que toda a família fosse muito bem quista na cidade (KAHR, 1996).

A família morava em uma grande casa, juntamente com outros dois filhos, Violet, e Kathleen, uma tia, uma babá para ele, uma governanta e outros funcionários. Desde muito cedo conviveu com muitas mulheres e, em especial, com sua babá, por quem nutriu grande afeto. O fato de ter tido uma grande proximidade com figuras femininas que exerceram o seu cuidado certamente possibilitou a oportunidade para o entendimento do universo feminino, em especial a relação da mãe com o seu bebê, fato amplamente discutido em sua obra (KAHR, 1996).

Dois fatos parecem ter causado grande impacto sobre a vida e obra de Winnicott. O primeiro é de haver relatos que sua mãe sofria de depressão, fazendo com que a mesma se ausentasse muito do cuidado com os filhos, o que leva ao segundo ponto, o fato de ter sido cuidado por empregados da família, uma vez que, para o autor, não raramente, as figuras substitutas da mãe real apresentam mais disposição e sensibilidade para o cuidado das crianças em comparação com as figuras parentais (KAHR, 1996).

Ainda segundo Kahr (1996), Winnicott teve uma infância estável e feliz, o que certamente possibilitou a ele uma grande expressão da sua criatividade. Ademais, quando criança experimentou uma série fatos em sua vida que o levaram a desenvolver sua teoria, uma vez que pôde também observá-los, mais tarde, nas crianças que atendia.

Winnicott possivelmente motivado pela depressão de sua mãe, já que durante sua infância era quase incumbido de cuidar da mesma e animá-la, decidiu fazer Medicina e, em seguida, dedicar-se ao estudo do adoecimento mental, o que o levou a se interessar pela psicanálise. Terminou sua formação em psicanálise em 1934 e em 1935 recebeu a certificação para o atendimento infantil (KAHR, 1996).

Inicialmente, Winnicott teve grande influência de Melanie Klein e Ernest Jones, sendo que este último quase representou uma figura paterna para o jovem analista. No entanto, como visto, os pais de Winnicott proporcionaram a ele um grande senso de liberdade de pensar e agir e isto se perpetuou em sua vida, como, por exemplo, por Winnicott ter grande influência no pensamento “independente” dentro da psicanálise britânica (KAHR, 1996), que se tensionava entre as colocações de Anna Freud e Melanie Klein.

O descolar-se de Winnicott com o pensamento kleiniano se deu paulatinamente, à medida que crescia profissionalmente, pois enquanto Klein voltava o seu interesse por

"fenômenos como inveja, agressividade, voracidade e experiências psicóticas [...], Winnicott enfatizava sua saúde, suas necessidades e seu desejo de serem amadas" (KAHR, 1996, p. 4).

Durante a Segunda Guerra Mundial, Winnicott trabalhou para o governo inglês, mas permanecendo em seu país. Trabalhou amplamente no que diz respeito ao cuidado de civis, principalmente crianças e o trauma que a guerra causava, em especial a delinquência. Neste mesmo período, conheceu a mulher que viria a se tornar sua segunda esposa, após o divórcio, Clare. Esta teve um papel extremamente importante na vida de Winnicott, envolvendo-se e auxiliando Winnicott em diversas passagens de sua vida, tanto pessoal quanto profissional, em um contraponto marcante com a sua primeira esposa, Alice, descrita como uma pessoa atormentada por problemas psiquiátricos (KAHR, 1996).

Pela intensa produção de Winnicott, passou a ser cada vez mais reconhecido por sua originalidade e espontaneidade, sendo convidado a participar de um programa de rádio para pais e mães entre os anos de 1939 e 1962 sobre temas variados, como o papel do pai na vida do filho, até aspectos psicológicos da adoção (KAHR, 1996).

Winnicott foi duas vezes presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise e se envolveu com a expansão das ideias psicanalíticas ao grande público, bem como ajudou a difundi-las através do estabelecimento de novas Sociedades de Psicanálise no interior da Inglaterra, como também em outros países (KAHR, 1996). Também se tornou uma figura amplamente estudada dentro da psicanálise, uma vez que as suas ideias foram originais em um momento onde as tensões sobre os rumos que a psicanálise teria mostravam-se incertos. Suas contribuições influenciaram e influenciam até os dias atuais, onde é possível observar diversos psicanalistas e teóricos traçando discussões sobre seu pensamento e inclusive para uma compreensão mais ampla de sociedade e de mundo e não somente clínica. Deste modo, pode-se destacar, por exemplo, Zeljko Loparic, Júlio de Mello Filho, José Outeiral, Sonia Abadi, André Green, entre outros.

Tendo em vista um processo de análise, tomado aqui em um amplo aspecto, pode-se considerar o aviso de Winnicott (1971b) em relação à *interpretação* em um processo terapêutico que, muitas vezes, surgiria da necessidade pessoal do analista em produzi-las e não da condição do paciente em recebê-las, podendo essas serem prejudiciais ou, no mínimo, menos proveitosas. Transpondo tal pensamento, as *interpretações* de estudos literários são igualmente delicadas de serem feitas, pois a necessidade pessoal do crítico-pesquisador em entender e explicar uma obra pode levar à saturação da mesma, de modo que a experiência única e as inquietações que emergem do contato com uma obra de arte não teriam necessariamente uma explicação, mas direcionariam ao impacto que produz um sentir, não encontrando um espaço de acolhimento e

mesmo de proveito em relação a esse movimento analítico. Dizer isto não é o mesmo que afirmar que estudos interpretativos a respeito de autores ou obras que visem a uma ampliação do seu entendimento não sejam valiosos, pois o são. No entanto, é arriscado perder-se no ponto de tomar interpretações como o fim em si mesmas e fazer enquadramentos rígidos, mas seria necessário favorecer o alvorecer de novos pensamentos que florescem na experiência única de cada sujeito.

Como afirma Winnicott (1971b), é o paciente que tem suas respostas dentro de um processo terapêutico; da mesma forma, é o leitor que tem a *sua* experiência no contato com a obra artística. Na visão de Winnicott, a psicanálise tem seu valor por se debruçar sobre questões cotidianas, entendendo que na simplicidade reside a sua beleza. Da mesma maneira, como bem colocado por Luz (2006), entendendo que enquanto teorias tentam explicar, a arte é capaz de fazer continuar o processo de pensamento, até que em determinado ponto possam coincidir; traduzindo teoria em linguagem poética. Acrescentaria a isto as colações de Sampaio e Bittencourt (2016, p. 74): "mas também são poéticas as ações cotidianas mais simples quando as colorimos com criatividade e prazer".

Destaca-se que para o desenvolvimento deste estudo serão utilizadas as contribuições propostas por Winnicott, pois, para ele, a criatividade tem um papel central no desenvolvimento do indivíduo e sendo essencial para a saúde mental. Da mesma forma, Winnicott nutriu grande interesse pela música e poesia – experiências artísticas – sempre se impressionando com a condição do artista criar e, em certa medida, a comparando com a experiência da criança ao brincar (LUZ, 2006). No entanto, para que seja possível uma pessoa *brincar*, um longo processo anterior é necessário existir, desde os mais tenros momentos da sua existência.

Segundo Pires (2010), em Winnicott, pode-se entender que o ser humano não partiria de uma organização inicial pré-estabelecida, mas, pelo contrário, o desenvolvimento precisa ser conquistado em uma não-integração, que precisaria de ajuda para se organizar e se personificar. Para alcançar tais condições é preciso que existam ações muito concretas da mãe ou substituta no início da vida do bebê, como a criança ser segurada, embalada, chamada pelo nome, entre outros, em suma, de início experiências corpóreas, sendo que tais atitudes têm implicações mentais importantes para o sujeito (PIRES, 2010; WINNICOTT, 1945). Para Pires (2010), as experiências corpóreas abrem caminho para que as primeiras expressões de subjetividade possam vir à tona, sendo representações da criatividade e da vida mental.

O bebê, a princípio, acredita ser um só com a mãe; portanto, ele acredita que é ele quem cria o seio que o alimenta e esta ilusão onipotente é necessária no início da sua vida devido à sua condição de fragilidade. No entanto, não é possível que tal condição permaneça, inclusive

de modo natural pelas demandas da vida cotidiana. Isto é capaz de proporcionar a condição de desenvolvimento necessária para alcançar uma maior maturidade, tomados didaticamente, como estágios (WINNICOTT, 1971a; 1945).

Tem-se inicialmente o estágio da dependência absoluta, em que o bebê não consegue sobreviver sozinho e necessita de alguém que satisfaça as suas necessidades, uma mãe suficientemente boa, utilizando a nomenclatura proposta pelo autor. Neste ponto, o bebê deve atingir um estado de integração, sendo favorecido pela devoção da mãe. Este bebê precisa saber e entender que as suas partes do corpo compreendem um todo. O segundo estágio, o da dependência relativa, acontece quando o bebê começa a se ver mais integrado e pode começar a tolerar as falhas da mãe. Este é um ponto muito importante, pois vai ganhando mais autonomia e começando a se ter uma compreensão da existência dele e existe um outro-diferente-de-mim, levando a uma personalização, ou seja, a noção de que há uma personalidade que habita o todo. O terceiro estágio, da independência, acontece quando este começa a desenvolver a noção de continuidade dos objetos e de tolerância à frustração, atinge-se o ponto da realização, podendo ser entendida como a capacidade de se desenvolver um pensamento mais abstrato como reconhecer no tempo e espaço e agir sobre este (PÉRGOLA, 2019; PIRES, 2010; WINNICOTT, 1945).

No entanto, o cenário ilusório de que tal processo aconteceria de forma linear cabe para ilustrar como o desenvolvimento se dá em meio a uma avalanche emocional e o que o favorece é a capacidade criativa do bebê que pode lançar mão de objetos e fenômenos transicionais neste delicado espaço potencial, mas pode haver falhas neste processo. O desenvolvimento saudável de uma pessoa é resultado da possiblidade de expressão da sua criatividade. Se não for possível ser criativo e a pessoa não se integrar ou não se personificar, não se desenvolve a capacidade realização, fundamental ao amadurecimento emocional. A sua noção de existir é prejudicada, pois sua criatividade é tolhida e o indivíduo sente como se sua existência enquanto ser fosse ameaçada. Isto gera uma série de dissociações, do mundo e de si, leva a não se ver pertencente a sua própria vida, ocasionando grande sofrimento emocional e o indivíduo passa a buscar meios, muitas vezes destrutivos, para aplacar as suas angústias (PÉRGOLA, 2019; PIRES, 2010; WINNICOTT, 1945).

No entanto, é importante considerar componentes tanto da mãe quanto da criança, pois uma mãe suficiente boa pode se deparar com um bebê com muita pouca tolerância à sua ausência; da mesma forma como um bebê pode, através da sua criatividade, forjar possibilidades para lidar com grandes falhas, negligências ou invasões que possam surgir. A

criatividade é, portanto, da natureza humana – o que se modifica é o uso e a forma da sua expressão (PÉRGOLA, 2019; PIRES, 2010).

Winnicott (1945) considera que por volta dos seis meses de idade já há uma vida mental muito intensa e importantes fatos para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo já aconteceram. E em meio a este processo de desenvolvimento e de desilusão por não ser um com a mãe, que o bebê para conseguir tolerar a frustração diante da sua ausência, para tranquilizar-se, uma vez que se vê a mercê de um turbilhão de sensações e demandas tanto internas quanto externas, elege um objeto para ser o seu substituto, trata-se do início de algo que seja externo a si; é no espaço de ausência que surge o objeto transicional (WINNICOTT, 1971a, OUTEIRAL, 2010).

Portanto, o objeto transicional trata-se de uma área intermediária entre o bebê e o seio, está entre a criança e o mundo externo. O objeto transicional possibilita que seja elaborada o modo como se dará a relação de objeto subsequente. Há neste ponto um paradoxo: a criança, pela onipotência inicial e necessária ao seu desenvolvimento, acredita ter criado o objeto, mas não foi uma criação pura desta. Por ter sido algo do mundo externo apresentado à ela e aceito, nem mesmo trata-se do próprio corpo dela, por isto, já há um *fora*; portanto, apesar de vir do mundo externo, passa pela subjetividade e criatividade e permitindo todas as manifestações emocionais que venha a produzir sobre esta (WINNICOTT, 1971a).

Acrescenta Abadi (2002) que o objeto transicional existe para receber as projeções do bebê e que, ao sobreviver a estas, ele adquire uma qualidade externa e de permanência, o que, por fim, diferencia-o de parte do ego do bebê e aí estaria o cerne de uma relação de objeto. Neste sentido, Winnicott (1971a) diz que o objeto transicional acaba sendo demasiadamente amado, acariciado, nutrindo-se grande afetividade por este, como também deve ser capaz de suportar toda a gama de impulsos agressivos e destrutivos que o bebê apresentará. Neste ponto está a raiz do uso de um objeto (WINNICOTT, 1971b).

Outeiral (2010) ressalta que o importante no que diz respeito ao objeto transicional não é tanto o objeto em si, mas o uso que o bebê faz dele, a maneira como este vai interagir e se este continuará presente para o bebê, tanto que sua ausência também é amplamente sentida. Portanto, Winnicott (1971a) afirma que a transicionalidade é uma área de repouso psíquico do indivíduo, que está em função de manter a realidade interna e externa separadas, mas ao mesmo tempo inter-relacionadas, ou seja, não é função desta voltar-se totalmente ao mundo exterior e as suas exigências, como também não permite que o indivíduo se perca somente na sua realidade subjetiva. O espaço intermediário propiciado para o bebê para expor as vivências

internas que são experimentadas, e a percepção da realidade concreta que se apresenta para este que é a substância que faz a transicionalidade.

Winnicott (1971a) diz que no avançar do desenvolvimento saudável do bebê, conseguindo lidar melhor com as falhas da mãe, é esperado que ele consiga deixar a ilusão onipotente de lado e perceber que a mãe "vai e volta". Pode passar, portanto, a utilizar da sua atividade mental para se lembrar e reviver, seja em fantasia ou sonho, e desenvolver uma integração temporal de passado presente e futuro (realização). Neste espaço é que se constrói o mundo interno do bebê, possibilitando a ele tornar-se ativo na busca de sua satisfação que pode acontecer de uma maneira mais desenvolvida e não alucinatória (onipotente), mas criativa; portanto, o objeto transicional concreto vai perdendo sua utilidade, sendo descatexizado e deixado de lado, pois cumpriu o seu papel no momento que o fazia necessário.

Agora o espaço entre subjetividade e objetividade pode ser utilizado para fins criativos, compartilhados e que possam ser reconhecidos como legítimos no campo cultural, pois a função da transicionalidade se amplia e abrange relações do indivíduo consigo mesmo, com os outros e com a realidade e em última análise, a criança pode *brincar* (ABADI, 1998; WINNICOTT, 1971a). Destaca-se, portanto, que o brincar está intimamente ligado aos objetos e fenômenos transicionais, repousando sobre o seu espaço potencial, sendo seu valor é incomensurável, uma vez que brincar é verbo de ação e isto implica em uma ação deliberada no mundo (WINNICOTT, 1971a; 1971c).

É no brincar que o contato do mundo interno com o externo pode ser sobreposto sem o temor de ser retaliado ou sofrer sansões e, neste sentido, espaço entre subjetividade e objetividade pode ser utilizado para fins criativos. Apenas no brincar que o ser humano pode usufruir da sua liberdade de criação. Esta seria, portanto, uma das principais atividades da vida do ser humano, podendo ser entendida como marcador de um desenvolvimento saudável. Na brincadeira o que impera é a elaboração imaginativa e a comunicação estabelecida, mesmo que através de uma linguagem não verbal; isto pressupõe uma relação de objeto e de eu-outro, dando as bases para relacionamentos interpessoais e grupais (PÉRGOLA, 2019; CICCONE, 2013; WINNICOTT, 1971a; 1971c; 1971d).

Considera-se, portanto, que esta é uma das principais atividades da vida de qualquer indivíduo, tanto crianças como adultos, uma vez que só pode acontecer devido às experiências que favoreçam ao sujeito a sua existência, a sua continuidade e a sua criatividade; ou seja, que exista um ambiente que acolha este gesto espontâneo sem retaliação. O bebê sente-se protegido e a continuidade do seu ser é preservada pela possibilidade da exposição de si, configurando e fortalecendo o *self*, sendo a expressão máxima da criatividade de cada pessoa; o oposto disto, a

não possibilidade da expressão criativa, um ambiente que não acolha ou invada o bebê leva ao desenvolvimento de um falso-*self* , uma vez que ele se vê obrigado a ter que reagir a este ambiente hostil para a preservação do seu núcleo, ocasionando implicações extremamente prejudiciais ao sujeito. O ser é diferente do reagir (CICCONE, 2013; WINNICOTT, 1971c; 1971d).

O reconhecimento da brincadeira e também a sua ausência na criança é algo nítido. No entanto, pode-se considerar que esta também é uma atividade que deva ser observada nos adultos. Na vida adulta o brincar voltar-se a atividades compartilhadas e que possam ser reconhecidas como legítimas no campo cultural, onde se tem espaço para a expressão da criatividade, tal como na arte, na religião e na filosofia (WINNICOTT, 1971a; 1971c). Destaca-se, portanto, que é com o brincar que a criatividade encontra vazão e é através da expressão da criatividade que o sujeito sente que a vida é digna de ser vivida e, do contrário, a submissão, a *reação,* remeta ao sentido de inutilidade e, portanto, não haveria sentido em viver (WINNICOTT, 1971e). Portanto, para Winnicott (1971c; 1971f), a função da psicanálise é resgatar a capacidade de brincar daquele que a perdeu, bem como de auxiliá-lo na capacidade de usar objetos.

Como dito, se as experiências de brincar voltam-se ao campo cultural compartilhado, deste ponto em diante a atenção deve dirigir-se a um aspecto particular observado na obra de Winnicott, a sua relação do brincar com a literatura. A experiência cultural e artística são desdobramentos do brincar (LUZ, 2006; WINNICOTT, 1971f). No entanto, esta comparação não é "inédita". Freud (1908) escreve, talvez, um dos mais importantes trabalhos no que se refere ao estudo de obras literárias segundo um olhar psicanalítico, *Escritores Criativos e Devaneios*. França (2016) destaca que Freud era um forte apreciador de literatura e, com este estudo, foi capaz de abrir um novo caminho não somente para a análise interpretativa e estética de obras literárias, mas também de compreensão para o funcionamento mental do ser humano.

A curiosidade a respeito da fonte de criatividade dos escritores é trazida para o centro da discussão, buscando uma compreensão pormenorizada. Ao adentrar no âmago de tal discussão, Freud (1908) ressalta que explicações dadas pelos escritores em nada ajudarão o entendimento da sua capacidade criativa, uma vez que saber de tal fato de modo consciente não torna uma "pessoa comum" um artista, mas a reflexão se faria importante pois haveria um elemento comum a todos, que aproximaria estas duas "classes".

Freud (1908) propõe, portanto, olhar para a atividade imaginativa da criança que brinca, onde ela reorganiza os elementos do seu mundo e cria enredos dos quais ela muito se ocupa e que lhes tem grande valor. Para ele, "a antítese de brincar não é o que é sério, mas o que é real"

(1908, p. 135). Freud (1908) destaca que a atividade livre e espontânea da criança tem em si um grande valor para a sanidade e, quando adultos, esta atividade deve encontrar outras maneiras de expressão, ainda que "brincando com as palavras" tal como o escritor que busca o viver criativo.

Cabe destacar a coerência de Winnicott, uma vez que, para ele, é necessária a existência de um mundo anterior para que haja a expressão da criatividade, uma vez que elementos pré-existentes servem como ponto de apoio para novas criações (PIRES, 2010). É possível notar que Winnicott pode se beneficiar das propostas de Freud e fez ampliações muito criativas e importantes a este respeito.

O espaço potencial tem grande valor na obra de Winnicott, pois este é o chão no qual se ergue as bases para a vida do ser humano expressos através principalmente de experiências culturais. Segundo Luz (2006), o espaço potencial é a área intermediária entre o eu e o mundo, é o encontro criativo do gesto espontâneo com o ambiente real. A criação literária se dá neste ponto, sendo possível "brincar" com os elementos do mundo real através da fantasia e da elaboração criativa (PIRES, 2010).

Winnicott entende que a fantasia está presente desde sempre na vida do ser humano e é a manifestação da criatividade de cada indivíduo que encontra expressão no mundo concreto. No entanto, a atividade de fantasiar pode expressar tensões existentes para o sujeito, onde estaria a serviço de uma força defensiva para lidar com a impotência, voltando-se para o seu interior e manipulando a realidade de forma onipotente; o contraponto disto é a elaboração imaginativa, sendo está uma vertente saudável voltado a atividades criativas (PIRES, 2010). Destaca Winnicott (1945) que o problema da fantasia é que prevalece o pensamento mágico e o amor e o ódio não conseguem ser freados, enquanto na realidade existem limites. Winnicott (1971e) acrescenta que é possível adoecer aproximando-se tão somente de um mundo de fantasia sem ligação com o real, bem como permanecer preso à realidade, sem espaço para fantasiar é tão prejudicial quanto.

Brincar com estes elementos, contudo, não é tarefa fácil. É preciso desenvolver a capacidade de usar estes objetos de modos mais adaptados (WINNICOTT, 1971b). Neste processo, a pessoa se depara com a grande desilusão de que os objetos estão fora do seu controle onipotente, já que os mesmos são reais; no entanto, adquirem uma representação interna valiosa a cada indivíduo. Ou seja, os impulsos destrutivos e o amor impiedoso do bebê encontram na realidade elementos que os barrem, observando que os objetos tem existência e significado independentemente dele próprio. Isto faz com que os objetos tenham valor para a criança e ela

pode desenvolver a capacidade de manipulá-los e utilizá-los à medida em que busca agir no mundo (WINNICOTT, 1971b).

Eis um limiar muito sutil entre as duas posições, do fantasiar onipotente e do fantasiar criativo. Este é o terreno que o escritor caminha e, por isto, chama a atenção a sua capacidade de brincar com as palavras, estas que são quase elementos vivos. A criação de suas narrativas é a brincadeira por excelência, de modo extremamente refinado. Usar a palavra é se relacionar com elas, se sujeitar à realidade limitante que elas impõem. O escritor as odeia e as ama. As palavras são do mundo real, não se sujeitam à vontade daquela que a manipula. Como não odiar? Mas o escritor, por ver que as palavras continuam a existir apesar do seu ódio, consegue amá-las e brincar com elas. Por seu amor, criar um mundo fantasioso, mas a serviço da realidade, o que lhe é libertador. Diz Winnicott (1945, p. 226): "a criação artística aos poucos vai tomando o lugar do sonho, ou suplementando-o sendo de importância vital para o bem-estar do indivíduo e, portanto, da humanidade". Faz-se valioso usar a limitação a favor da liberdade, da criatividade, da possibilidade de existir e do bem comum. Segundo Leite (1987), a criação artística entraria justamente no ponto onde há a necessidade de lidar com questões emocionais que se tornam produtivas, não só para a pessoa, mas a outrem.

Para Luz (2006), a poesia e a literatura se tratam de uma comunicação especial, pois conduzem à realidade infinita de cada indivíduo, sendo que este consegue adentrar ao seu mundo interno sem sentir-se ameaçado com o que irá se deparar. É a capacidade de *brincar* e *fantasiar* com as palavras, reorganizando-as e as comunicando. A criação é um caminho sem fim, seu valor está no trilhar. Neste processo, fatalmente o sujeito acaba por se deparar com "o estranho" que habita em si, podendo ser visto como algo tão novo e tão assustador, mas que sabe ser familiar (FREUD, 1919). E na literatura, ecoando por este espaço potencial, que se conduz para o encontro consigo mesmo, onde pode haver estranhamento e reconhecimento, aversão e compaixão, repulsa e acolhimento, horror e encantamento, é o ser quem se é de modo verdadeiro, acolhendo-se por completo. É nesta possibilidade de expressão de si no real que se encontra o sentido que teria a vida (SAMPAIO; BITTENCOURT, 2016; WINNICOTT, 1971f).

Na literatura estão presentes todos os aspectos vistos na atividade de brincar, como favorecer o desenvolvimento cognitivo e emocional; criam pontes entre diferentes pessoas (artista-leitor e entre leitores) com experiências de vida e visões de mundo distintas e aproxima estas pessoas à medida que que conseguem reconhecer em si aspectos de semelhança. Para Winnicott (1971d) a psicanálise é o brincar junto do terapeuta com o paciente; guardadas as devidas proporções e contextos, poderíamos considerar que a literatura é o brincar do autor com

o leitor? A subjetividade do escritor que cria um mundo em suas histórias em conjunto com a literatura que resgata no leitor a capacidade de fantasiar.

A proposta de Winnicott é certa, viver de um modo criativo. À primeira vista pode parecer simplista. No entanto, o viver criativo que ele propõe é um resgate de *si mesmo* (CICCONE, 2013). Clarice Lispector, muito sabiamente nos diz que o artista perfeito é aquele que consegue fazer um resgate à inocência criativa da criança e que fora perdida, libertando-se, fugindo das convenções e reafirmando a sua vocação pela liberdade (RUFINONI, 2016). O artista é o que esteve distante da inocência, entendida como o gesto espontâneo do bebê e retornou, conseguindo transformar a sua realidade em obra e, Winnicott, nesta linha, quase faria o convite à pessoa se tornar artista.

Clarice Lispector foi uma entusiasta da psicanálise, consumindo literatura a este respeito e se submetendo a tratamento psicanalítico (GOTLIB, 2011; MOSER, 2017). Por tal motivo, em diversas crônicas que escreveu faz alusão a esta, principalmente em temáticas onde destaca a importância da relação dos pais com os filhos e como estes devem se atentar ao desenvolvimento dos seus pequenos (JOSIOWICZ, 2020). Da mesma forma, Pojar e Scorsolini-Comin (2020), através de sua leitura da obra da autora, salientam como é necessário para a saúde mental a possibilidade de se reconhecer como existindo em sua completude, acolhendo os seus impulsos, angústias e as suas próprias demandas internas.

Destaca-se, portanto, ser possível fazer uma aproximação entre Clarice Lispector e a psicanálise, uma vez que por meio da linguagem da escritora observam-se desdobramentos de enredos e situações que permitem a sua exploração via um olhar psicanalítico. Ressalta-se como Clarice tinha a condição ímpar de *brincar* com as palavras, reorganizando os seus elementos e criando um mundo onde a fantasia não necessariamente fosse refúgio da realidade, mas, pelo contrário, ajudando-a a compreendê-la (SANCHES, 2019). No capítulo a seguir serão apresentados três contos presentes na obra *Laços de família*, bem como uma possibilidade de leitura a partir da psicanálise winnicottiana. Como apresentado no início deste presente capítulo, não se trata de apresentar uma interpretação que aprisione sentidos sobre o autor e a sua obra, mas que justamente permitam revisitações constantes no sentido de ampliarmos as inteligibilidades, em uma condição permanente para a arte e a sua expressão.

CAPÍTULO 4
OS LAÇOS, A FAMÍLIA E A SAÚDE MENTAL

Destaca-se inicialmente, tal como um "´prólogo", a convergência na visão que a presente Dissertação seguirá com as colocações de Freud (1914, p. 223) quando este diz:

> Posso dizer de saída que não sou um conhecedor de arte, mas simplesmente um leigo. Tenho observado que o assunto obras de arte tem para mim uma atração mais forte que suas qualidades formais e técnicas, embora, para o artista, o valor delas esteja, antes de tudo, nestas. Sou incapaz de apreciar corretamente muitos dos métodos utilizados e dos efeitos obtidos em arte. Confesso isto a fim de me assegurar da indulgência do leitor para a tentativa que aqui me propus.

Freud (1914) continua afirmando como tenta, à sua própria maneira, compreender o efeito que a arte tem sobre si e, em última análise, sobre qualquer pessoa que se coloque a contemplá-la sem necessariamente se ter uma compreensão sobre os motivos que levam a sentir tal impacto, uma vez que, para cada sujeito, uma interpretação nova sobre o mesmo fenômeno pode surgir. Deste modo, ressalta-se que se seguirá uma análise feita por um psicólogo clínico a respeito de obras artísticas, onde o foco de interesse recai, principalmente, sobre a dinâmica mental e emocional dos contos propostos através de uma leitura muito particular, ou seja, tendo como plano de fundo as contribuições psicanalíticas trazidas por Winnicott.

Do mesmo modo, é possível fazer um paralelo estreito com as colocações de Bion (1967) para os terapeutas na sua relação com os pacientes e suas histórias. Destaca Bion (1967) a recomendação de que o analista deveria permanecer em um estado tal qual o de *sem memória e sem desejo*, já que estes turvam a visão e não permitem o emergir da verdade e cada sessão será completa por si mesma. Ou seja, ter na *memória* considerações prévias não permitiria a possibilidade do choque ao se entrar em contato com algo pela primeira vez e ter acesso à experiência emocional que isto suscita. Da mesma forma, o *desejo* é responsável por fazer com que se fique arraigado a corresponder a um objetivo final único e o fenômeno não se desenvolveria de forma natural. Sobre isto é possível fazer um paralelo com a análise sobre obras artísticas, uma vez que tal visão traz em si uma noção ética de suma importância – tal

como o trabalho terapêutico, o trabalho de se analisar obras artísticas deve possibilitar o desenvolvimento do pensamento e a abertura do "novo", não pensado, sobre obras que já foram e são amplamente estudadas, como é o caso dos contos de Clarice Lispector. E a contribuição de tal visão é justamente favorecer a experiência emocional de cada indivíduo, em contraponto com o enquadre e reprodução de modelos preestabelecidos (BION, 1967). Isto é, em última instância, um compromisso com a liberdade criativa tal qual proposto por Winnicott.

Neste mesmo sentido, Leite (1987) compreende que o psicólogo pode lançar mão de recursos extraliterários para analisar obras literárias, uma vez que não há recursos ou ideias possíveis ou imagináveis para esgotar o significado de uma obra de arte. Deste modo, as teorias da personalidade estão ao alcance deste psicólogo-pesquisador-clínico que se debruça sobre a literatura, de modo a subsidiar a análise dos personagens com os quais se depara. Para Leite (1987) é possível, através da análise de personagens, conjecturar hipóteses para o modo como é o desenvolvimento dos mesmos no desenrolar da trama, da mesma forma como são observáveis caraterísticas semelhantes na realidade.

Freud (1913) destaca que a psicanálise pode ser uma lente valiosa para o estudo e análise de obras literárias, ainda que diversos aspectos, principalmente os formais, possam ficar de fora, mas o seu valor se dá justamente por, tanto a expressão artística como o contato com a arte serem atividades valiosas ao ser humano, pois têm a capacidade de satisfazer tanto ao artista quanto aos leitores. Destaca Freud (1913) que a arte é uma outra realidade aceita convencionalmente na realidade objetiva e tem o poder de despertar emoções reais. Diz textualmente, ainda, que a arte se trata de "um meio caminho entre uma realidade que frustra e o mundo de desejos realizados da imaginação" (p. 195). E, tal qual Winnicott (1971a), é uníssono em ressaltar qual seria o lugar da criação artística, o espaço potencial, o meio do caminho entre a sobreposição do eu e do mundo externo.

Para Leite (1987), a análise psicanalítica de obras de arte teve como uma de suas maiores contribuições a de reconhecer que o valor que a obra de arte tem não se encontra somente no conteúdo manifesto ou na visão lógica que se pode ter sobre os fatos apresentados, mas deve-se educar o olhar para a ideia subjacente ao se desvelar o conflito. Isto é, atentar-se a mensagens e motivações mais profundas que podem ser *lidas* nas entrelinhas do texto. Da mesma forma, como acrescenta França (2014) ao dizer que Freud não supunha significados latentes nos textos, mas toda análise que fazia era sobre elementos presentes no próprio texto que podem ser confrontados com a literatura psicanalítica. Como exemplo disto, Leite (1987, p. 119-127) destaca a análise que Freud faz da obra *Édipo Rei* de Sófocles, ressaltando que a ideia principal não é a de que seria impossível fugir à vontade dos Deuses independentemente dos esforços

dos homens. Mas, em Freud, tal obra teve grande valor, justamente como elemento que permitisse demonstrar e conceituar o que ele vem a descrever como “complexo de Édipo” e o apaixonamento pelas figuras parentais existente nos filhos. Da mesma forma, vale ressaltar que outras interpretações podem ser vistas sobre a mesma obra do dramaturgo grego, como a feita por Bion, psicanalista da escola inglesa contemporâneo de Winnicott. Cabe salientar que cada leitor carrega uma lente que servirá para ler e reconstruir a obra e, deste modo, ela pode adquirir novas significações e a sua plenitude enquanto arte (LEITE, 1987).

Destaca-se, portanto, que as obras de Clarice Lispector que serão analisadas nesta Dissertação encontram-se no livro *Laços de Família* e a sua pertinência se dá por Clarice ter a condição de dar voz ao que não podia ser dito, ou a/o que não tinha espaço de expressão. A autora pode debruçar o seu olhar sobre a dinâmica emocional dos personagens e a sua profunda angústia, sendo que a maneira como Clarice coloca as vivências de seus personagens transcende a linguagem (SANTOS et al., 2017).

Laços de família é o segundo livro de contos de Clarice, sendo a sua primeira publicação datada de 1960. Sua produção é resultado de crônicas que Clarice foi escrevendo ao longo de anos, onde a maioria já havia sido publicada em jornais e revistas ou no livro *Alguns Contos*, além de trabalhos inéditos, como destacado no Capítulo 2 desta Dissertação. Os contos deste livro recuperam histórias que dizem respeito ou fazem alusão à família, se não como trama principal, como algum elemento presente nas histórias, acrescido de um tempero crítico e reflexivo sobre as relações que surgem em seu interior, as tensões existentes entre os entes e as ideias subjacentes presentes nos comportamentos de cada personagem (GOTLIB, 2011).

É possível dizer que quando a autora se debruça sobre o tema “família” faça uso da sua própria história e suas experiências anteriores, bem como de pessoas próximas, famílias que observava (GOTLIB, 2011). Seu lançamento acontece pouco tempo depois de sua separação com Maury. Seria possível dizer que, de alguma forma, a confecção deste livro seria uma tentativa de revisitar e reparar uma relação que fora se deteriorando? Não como vias de conciliação e retomada do relacionamento do casal, mas de uma reconciliação da autora para consigo mesma, encontrando uma possibilidade criativa para *recordar, repetir e elaborar*, como destaca Freud, e promover o próprio resgate em meio a tantas coisas, concretas e simbólicas, das quais apartou-se para dedicar-se ao casamento? Essa leitura é compartilhada por muitos de seus críticos. Certo é que Clarice dedicou-se muito na elaboração deste volume, marcando seu retorno ao mercado editorial após um longo período sem publicações de livros. Teve muito zelo na confecção da capa do mesmo e seu lançamento aconteceu em um coquetel para celebração desta retomada (GOTLIB, 2011).

O livro é composto por 13 contos, sendo estes apresentados nesta ordem: Devaneio e embriaguez duma rapariga; Amor; Uma galinha; A imitação da tosa; Feliz aniversário; A menor mulher do mundo; O jantar; Preciosidade; Os laços de família; Começos de uma fortuna; Mistério em São Cristóvão; O crime do professor de matemática e O búfalo. Para o desenvolvimento do presente estudo, optou-se pela escolha de três desses contos: *Amor, A imitação da rosa* e *Os laços de família*. A escolha por tais contos foi motivada por ser possível observar nos mesmos a impossibilidade de os personagens principais gozarem, cada um ao seu modo, de um senso de pertencimento a si mesmos bastante sólido, tendo que sujeitar-se a demandas externas, *reagindo* e não *sendo*, como bem destaca Ciccone (2013). E isto é somente a denúncia de que algo em seu interior não se encontra bem, ou não pode ser expresso. Em última análise, não seria algo saudável ou não demonstraria a existência de uma "saúde" mental, como demonstrado na sequência deste capítulo.

O primeiro conto, intitulado *Amor*, conta a história de Ana, uma mulher, dona de casa, com bons filhos e uma vida confortável em seu apartamento que ia sendo pago com dificuldade, mas lhe trazia satisfação. A preocupação de Ana era ir à feira comprar os mantimentos para alimentar a sua família. Mais até, era quase como se existisse até então para se dedicar ao cuidar da sua família. Tinha uma grande vocação artística e o desejo de ornamentar tudo, como se fosse possível levar ao nível mais próximo da perfeição. No entanto, inquietava-se quando não era mais necessária, sendo esta a hora "mais perigosa" e que a afastava da sua "vida de adulto" (LISPECTOR, 2009, p. 19-20). E sua grande aventura acontece justamente nesta hora perigosa.

Quando Ana volta das compras no mercado, enquanto estava no bonde, avista um homem, cego, parado de pé, no ponto de ônibus e mascando "chiclés". Ana é, de alguma forma, afetada por esta visão que lhe traz espanto, curiosidade e ódio. Por uma manobra súbita do bonde, Ana, em um sobressalto, deixa a sua sacola de compras cair e os ovos quebram e a mulher grita. Não foram somente os ovos que quebraram e a assustaram, algo dentro de si havia também sido quebrado.

Dentro de Ana passa a reverberar a imagem do cego, sendo tomada por um grande mal-estar. Tudo passara, então, a ser visto com mais intensidade e isto trazia sofrimento à mesma e todo o seu esforço para tentar amenizar a intensidade com que vivenciava tudo – parecia ter ruído. Ana, imersa nessas sensações, só depois dá-se conta que perdera o seu ponto e sai do bonde, desorientada, como se fugisse daquela situação.

Ainda desorientada, chega ao Jardim Botânico, onde senta-se em um banco e fica parada, reflexiva, tentando se acalmar, mas "tudo era estranho, suave demais, grande demais" (LISPECTOR, 2009, p. 24). Percebe que no jardim havia uma grande movimentação das

plantas e dos animais e nisto havia uma crueldade que era tranquila e que de alguma forma a encantava. Quando se dá conta que já era noite e das crianças, chega a quase correr para casa. Ao chegar, ainda nauseada por tudo que vivera naquela tarde, é recebida de modo caloroso pelo filho e tentava, em vão, protegê-lo das sensações que a consumiam e sentia-se culpada por tê-las.

Por fim, recebe seus irmãos e os cônjuges dos mesmos para um jantar e, ainda inundada de sensações, Ana não as transparece. Agora já estava mais calma. Após todos irem embora, Ana pode expressar ao marido um pequeno feixe do que fora seu dia, desejando que nada nunca aconteça a ele. E vai dormir (LISPECTOR, 2009).

O segundo conto escolhido, *A imitação da rosa*, traz a história de Laura, uma mulher recém-saída de uma instituição de acolhimento a pessoas que atravessam um adoecimento mental – possivelmente um sanatório, pela época em que se passa o conto – e a sua retomada à vida cotidiana e ao convívio com as pessoas do seu passado.

Laura dedica-se a arrumar a casa, e estar "pronta" para seu marido, Arnaldo, em seu vestido marrom, para quando o mesmo chegasse do trabalho. Laura recorda-se há quanto tempo não tinha uma "vida normal" com o marido, como a que a partir de então poderiam ter. Neste dia sairiam para um jantar na casa de seus amigos, Carlota e João e, como antigamente, poderia conversar coisas de mulher com a esposa do amigo, e o marido conversar coisas de homem com João.

Para Laura, felizmente, as pessoas ignoravam, ou fingiam ignorar, o período que ela passou na instituição, como uma afirmação de que ela estava "bem". Contudo, sem compreender os reais motivos, diversas coisas do mundo pareciam-lhe um mistério. O comportamento ambicioso e extravagante de sua amiga Carlota, em contraponto com o seu, lentificado e cuidadoso a intrigava. Também não entendia as recomendações do seu médico, de não ficar de estômago vazio para que isto não a deixasse ansiosa, mas acatava religiosamente; bem como não entendia quando o doutor dizia que ela não precisava ficar vigilante para obedecer regras ou preocupar-se. Tudo isto, para si, parecia uma grande contradição e, no fundo, isto não fazia sentido.

Laura esforçava-se muito para deixar tudo em ordem, tanto sua vida, como sua casa. Nesta, buscava deixar tudo em seu devido lugar, com um ar quase impessoal, que fazia-a parecer perfeita. Ocupava-se muito para que isto mantivesse-se desta forma; como quando não tinha mais o que fazer, bagunçava as gavetas para arrumá-las novamente. Isto a satisfazia e ela ficava exausta. A fazia esquecer aqueles dias em que não conseguia dormir. Nunca mais aqueles dias (da internação) – que ficaram no passado.

Laura decide levar as lindas flores que comprara de manhã na feira para o jantar na casa de Carlota. Eram as rosas mais bonitas que jamais havia visto e eram suas rosas. Questiona-se se deveria levar para Carlota. Laura teve verdadeiro encanto com aquelas flores, como se reconhecesse nelas algo que era seu, e dá-las significaria, para ela, perder muito. Queria dá-las, mas vivia um grande conflito interno.

Em um impulso, pede à empregada que, ao sair, leve-as para a casa de Carlota e as dê em seu nome. Quando se dá conta, a empregada já havia saído e levado para sempre as rosas e restava para si o vazio deixado por elas. Pensou em tentar alcançar a empregada nas escadas, mas ficou só a desejar, restando somente a tentativa de se consolar, ou convencer-se de que era o certo, mas sucumbiu diante de tamanha tensão. Armando, ao chegar, na breve conversa com sua esposa, entende que algo acontecera a ela e, como quem pedisse desculpa, deixa entendido que foram os dias difíceis que voltaram.

O terceiro conto escolhido intitula-se *Os laços de família*, conto que dá título ao livro e traz a história de Catarina e sua família que, após receberem a visita de sua mãe, estão se despedindo da mesma. Catarina observa, com certo ar cômico, seu marido, Antônio, se despedir de sua mãe, pois durante o tempo que ela passara com os mesmos mal conversavam e, naquele momento, eram extremamente polidos (LISPECTOR, 2009).

No caminho para a estação de trem, o táxi em que estavam chacoalha e Catarina e sua mãe se tocam, coisa que há anos não acontecia para as mesmas, o que a deixa extasiada, já que "nunca haviam realmente se abraçado ou beijado" (LISPECTOR, 2009, p. 96), ficando um ar de constrangimento pelo contato físico entre as duas, já que a relação que tinham era conflituosa. Ao partir, o trem marcava para Catarina que algo havia ficado esquecido e não dito entre ela e sua mãe, restando para a sua relação cada vez mais distanciamento.

Ao voltar para casa encontra Antônio, que não interrompe seus afazeres para dedicar atenção a ela, bem como seu filho, que era nervoso e tinha dificuldades em se relacionar com as pessoas. Mas neste dia, para surpresa de Catarina, o filho chama-a de "mamãe", despertando em si uma extrema felicidade para, em seguida, o menino falar "feia".

Catarina, em uma reação passional, pega o menino pela mão e saem de casa, dizendo somente que iriam sair, deixando Antônio atônito. O mesmo questionava-se onde será que eles teriam ido. Temia que Catarina transmitisse algo ao seu filho, mas o que seria? Pensava somente que a criança era inocente. Imerso em seus pensamentos a respeito de Catarina, via, do alto do apartamento, ambos lá embaixo e convencia-se que ela estava tomando somente para ela aquele momento de felicidade.

Tendo esse breve panorama sobre os enredos dos contos escolhidos para análise, passar-se-á à análise dos mesmos, tendo como norteadores os circunscritores descritos no início deste presente capítulo. A fim de facilitar o processo interpretativo, no início da análise de cada conto o enredo do mesmo será retomado.

Amor

O conto *Amor* traz a história de Ana, uma dona de casa com bons filhos e um bom apartamento, fruto das "sementes que tinha na mão" (LISPECTOR, 2009, p. 19). Ana tinha muita dedicação à sua família, sempre envolta em afazeres domésticos ou ocupada com as demandas dos filhos ou marido. Tinha vocação artística, sempre querendo deixar tudo decorado e belo. O lar trazia para ela a firmeza que tinha necessidade de sentir nas coisas e a visão do seu lar, dos seus filhos e do seu matrimônio eram fonte de satisfação. Mas havia uma hora na tarde que era perigosa, quando a casa estava vazia e ela não se via mais necessária. Isto a inquietava, tinha que tomar cuidado com esta hora. Desse modo, sempre procurava afazeres para ocupar-se neste período, como fazer compras ou levar os objetos da casa para consertar.

A história tem início quando Ana, já cansada após fazer compras, entra em um bonde e tenta acomodar-se. O bonde andava e parava, e vez ou outra uma brisa a tocava. Em um momento de distração, Ana olha para o horizonte e vê um homem parado em um ponto, era um cego que mascava chiclés. Ana ainda o olha profundamente, pois algo nele capturava a sua atenção e mexia profundamente consigo; ficou tão absorta com a visão que, em uma arrancada do bonde, o seu saco de compras foi ao chão e fez com que os ovos que carregava caíssem e quebrassem. Em suas palavras, "o mal já estava feito" (LISPECTOR, 2009, p. 22).

Ana ficou imersa a seus pensamentos e estímulos sensórios. Fora tomada por uma visão hostil do mundo e isto lhe trazia sofrimento. Por ver tamanho sofrimento em tudo à sua volta é tomada por uma bondade extrema. Envolta em seus pensamentos, Ana perde o ponto em que deveria descer do bonde e, ao sair, ainda atormentada, acaba adentrando no Jardim Botânico e busca um lugar para recostar-se, permanecendo lá por muito tempo (LISPECTOR, 2009).

Deste modo, Ana, paulatinamente vai acalmando-se, adormecendo dentro de si. À sua volta sentia/ouvia apenas ruídos e tudo era estranho e suave. Ao observar a natureza dava-se conta de um trabalho secreto que acontecia. Via um mundo cru e a natureza era cruel e o mundo era tão rico que apodrecia. Ana via o mundo fascinada e com nojo. Quando se deu conta, lembrou-se das crianças e viu que já era noite, uma vez que até o jardim já estava fechado.

Correu até seu apartamento e, quando entrou, tudo parecia estranho, grande, limpo e brilhoso, um mundo totalmente diferente do que estava experimentando até então. Seu filho corre para abraçá-la e a mesma o segura como quem quisesse protegê-lo do mal da existência. Diz que a vida era horrível. E continua dizendo que não era para o menino deixá-la. A criança sai e olha para Ana com "o pior olhar que jamais recebera" (LISPECTOR, 2009, p. 27).

Ana segue questionando-se, reflexiva. Pensa não poder negar o que experimentara, mas parecia tão difícil a ela. Ainda em meio a tais pensamentos, vai ajudar a empregada a arrumar o jantar, já que neste dia seus irmãos iriam à sua casa. Via também na sua cozinha movimentações como a que observara no Jardim Botânico que tanto a horrorizaram.

A seguir, chegam seus visitantes e jantam um jantar bom, e Ana, ainda tocada, ria suavemente de toda a situação e a disposição de todos em não discordar ou ver defeitos. Após todos irem embora e as crianças dormirem, percebe o seu marido na cozinha, que acabara de deixar o café cair e, desculpando-se diz ser um desajeitado. Ana, por sua vez, diz não querer que nada acontecesse a ele que, em tom de descontração, pede para que ela apenas permita que o fogão dê um estouro. Ana permaneceu entristecida. Ao final, o marido pega a sua mão e a leva, "afastando-a do perigo de viver". E isto fez com que acabasse a bondade de Ana que, após o longo dia, penteia-se para dormir e apagar a "pequena flama do dia" (LISPECTOR, 2009, p. 29).

Amor é um conto muito famoso de Clarice Lispector e diversas análises sobre o mesmo podem ser encontradas na literatura (POJAR; SCORSOLINI-COMIN, 2020; HÖHRIG, 2017; PAULUCCI, 2015). Pode-se considerar desde os aspectos formais da construção da personagem principal, Ana, através da técnica empregada pela autora, como a escolha das palavras a serviço de descrevê-la no decorrer da narrativa (PAULUCCI, 2015). Por outro lado, Höhrig (2017) destaca que as análises feitas sobre Clarice Lispector costumam ter um viés social, ou a falta deste, em personagens que talvez não refletissem o cotidiano do cidadão mediano. Uma visão frequente costuma ser a representatividade do feminino e as demandas de gênero que Clarice descreve (HÖHRIG, 2017).

Aproximando-se de uma visão de fato psicológica sobre o conto, cabe ressaltar o estudo desenvolvido por Pojar e Scorsolini-Comin (2020) com o tema da corporeidade e a sua relação com subjetividade da personagem Ana, onde seu estado mental/emocional é expresso por meio de reações físicas. No entanto, a análise que será desenvolvida neste estudo não busca necessariamente olhar para as relações/conflitos sociais existentes na obra, mas o desenvolvimento psicológico da personagem principal e o estado de "pouca saúde mental", em termos winnicottianos.

De saída, cabe destacar o entendimento de que está presente uma estrutura de falso *self* em Ana, possivelmente instalada por a mesma ser impossibilitada, desde muito jovem, de expressar livremente seus impulsos de criatividade, necessitando que ela buscasse, com base em estímulos, "modos de ser" possíveis a ela, devido à necessidade de proteger o seu verdadeiro *self*, uma vez que sentia uma grande ameaça a este, sendo possível encontrar na narrativa elementos que demonstrem tal hipótese, como destacado a seguir.

Winnicott (1960) destaca que para o aparecimento de um falso *self* deve-se considerar não somente aspectos individuais do sujeito, mas também no relacionamento com o meio, através do contato com a mãe ou substituta. Para este autor, a criança nasce com a tendência a um verdadeiro *self* e a sua expressão vai se dar por meio de impulsos espontâneos, ou seja, sendo a expressão máxima da sua subjetividade e criatividade. Neste ponto, a relação com a mãe tem um papel importante para o fortalecimento ou não deste verdadeiro *self*, pois, se a mãe tem a condição de acolher e complementar o gesto espontâneo do bebê, este encontra um terreno fértil para a sua expressão e, através das seguidas expressões espontâneas, o verdadeiro *self* é fortalecido. No entanto, se não há o acolhimento e complementação das ações espontâneas da criança, mas uma substituição delas pelas demandas e ações dos cuidadores, a criança é colocada em uma condição de submissão, levando à sua morte psíquica – é uma morte em vida.

Ao ler o texto de Clarice Lispector diversos elementos caracterizam-se como simbólicos diante do olhar que se tem. Logo de início, por exemplo, já é apresentado que Ana sente um certo mal-estar em sua vida. Como "Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação" (LISPECTOR, 2009, p. 19). É possível considerar que é característico de uma estrutura de falso *self* o comprometimento do sentimento de "ser" e, por este motivo, sentem uma sensação constante insatisfação ou "meia satisfação", ainda que estabelecem uma rotina estável. No entanto, o mal-estar se dá pois não começaram a de fato existir (MELLO FILHO, 2003; WINNICOTT, 1960).

Mas tudo, de fato, parecia ser bom na vida de Ana.

> os filhos de Ana eram bons [...], a cozinha era enfim espaçosa [...]. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando [...]. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, mas essas apenas [...] crescia a água enchendo o tanque, cresciam seus filhos, crescia a mesa com comidas, o

> marido chegando com os jornais e sorrindo de fome (LISPECTOR, 2009, p. 19).

Tudo parecia perfeitamente organizado *para* e *por* Ana, inclusive a seu gosto pela organização (LISPECTOR, 2009). Contudo, Winnicott (1960) destaca que para afastar o verdadeiro *self*, o falso se faz extremamente hábil, configurando-se como uma grande dedicação a cuidar de outras pessoas ou situações, de modo que o "si mesmo" fica afastado e não entra em questão. É uma adaptação defensiva a serviço de não expor o verdadeiro *self* (MELLO FILHO, 2003).

Considera-se que o desenvolvimento de um falso *self* é resultante da necessidade de adaptação a uma realidade que se impõe sobre a criança, levando-o a ser reativo ou submisso e utiliza deste ambiente para conseguir ocultar o eu verdadeiro. Contudo, quanto mais obtém êxito, mais se sente experimentando falsificações (WINNICOTT, 1960). Do mesmo modo acontecia com Ana, como destaca Lispector (2009, p. 20).

> sempre tivera necessidade de sentir a raiz firme das coisas. E isso um lar perplexamente lhe dera. Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado[...]. Sua juventude anterior parecia-lhe estranha como uma doença de vida. Dela havia aos poucos emergido para descobrir que também sem felicidade se vivia: abolindo-a, encontrara uma legião de pessoas, antes invisíveis, que viviam como quem trabalha – com persistência, continuidade, alegria. O que sucedera Ana antes de ter o lar estava para sempre fora de seu alcance: uma exaltação perturbada que tantas vezes se confundira com felicidade insuportável. Criara em troca algo enfim compreensível, uma vida de adulto. Assim ela o quisera e escolhera.

Observando a história de Ana, a partir do modo que precisou usar para "adaptar-se" ao ambiente, por inúmeros fatores externos ou pessoais, é possível considerar que sentia ameaças como sendo reais e diante da fragilidade egóica de uma criança que não tem estabelecido um processo de integração. Para que o seu verdadeiro *self* pudesse ser protegido precisou utilizar "estratégias de sobrevivência", uma vez que "ter uma vida de adulto" se tratava de algo mais aceito para ela (PÉRGOLA, 2019; PIRES, 2010; WINNICOTT, 1960; 1945).

Poderia, com isto, considerar que Ana buscava imitar uma vida que ela (ou alguém) imaginou que deveria levar, mas não correspondia à sua vida de verdade. A este respeito,

Winnicott (1960) diz que por meio de introjeções, o falso *self* constrói relacionamentos com outras pessoas e consigo mesmo que *pareçam* reais mas não o são, sendo somente meios de aplacar uma extrema angústia. Neste mesmo sentido, em seu estudo, Pojar e Scorsolini-Comin (2020) destacam que o trabalho doméstico para Ana era um centro estruturante que possibilitava sentido à sua vida, trazendo-lhe segurança. Mas a sua segurança era abalada quando esta não tinha os afazeres domésticos para estruturá-la. Ou seja, via-se esvaziada de sentido.

Isto pode ser observado em situações como Ana precisando evitar a hora perigosa do dia, quando já não era mais necessária, pois todos tinham outros afazeres e os móveis já estavam limpos e, por tal motivo, ela inquietava-se e tentava acabar isto com a mesma habilidade que lidava com os afazeres da casa, saindo para as compras ou levando coisas ao conserto e, quando retornasse, já seria necessária de novo (LISPECTOR, 2009). Uma das características de um falso *self* é justamente a sensação de futilidade e irrealidade sobre as coisas (WINNICOTT, 1960).

Isto é ao mesmo tempo a denúncia da existência de um falso *self*, bem como o grito de um verdadeiro que clama por expressão, pois são nestas falhas que o *self* verdadeiro se mostra, expondo a sua "vida secreta" (WINNICOTT, 1960, p. 131). Cabe destacar, contudo, que Winnicott (1960) salienta que o falso *self* existiria em diferentes níveis, indo desde um mais severo, que oculta e se sobrepõe totalmente o verdadeiro, passando por um gradiente que levariam até um falso *self* necessário para a convivência entre as pessoas (WINNICOTT, 1960), sendo possível considerar que, em Ana, um alto nível operava.

Ana, no entanto, passa por uma situação na qual ela não seria mais capaz de ignorar a "vida secreta" que acontecia dentro de si, e os simbolismos que Clarice Lispector empregou para demonstrar o que acontecia com a personagem ajudam a compreender o processo em vigor em seu interior:

> O bonde vacilava nos trilhos, entrava em ruas largas. Logo um vento mais úmido soprava anunciando, mais que o fim da tarde, o fim da hora instável. [...]. O bonde se arrastava, em seguida estocava. [...]. Foi então que olhou para o homem parado no ponto.
>
> A diferença entre ele e os outros é que ele estava realmente parado. De pé, suas mãos se mantinham avançadas. Era um cego.
>
> O que havia mais que fizesse Ana se aprumar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicles... Um homem cego mascava chicles.

> [...] o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento com os olhos abertos. O movimento da mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir [...]. Mas continuava a olhá-lo, cada vez mais inclinada – o bonde deu uma arrancada súbita jogando-a desprevenida para trás, o pesado saco de tricô despencou-se do colo, ruiu no chão.
> [...] os ovos se haviam quebrado no embrulho de jornal. Gemas amarelas e viscosas pingavam entre os fios da rede (LISPECTOR, 2009, p. 21-23).

Nesta passagem do conto dois pontos são importantes de serem observados. Primeiro, a representação de que tal como o bonde, a vida de Ana andava e parava, até que um fato, que se torna marcante de alguma forma, sendo este o segundo ponto, a identificação com o cego; mas este fato faz com que algo (o seu pesado saco de tricô) se quebre. Ou seja, pode-se entender que apesar de, para Ana, a sua vida ser boa, seus filhos, sua casa e seu marido serem bons, ainda sentia que ela parava, ficava sem vida. E isto era para si um pesado fardo que tinha que carregar constantemente. Como destaca Winnicott (1960), o falso *self* falha e a identificação com o cego fez com que esta defesa se quebrasse e ruísse, e "partes" do seu verdadeiro *self* começassem a escorrer por entre a rede.

Até mesmo é interessante pensar que a imagem do ovo pode ser associada à vida, um embrião de algo novo que pode surgir e desenvolver. O mesmo ovo que aparece em diferentes textos de Clarice, como *O ovo e a galinha* e a *A vida íntima de Laura*, este último dedicado ao público infantil. Mas aqui uma digressão é importante: Clarice considerava a imagem do ovo, em *O ovo e a galinha*, um de seus textos mais complexos e mesmo herméticos, sem que ela mesma pudesse explicá-lo, como afirmado em algumas de suas entrevistas (GOTLIB, 2011). O que seriam, então, esses ovos quebrados, que não a revelação da quebra de um segredo, de um processo de desnudamento diante da realidade?

Já o segundo ponto a se destacar é a identificação com o cego. A identificação pode ser entendida como um processo mental que através de sentimentos como empatia, a pessoa reconhece ou assimila para si aspectos ou atributos de outra coisa ou alguém, buscando ser como este outro (MELLO FILHO, 2003; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001). Ana, deste modo, reconheceu-se no cego e mascava chiclés no escuro sem sofrimento, parecendo que neste movimento estava sorrindo e deixando de sorrir, e assim sucessivamente. Ou seja, encontrava-se sem visão ou reconhecimento de si, apenas levando a sua vida de modo mecânico – ou seria

um verdadeiro *self*? – ao qual nem se quer possivelmente chegava a sorrir, mas tamanho era o engodo que somente *parecia* sorrir.

"O mal estava feito. A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara." (LISPECTOR, 2009, p. 22). As estruturas que Ana usava para manter-se não conseguiam superar a visão que ela conseguira alcançar sobre si mesma e a vida tornava-se áspera, não mais conseguia ter a fluidez que precisava para manter afastado os seus verdadeiros aspectos mais profundos.

> O que chamava de crise viera afinal. E sua marca era o prazer intenso com que olhava agora as coisas, sofrendo espantada, o calor se tornara mais abafado, tudo tinha ganho uma força e vozes mais altas. [...] um cego mascando chicles mergulhara o mundo em escura sofreguidão. [...] Ana caíra numa bondade extremamente dolorosa.
> Ela apaziguara tão bem a vida, cuidara tanto para que esta não explodisse. Mantinha tudo em serena compreensão, separa uma pessoa das outras, as roupas eram claramente feitas para serem usadas e podia-se escolher pelo jornal o filme da noite – tudo feito de modo a que um dia se seguisse do outro. E um cego mascando goma despedaçava tudo isso. E através da piedade aparecia a Ana uma vida cheia de náusea doce, até a boca (LISPECTOR, 2009, p. 23).

É possível considerar que Ana tivera falhas enquanto passava pelo processo de integração, pois as sensações que a invadem a consomem e confundem, instaurando uma "crise" e os impulsos vindos do seu *self* verdadeiro não conseguem ser plenamente assimilados. Ou seja, sabe-se que a mãe tem um papel importante no desenvolvimento saudável do bebê e que sucessivas falhas ou invasões levam este a: 1. Ter a sua integração e personalização defasada; e 2. se sujeitar à vontade deste cuidador, levando ao desenvolvimento de uma estrutura tal como o falso *self* (WINNICOTT, 1945; 1960).

O texto de Clarice Lispector segue dizendo que Ana "passara do seu ponto de descida" (2009, p. 23) e a pergunta mais óbvia a ser feita é em qual ponto ela deveria ter parado para evitar tudo o que estava sentindo? E Clarice Lispector continua, diz que "ela procurava inutilmente reconhecer os arredores, enquanto a vida que descobrira continuava a pulsar [...]. Enfim pôde localizar-se andando um pouco mais, atravessou os portões do Jardim Botânico (LISPECTOR, 2009, p. 24). A ideia que esta passagem remete é a de pensar por quais caminhos Ana passava mentalmente? Onde ela estaria, afinal? Em qual lugar de sua mente para que ela

não conseguisse se reconhecer. No entanto, é interessante notar que Ana adentra ao Jardim Botânico, um lugar de "natureza selvagem", onde há espaço para crescer e florescer. Onde a natureza mostra a sua força, onde o controle humano é pouco efetivo. A natureza selvagem reina por sobre qualquer tentativa de mascaramento.

"Não havia ninguém no Jardim [...] sentou-se no banco de um atalho e ali ficou muito tempo. A vastidão parecia acalmá-la, o silêncio regulava a sua respiração. Ela adormecia dentro de si." (LISPECTOR, 2009, p. 24). Tal trecho leva a considerar que pelo pequeno processo de integração que poderia estar acontecendo, partes de seu verdadeiro *self* também poderiam começar a aparecer e ela passa a sentir uma experiência de que algo é real (WINNICOTT, 1960).

Pode-se considerar que Ana começava a ter vivências de verdadeiro *self* pois, na passagem seguinte, diz Clarice Lispector (2009, p. 24-25).

> Ao seu redor havia ruídos serenos, cheiro de árvores, pequenas supressas entre os cipós. [...]. De onde vinha o meio sonho pelo qual estava rodeada? [...] Tudo era estranho, suave demais, grande demais.
> Um movimento leve e íntimo a sobressaltou – voltou-se rápida. [...].
> [...] E de repente, com mal-estar, pareceu-lhe ter caído numa emboscada. Fazia-se no Jardim um trabalho secreto do qual ela começava a se aperceber.
> Nas árvores as frutas eram pretas, doces como mel. [...] A crueza do mundo era tranquila. O assassinato era profundo. E a morte não era o que pensávamos.
> [...] Como a repulsa que precedesse uma entrega – era fascinante, a mulher tinha nojo, e era fascinante.
> As árvores estavam carregadas, o mundo era tão rico que apodrecia. [...]. A moral do Jardim era outra. Agora que o cego a guiara até ele, estremecia nos primeiros passos de um mundo faiscante, sombrio [...].
> [...] O Jardim era tão bonito que ela teve medo do Inferno.

Pode-se perceber que Ana, ao sentir que seu verdadeiro *self* aparecia passa a ver o mundo e a si mesma de modo distinto, mais integrada, podendo tanto regozijar-se, como enojar-se com o que via. Destaca Mello Filho (2003) que a dissolução do falso *self* não é fácil, uma vez que para isto é necessário se deparar com sentimentos como medo, morte, desespero e solidão. Considera ainda que a solidão seria o pior, pois ficava à mercê de sentimentos invasivos e isto leva ao desespero. No entanto, lidar com a solidão faz-se necessário, uma vez que esta é a condição *in natura* de todo ser humano e, através do amor, esta é temporariamente aplacada.

Mello Filho (2003) aponta que o medo da solidão da pessoa que possui um intenso falso *self* é de que ela irá se deparar com o próprio vazio e isto a aterroriza, o que faz, por exemplo, que uma pessoa se torne permanentemente ocupada, como Ana, para evitar a hora difícil. Para este autor, ainda, o medo da solidão é resultado do que Winnicott propõe como a incapacidade de estar só, uma vez que, para Winnicott (1958), a incapacidade de se ver sozinho pode levar a uma falsa noção de independência, motivada pelo falso *self*.

Do mesmo modo, cabe destacar que este movimento interno permaneceu vigente em Ana até quando estava em sua casa. Diz Clarice Lispector (2009, p. 26) sobre Ana:

> (...) a piedade pelo cego era tão violenta como uma ânsia, mas o mundo lhe parecia seu, sujo, perecível, seu". Destaca-se novamente que a piedade que Ana sentia não era pelo cego de fato, mas neste processo de identificação com o mesmo, sentia piedade de si, do seu "modo moralmente louco de viver. [...] com aquele vago sentimento de asco que aproximação da verdade lhe provocava (LISPECTOR, 2009, p. 26).

Em casa, Ana abraça apertado o seu filho, como se soubesse de um mal, seja o cego ou o Jardim Botânico, e diz a ele que a vida era horrível. Fora verdadeiramente assustador para Ana deparar-se com este "estranho tão familiar" como destaca Freud (1919). Cabe até mesmo pensar se Winnicott também não teria sido influenciado por tais formulações de Freud para discorrer sobre o falso *self*, uma vez que ambas guardam semelhanças.

Mas Ana sentia vergonha, pois algo havia sido rompido e um cego a havia levado ao pior de si (LISPECTOR, 2009). Ana envergonhava-se do modo moralmente louco de viver? Da sua própria cegueira? Ou de ter se deparado com o *seu* Jardim, que era ao mesmo tempo criador, mas voraz? No entanto, diz Lispector (2009) que Ana amava o cego. Afinal, a existência do falso *self* traz o benefício de proteger o verdadeiro *self*. Assim, seguiu-se o dia de Ana

> Depois o marido veio, vieram os irmãos e suas mulheres, vieram os filhos dos irmãos.
>
> Jantaram com as janelas todas abertas, no nono andar. [...] Apesar de ter usado poucos ovos, o jantar estava bom. [...] Ana estava um pouco pálida e ria suavemente com os outros.
>
> Depois do jantar, enfim, a primeira brisa mais fresca entrou pelas janelas. Eles rodeavam a mesa, a família. Cansados do dia, felizes em não discordar, tão

> dispostos a não ver defeitos. Riam-se de tudo, com o coração bom e humano. [...] Ana prendeu o instante entre os dedos antes que ele nunca mais fosse seu (LISPECTOR, 2009, p. 28).

Mello Filho (2003) destaca que para pessoas com um falso *self* severo, as relações sociais podem parecem normais, como amizade, amor, simpatia, compreensão, contudo, não haveria calor humano, ou verdade, nestas relações e as expressões são apenas formais. Da mesma forma, Winnicott (1960) diz que nas relações estabelecidas com base em um falso *self*, a espontaneidade não tem espaço para ser mostrada e as relações seriam como representações de papeis.

Destaca-se também que mudanças que não são feitas em uma base sólida, não duram com o tempo, como salienta Winnicott (1960) ao afirmar que deve ser falado com o falso *self* sobre o seu verdadeiro e, tal como no desenvolvimento do bebê, é preciso que a mãe acolha e dê força ao *self* verdadeiro; para pessoas com um falso, é preciso que o verdadeiro seja resgatado de seu interior e encontre expressão na realidade. Ana, no entanto, chega a questionar se "o que o cego desencadeara caberia nos seus dias?" (LISPECTOR, 2009, p. 29).

Contudo, Ana não parece encontrar forças ou ajuda para que esta mudança tenha sustentação, pois seu marido, como destaca Lispector (1960, p.29) "segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver. [...] e, se atravessara o amor e o seu inferno, [...] antes de se deitar, como se apagasse uma velha, soprou a pequena flama do dia".

Segundo Winnicott (1960), é necessário renunciar à onipotência e lidar com a realidade objetiva, tanto interior quanto do mundo, não precisando reagir por vias de submissão para com este ambiente, mas a verdadeira expressão espontânea e criativa de si sendo permitida e tolerada, pois em um falso *self* pode-se considerar que não há uma existência real, mas uma falsa existência. Como destaca Winnicott (1960, p. 139), "o falso *self*, não importa quão bem se posicione, carece de algo, e este algo é o elemento central essencial da originalidade criativa".

Neste mesmo sentido, cabe destacar a visão de Bulamah e Kupermann (2020) de que o verdadeiro *self* "puro" estaria em um estado tal qual fosse "impossível" de alcançar, pois quando se entenderia que à medida que se atingisse o mesmo, pelo impulso da força criadora e criativa dentro de cada ser, já teria feito modificações e já seria uma representação momentânea do si mesmo, por ser uma representação, já não o é na realidade. Desta forma, o ser humano estaria sempre em movimento na direção de si, não havendo um ponto ao final, mas a constante mudança provocada pela espontaneidade.

A imitação da rosa

A imitação da rosa se trata de um conto sobre a história de Laura, que retorna ao seu lar depois de um período internada em um hospital psiquiátrico. Contudo, no decorrer do texto, em momento algum isto é dito abertamente, mas sempre com uma sutil alusão a tal fato – um retiro, uma internação, um afastamento do lar e da sua família para tratar-se. Podemos dizer, nesse sentido, que o conto retrata a vida de uma mulher que passara por algum tipo de tratamento no campo da saúde mental, tratamento este que deixara marcas importantes em sua vida atual. Essas marcas são sugeridas não apenas pelo modo como ela narra ou faz menção ao seu passado, mas também pelo modo como o marido fala desse período pregresso, como discorreremos na presente análise.

Este conto tem sido revisitado na contemporaneidade, sobretudo a partir de uma discussão mais direta sobre o adoecimento psíquico e sobre o estigma associado aos transtornos mentais. À época de sua divulgação, Caetano Veloso foi um dos grandes entusiastas do conto. Segundo Moser (2017), em um texto de Caetano publicado originalmente no *Jornal do Brasil* em 1992 intitulado *Clarice segundo suas paixões*, destaca que o conto *A imitação da rosa* refere-se à "indizível luminosidade da loucura", em uma acepção ao modo como o adoecimento psíquico é retratado.

A história inicia com Laura, agora, de novo "bem", se arrumando para que quando Armando, seu marido, voltasse, saíssem de novo, como antigamente, de braços dados, para visitarem seus amigos Carlota e João. Durante sua preparação, Laura se pega pensando há quanto tempo não faziam isto, saírem para visitar amigos e ter conversas com os mesmos, ele sobre coisas de homem e ela sobre coisas de mulher, ainda que diante da rudeza e desprezo de Carlota, a amiga. Sabia ainda que com isto voltaria a um estado de insignificância.

Contudo, tinha a "sorte" de contar com a ajuda de seus amigos para que ela sentisse que estava "bem", como se houvesse um esquecimento geral sobre o que havia se passado. Há, portanto, uma névoa protetora sobre o seu passado, como se as pessoas devessem se relacionar com ela a despeito do que havia ocorrido. Essa série de preocupações sobre o seu passado pode indicar que o seu período de tratamento ou mesmo de internação tenha sido conturbado, significativo ou mesmo traumático. Há, pois, uma certa necessidade de esquecer ou de relevar o passado de Laura e o seu adoecimento.

Enquanto pensava a respeito desta noite, olha no espelho tentando reconhecer-se, seu rosto possui um uma graça doméstica, em todas as suas feições, da pele morena aos olhos e cabelos marrons e, lá no fundo, quase escondidas, suas mazelas. Laura tinha gosto pelo método

e isto a fazia desde sempre ficar atenta aos detalhes, planejando e organizando para que no momento necessário tudo estivesse pronto; e enquanto esperaria Armando chegar, estaria de banho tomado, vestida em seu vestido marrom de gola de renda creme. Contudo, Laura não tinha a admiração de ninguém, nem de Carlota, já que sempre foram completamente diferentes. Carlota era ambiciosa, efusiva e não via perigo em nada, Laura era cuidadosa e lenta e, sempre cuidava para continuar sendo.

Laura, devido ao que tivera acontecido – e que não é revelado ao leitor, apenas sugerido –, tinha alguns "rituais" que seguia como recomendações médicas. Ainda que não fizessem sentido para si, por exemplo, deveria sempre, entre as refeições, tomar um copo de leite para que não ficasse de estômago vazio. Cumpria copiosamente as recomendações, ainda que não estivesse ansiosa, por exemplo. Mas Laura sentia que nas recomendações do médico havia contradições, como para que ela justamente não ficasse preocupada ou ansiosa para se lembrar destas recomendações. No entanto, cumpria sem questionar:

> O embaraçante é que o médico parecia contradizer-se quando, ao mesmo tempo que recomendava uma ordem precisa que ele queria seguir com o zelo de uma convertida, dissera também: "Abandone-se, tente tudo suavemente, não se esforce por conseguir – esqueça completamente o que aconteceu e tudo voltará com naturalidade". E lhe dera uma palmada nas costas, o que a lisonjeara e a fizera corar de prazer. Mas na sua humilde opinião uma ordem parecia anular a outra, como se lhe pedissem para comer farinha e assobiar ao mesmo tempo. (LISPECTOR, 2009, p. 36).

Enquanto esperava Armando, sentou-se no sofá e olhava a sua própria casa, recentemente recuperada, arrumada e fria, com um ar impessoal. Laura sentia que "seu lar era a sua imagem e semelhança" (LISPECTOR, 2009, p. 37). Olhava a sua casa e pensava satisfeita que era bom estar de volta, e ter de novo a sua rotina cansativa, e era bom estar cansada, reconhecendo a sua utilidade, por passar as camisas de Armando e arrumar as gavetas, chegando a desarrumá-las para arrumá-las de novo, e não ter mais aquele vazio que por vezes se via invadida.

Neste dia, no entanto, apesar do cansaço, não tinha tempo de dormir, pois, à noite, teria o jantar na casa de Carlota – o primeiro desde o seu retorno. Por ser o primeiro evento fora de casa não queria chegar atrasada, tudo deveria estar perfeito para esta noite. Laura pensa que tem que deixar tudo arrumado antes de ir e deveria estar pronta em seu vestido marrom com gola

de renda creme que lhe dava um tom infantil. Estava de volta à paz noturna na Tijuca e não mais naquele lugar, cegada pela luz e à mercê das enfermeiras (LISPECTOR, 2009).

Laura agora sairia de braços dados com Armando, que ninguém diria, mas tinham seus momentos de malícia, e o mesmo sentia-se lisonjeado com as coxas de sua mulher. Tanto que Carlota ficaria espantada se soubesse que Laura e Armando tinham uma vida íntima, pois sua amiga apenas achava que ela era uma mulher um pouco chata, ordeira e comum. Com seu marido, no entanto, tinha a visão de que era como uma esposa deve ser (LISPECTOR, 2009).

Enquanto pensava tais coisas, olhou a sua sala, com as cortinas curtas da última lavagem, mas tudo arrumado, sem poeira e limpo pelas suas próprias mãos. Lindo como uma sala de espera impessoal, com um jarro de flores. Este chamou sua atenção. Pensou como elas eram lindas, pequenas rosas silvestres, que ela comprara pela manhã na feira pela insistência do vendedor e por sua ousadia. Laura nunca havia visto rosas tão bonitas. Olhava as rosas com atenção, mas sentia que deveria interromper esta admiração, embora as achasse tão lindas. Pareciam até artificiais de tão lindas. Ficava até mesmo um pouco constrangida e perturbada com tamanha beleza, aquela beleza a incomodava.

Ouviu a empregada preparando-se para sair, então teve a ideia de pedir para que a mesma levasse, como um presente seu, as lindas rosas para Carlota. Imaginou a cena em sua mente, o diálogo entre ela e Carlota, e os agradecimentos pelo lindo presente surpreenderiam a todos e ela mostrar-se-ia sã, gentil e educada. E ela mesma ficaria livre daquelas rosas que a incomodavam. Mas Laura temia causar espanto nas pessoas, ainda mais depois de tudo que aconteceu.

De súbito, chamou Maria, a empregada, e pediu para que deixasse as rosas na casa de Carlota a seu mando. Queria fazer um lindo arranjo para o presente, mas ouvia algo dentro de si dizendo para que ela não desse as rosas, já que eram tão lindas. Pensou, as rosas são suas e nada nunca era dela, questionava-se se deveria ficar com aquelas rosas? Mas Laura tinha gravado em si que coisas bonitas eram para se dar e receber, “não apenas para se ter. E, sobretudo, nunca para se ‘ser’” (LISPECTOR, 2009, p. 47).

Uma luta em seu interior acontecia, tentava persuadir-se a ficar com as rosas, ao mesmo tempo que considerava o incômodo causado por elas e como seu gesto seria recebido. Tentou isentar-se da responsabilidade pelas rosas, pensando que o vendedor insistiu para que ela as levasse, seria mais fácil assim livrar-se delas? Mas tais pensamentos eram em vão. Pensava apenas que já havia falado com Maria e não teria como voltar atrás. Poderia tentar dizer que levaria à noite, e não as levar. No entanto, a empregada questiona Laura se as rosas estavam

prontas para serem levadas, que surpreendida responde que estavam, e aos poucos, viu-as se afastar e quando se dá conta, já não estão mais ali.

Laura pensava ainda como poderia dá-las, eram lindas e eram suas, a primeira coisa linda que era verdadeiramente sua. Mas já não estavam mais consigo, pensou em alcançar Maria, mas agora ela já estava longe demais e não seria possível ter novamente aquelas rosas. Sentou-se no sofá e questionava onde estavam as suas rosas, elas faziam falta a ela, sentia uma grande ausência dentro de si. Algo havia deixado este espaço e o cansaço fora sumindo.

Via que já era hora de arrumar-se para esperar Armando, mas não conseguia parar de pensar nas rosas. Pensava em como se arrumaria, mas a insatisfação já estava ali, passou a tarde e chegou a noite. Ouviu Armando chegando da rua, podiam não falar verbalmente sobre o que havia acontecido no passado, mas havia uma linguagem não verbal que era perfeitamente compreensível para ambos, onde medo e confiança se comunicavam, até que o silêncio foi rompido quando ela disse: "- Voltou, Armando. Voltou." (LISPECTOR, 2009, p. 51-52). Armando questiona o que havia voltado, mas já começara a entender. Laura ainda tentou dizer que não conseguira impedir, mas havia voltado, quase como se o pedisse perdão. Armando a olhava, sem uma palavra a dizer, via apenas sua mulher sentada no sofá cada vez mais distante de si.

O conto em questão tem uma carga dramática muito intensa, pois o sofrimento e a angústia da personagem Laura são evidenciados durante toda a narrativa do conto, aparecendo, às vezes, de maneira mais sutil, outras de modo ostensivo, seja principalmente pelo medo do mal que antes a acometera, não especificando o que, mas, provavelmente, um primeiro episódio psicótico; como também dramas que já a acompanham de longa data, como o achar-se "burrinha" ou "chatinha", além da sua impossibilidade de ser mãe.

Sobre Laura há diversas análises produzidas, principalmente no tocante a um viés social que recai sobre a personagem, como questões de gênero e o que isto envolve, como o papel da mulher, a conjugalidade e a maternidade, como os desenvolvidos por Freire (2020) e Ataíde (2020). Há também o estudo de Silva (2017) que aborda a "loucura" de Laura como fuga das imposições sociais colocadas sobre ela, tal qual um aprisionamento e sua libertação na forma de adoecimento mental.

Cabe destacar que o que irá ser entendido por "loucura" e os elementos que a envolvem, bem como a tentativa de explicação do que levou a personagem a apresentar um adoecimento mental referem-se a uma visão psicanalítica winnicottiana, sendo que, na própria vertente psicodinâmica, há uma gama de ideias que compreendem o adoecimento, tal como a visão de

Bion (1957; 1961) onde este apresenta a parte psicótica e não-psicótica da personalidade e a teoria do pensar, respectivamente.

Para entender o processo de adoecimento mental e, principalmente, sobre o que acontece com a personagem principal do conto, deve-se olhar para o processo de desenvolvimento do ser humano para Winnicott, em especial o período do seu nascimento, já que este é o período mais importante para o estabelecimento de uma personalidade integrada. Se pode dizer de início que a mesma se trata de uma personalidade fronteiriça devido à sua frágil integração e personalização. A maneira como isto a afeta ficará mais claro no decorrer da análise.

De saída deve-se considerar que Winnicott (1963a) propõe uma mudança de paradigma na visão de desenvolvimento emocional da qual circulava no meio psicanalítico de sua época, saindo da organização em fases psicossexuais (oral, anal, fálica e genital), como exposto inicialmente por Freud, para um olhar de dependência à independência. Segundo Winnicott (1963a), o desenvolvimento inicial de uma pessoa pode ser dividido em três categorias, a dependência absoluta, a dependência relativa e rumo a independência e, dentro destes estágios, há *processos psíquicos* importantes que devem acontecer em um desenvolvimento saudável. O primeiro destes estágios, o de dependência absoluta, deve levar em consideração que o bebê depende exclusivamente das provisões da mãe para manter-se vivo, tanto física quanto mentalmente.

Deve-se levar em consideração que, em termos mentais, o bebê tem tanto uma dependência quanto independência do ambiente, pois há fatores que são herdados e dificilmente podem ser alterados, como, por exemplo, doenças genéticas, sendo neste sentido que se diz haver uma "independência"; há outros, no entanto, que dependem da ação do ambiente para que possam se desenvolver e atingir o seu potencial e, neste sentido, um importante *processo psíquico* deve acontecer, o de integração, que se dá, desde o seu nascimento, através e devido aos cuidados da mãe (WINNICOTT, 1945).

Winnicott (1963a) destaca que a mãe, ao acabar de dar à luz a um bebê está devotada ao cuidado do mesmo, pois é capaz de identificar-se com as necessidades deste. As mães teriam a capacidade de inconscientemente rememorar as suas próprias experiências enquanto bebê e, por tal motivo, entender o que aquele ser frágil precisa. Por esta "regressão" ela também se encontra em um estado de dependência, sendo importante que o ambiente ao qual ela está inserida provenha uma condição saudável para que ela cuide deste lactante, atendendo às suas necessidades.

A criança neste momento ainda é muito frágil e se vê em uma condição muito nova e diferente da qual estava anteriormente dentro da barriga da mãe. O ar entrando pelos pulmões,

a temperatura do ambiente, da água de seu banho, o alimento que recebe, tudo isto está inserido na condição de dependência da criança. Qualquer falha ou estímulo é sentido como invasão e provoca grandes reações na criança e tem consequências em seu desenvolvimento. Contudo, Winnicott (1963a) ressalta que é importante considerar sempre as tendências hereditárias da criança para além do ambiente que este está inserida.

O segundo estágio, o de dependência relativa, para Winnicott (1963a; 1945) vem na esteira do anterior, pois o bebê já não está mais tão sensível ao ambiente e a mãe já começa a retomar a sua própria independência. Neste momento, falhas naturais do ambiente já começam a ser toleradas e é possível se adaptar a estas. À medida que vai se apresentando continuamente e gradativamente o mundo ao bebê, este vai sendo levado a uma condição maior de desenvolvimento e tolerância.

Neste ponto é importante considerar que o cuidado que se tem sobre este bebê seja o mais estável possível, inclusive pelos mesmos cuidadores para que haja uma continuidade do modo de cuidar desta. Ou seja, é preciso que a pessoa que cuida seja *sempre ela mesma* em sua espontaneidade e criatividade, e dentro do possível cuide da mesma forma; isto marca para o bebê que ele tem segurança no ambiente e que também pode ser ele mesmo. Havendo grandes confusões e diferenças nos cuidados deste bebê, a apresentação do mundo fica confusa e, consequentemente, a própria criança começa a desenvolver confusões sobre si mesma e sobre o mundo (WINNICOTT, 1963a). Neste sentido, o processo mental ao qual o bebê deve atingir é o justamente o da personalização, ou seja, saber que naquele todo que estava se formando há uma personalidade que habita e que pode ser expressa (PÉRGOLA, 2019; PIRES, 2010; WINNICOTT, 1945).

No estágio seguinte, rumo à independência, a criança começa a entrar em contato com o mundo de modo mais real e paulatinamente vai estabelecendo mais vínculos sociais e com a sociedade, que passa a ser extensão de si, à medida que consegue agir neste mundo de forma espontânea, pois já criou uma noção própria de sua existência e há um ego e um *self* minimamente estruturados. Isto implica em responsabilidade pessoal e para com o mundo (WINNICOTT, 1963a).

Tendo definido este processo, pode-se começar a esmiuçar o que sente uma pessoa com uma frágil integração e personalização, como no caso de Laura. Apesar de não se ter acesso ou conhecimento sobre a sua "pré-história", é possível dizer que muito precocemente houve algum tipo de falha que prejudicou o seu desenvolvimento e todo o potencial que a mesma poderia desenvolver, tendo em conta o desenvolvimento emocional apresentado por Winnicott. Sobre esta falha, não se dá para afirmar com certeza de que tipo seria (se é que em qualquer pessoa

daria para afirmar), mas pelo grande vazio que será demonstrado pela personagem, pode-se conjecturar que viveu uma ausência muito intensa da figura materna, como destaca Green (1980).

Nesta direção, Winnicott (1962) afirma que no início da vida do bebê é preciso considerar que ainda não existe um ego propriamente formado, com conceitos definidos, tais como a fome, o sono, o frio, por exemplo, mas um ser que sente apenas algo muito ruim e uma *ansiedade inimaginável*, que é aplacada pelo cuidado da mãe e sua condição de atender às necessidades do seu bebê. Se o ego do lactante puder ser protegido em seu desenvolvimento e sentir que existe segurança no ambiente durante o processo de integração e personalização, cria-se um senso de continuidade existencial e uma personalidade própria. Deve-se considerar, portanto, que "integração se relaciona com cuidado, personalização, com manejo" (WINNICOTT, 1962, p. 59), ou seja, atender ou não às necessidades e o modo como se lida com estas.

É importante frisar que o processo de integração acontece por intermédio da mãe que consegue ir "juntando as partes" do bebê acolhendo-o, segurando-o e mostrando que ele é um ser que tem existe e para alguém. Quando acontece a integração é possível existir a diferenciação do eu e do não-eu, o que abre portas para relações projetivas e introjetivas do sujeito com o mundo (WINNICOTT, 1962; 1945).

Segundo Winnicott (1962; 1945), se a criança não conseguir ter uma boa integração, devido a falhas intensas neste processo, sentirá uma ansiedade inimaginável e terá dificuldades severas no seu senso de continuidade existencial e de formação da própria personalidade, que precisará lançar mão, muitas vezes, de elementos externos a si para conseguir definir-se, sendo isto quase um pedido, mais até uma necessidade de a pessoa tornar-se conhecida (para os outros e para si mesma) sobre seus mínimos detalhes. Isto acontece, pois, ao utilizar elementos que a descrevam e a torne passível de ser conhecida, a pessoa sente que pode haver alguma integração.

É importante frisar que este processo supracitado cobre toda a história da personagem. No entanto, destaca-se neste ponto que a própria "apresentação" de Laura acontece desta maneira, quase que precisando juntar elementos para descrever-se

> E ela mesma, há quanto tempo? Seu rosto tinha uma graça doméstica, os cabelos eram presos com grampos atrás das orelhas grandes e pálidas. Os olhos marrons, os cabelos marrons, a pele morena e suave, tudo dava a seu rosto já não muito moço um ar modesto de mulher [...] ela Laura, um pouco

> lenta, e por assim dizer cuidando em se manter sempre lenta (LISPECTOR, 2009, p. 35).

E, mais adiante:

> Ela castanha como obscuramente achava que uma esposa deveria ser. Ter cabelos pretos ou louros era um excesso que, na sua vontade de acertar, ela nunca ambicionara. Então, em matéria de olhos verdes, parecia-lhe que se tivesse olhos verdes seria como se não dissesse tudo a seu marido (LISPECTOR, 2009, p. 41).

Winnicott (1962; 1963b) acrescenta que os resultados oriundos das falhas acontecidas durante a integração podem favorecer o surgimento de elementos esquizoides na personalidade, podem permanecer ocultos em uma "personalidade normal", ou adaptados à cultura, dentro de um "gradiente de normalidade". No entanto, cabe destacar que, não raro, a pessoa carrega sensações de desorganização e fragilidade muito intensos. Mas nem somente falhas causam prejuízos no processo de integração do bebê. É verossímil considerar ainda que o distanciamento afetivo da figura materna e a falta de cuidados podem provocar a sensação de vazio, futilidade, impotência e ver-se desprovido de qualquer valor, sendo que nada poderia brotar de si. Portanto, o vazio se dá justamente por não ter acontecido nada enquanto havia uma possibilidade proveitosa de que algo acontecesse no início da vida, permanecendo somente um espaço rico e "abandonado" (GREEN, 2008).

É visto que Laura casou-se com Armando e, quando jovem, frequentou o colégio religioso Sacré Coeur. Contudo, no próprio tempo do Sacré Coeur, já apresentava "sintomas", ou padrões de comportamento que denunciavam algo estranho consigo, como ver-se repetitiva "amolando" as pessoas, a rigidez mostrada no seu gosto minucioso pelo método e dificuldades de aprendizagem, considerando-se "burra" (LISPECTOR, 2009). Até mesmo é possível pensar que a impossibilidade de Laura ter filhos seja uma representação simbólica para a sensação de ser desprovida de qualidades, chegando à infertilidade ou expressando a sua infertilidade.

Outro pronto a se destacar sobre a frágil integração e personalização, no entanto, não sendo, neste caso específico o foco principal, é que quando o ego fica frágil e se vê extremamente ameaçado pode desenvolver um falso *self*, como visto anteriormente. O falso *self* se trata justamente de uma organização mais ou menos bem-sucedida para proteger o *self* verdadeiro (WINNICOTT, 1962; 1960). É visto que Laura esforçava-se para acreditar que

estava “bem” e inclusive contava com a “colaboração” de pessoas próximas para demonstrar que isto era de fato real. De fato, Laura não está bem, possivelmente estando ainda em seguimento e acompanhamento médico. Mas o seu esforço por parecer normal ou demonstrar ações que sejam consideradas normais e aceitáveis socialmente acaba mesmo expressando-se de modo fragmentado, sugerindo uma proteção ao seu *self* verdadeiro, a quem ela realmente é. Mas Laura não pode ser, pelo contrário – deve seguir prescrições e ser como os demais esperam que ela seja – o marido, a amiga, a empregada, as demais pessoas que circundam as suas relações.

Segundo Winnicott (1962), é possível considerar que as falhas ambientais muito precoces podem ainda distorcer a organização do ego, sendo o seu extremo a psicose. Para Winnicott (1959) é possível considerar a utilização dos termos neurose e psicose, contudo é preciso cautela diante de classificações psiquiátricas, haja vista que, em psicanálise, fala-se em funções mentais, diferente de estruturas estáticas com as quais a psiquiatria tradicional trabalha. Nesta perspectiva psicanalítica, têm-se acesso a diferentes camadas da história pessoal do sujeito, compreendendo-se os momentos em que houve falhas dos diferentes estágios de seu desenvolvimento saudável. É possível considerar que o adoecimento psiquiátrico é mais profundo e multifacetado do que acredita um leigo ou um desavisado, nas palavras de Winnicott (1959, p. 121): “uma histérica pode se revelar uma esquizofrênica subjacente, uma pessoa esquizóide pode vir a ser um membro sadio de um grupo familiar doente, um obsessivo pode se revelar um depressivo”.

Winnicott (1959) destaca, inclusive, que se deve considerar a existência de um “gradiente” quando se aborda tanto a neurose quanto a psicose, como, por exemplo, em certos aspectos, a dita normalidade estaria mais próxima da psicose do que da neurose, pois, como ressalta o exemplo do artista, sendo aquele que consegue entrar em contato com emoções ou vivências muito primitivas, algo que diriam ser fruto de uma mente insana e transformá-las em algo de valor, enquanto outras pessoas “normais”, ou neuróticas, não conseguiriam tolerar aproximar-se de tais aspectos (WINNICOTT, 1959).

No entanto, Winnicott (1963b; 1959) destaca que algumas pessoas sentem medo de um colapso nervoso. Pode-se pensar que quando existe este temor o colapso já existiu e o que se observam como sintomas são as defesas utilizadas para lidar com a devastação que já aconteceu. É possível entender “colapso” como a *angústia impensável* vivenciada diante da sensação de ameaças precoces na vida do lactante, no período em que não tinha aparato mental para sequer entender o que sentia. Portanto, pode-se considerar que o temor de colapsar está ligado à ameaça de haver uma desintegração, ou despersonificação do eu, visto que isto ataca diretamente o

senso de existência e de personalidade do sujeito. No entanto, o colapso já existente deixa reminiscências que podem vir à tona (WINNICOTT, 1963b; 1959).

Sobre isto, vê-se que Laura, em seu esforço para sentir que estava "bem", sentia e evitava pensar que poderia novamente colapsar, apesar da sensação eminente. Procurava acreditar que estava bem para não sentir aquela falta de fadiga, aquele vazio, a incapacidade de dormir. Isto nunca mais voltaria, não voltaria a aqueles dias das enfermarias, afinal, fora apenas *uma* fraqueza.

Como dito, portanto, segundo Winnicott (1959, p. 124), "as deficiências ambientais que produzem psicose fazem parte do estágio anterior àquele que o indivíduo em desenvolvimento tem a capacidade de estar perceptivo", ou seja, em estágios muito iniciais onde não há ainda uma mínima estruturação enquanto pessoa. Quando acontecem muito precocemente, estas deficiências ambientais deixam marcas no desenvolvimento, levando a dificuldades no estabelecimento do *self* do sujeito. Segundo Winnicott (1959), o desenvolvimento de uma psicose é ao mesmo tempo resultante de uma impossibilidade de maturação do sujeito na infância e a representação de que as defesas do ego falharam, sendo preciso a utilização de defesas cada vez mais arcaicas, tais como negação da realidade, alucinação, delírio, mania ou depressão (WINNICOTT, 1963b).

Observa-se, ainda, que Laura seguia religiosamente as recomendações médicas, ainda que as mesmas não fizessem sentido para si, do contrário, a deixavam mais confusa e angustiada, mas se o fizesse, se esqueceria do que havia acontecido e tudo voltaria naturalmente a ser como era antes. A mesma coisa com seus "rituais" para acalmar-se, como ocupar-se de coisas que a deixassem cansada, como arrumar a sua casa impessoal, passar as camisas de Armando e arrumar as gavetas (LISPECTOR, 2009).

Observa-se, portanto, que Laura vinha tentando reorganizar suas defesas para lidar com o colapso acontecido e para que o mesmo não acontecesse novamente. Nessa busca por não entrar em colapso e repetir o itinerário parecer estar, novamente, na iminência desse colapso. Tudo acontecia como o planejado, até o momento em que viu o jarro de flores sobre a mesa e esta visão a deixou confusa, angustiada, ansiosa e com medo de não poder se controlar. Como destaca Winnicott (1959), durante a organização das defesas o sujeito é afetado por todo tipo de fator ambiental e permanece em um estado de desorganização, ou caos.

Como descreve Lispector (2009, p. 42-43)

> [...] como era rica a vida comum, ela que enfim voltara da extravagância. Até um jarro de flores. Olhou-o.

> - Ah como são lindas, exclamou seu coração de repente um pouco infantil. Eram miúdas rosas silvestres que ela comprara de manhã na feira, em parte porque o homem insistiria tanto, em partes por ousadia. Arrumara-as no jarro de manhã mesmo, enquanto tomava o sagrado copo de leite das dez horas.
> Mas à luz desta sala as rosas estavam em toda a sua completa e tranquila beleza.
> Nunca vi rosas tão bonitas, pensou com curiosidade. E como se não tivesse acabado de pensar exatamente isso, vagamente consciente de que acabara de pensar exatamente isso e passando rápida por cima do embaraço em se reconhecer um pouco cacete, pensou numa etapa mais nova de surpresa: "sinceramente, nunca vi rosas tão bonitas". Olhou-as com atenção. Mas a atenção não podia se manter muito tempo como simples atenção, transformava-se logo em suave prazer, e ela não conseguia mais analisar as rosas, era obrigada a interromper-se com a mesma exclamação de curiosidade submissa: como são lindas.
> [...] parecem até artificiais! [...] como são lindas, pensou Laura surpreendida
> Mas, sem saber por quê, estava um pouco constrangida, um pouco perturbada.
> Oh. Nada demais, apenas acontecia que sua beleza extrema incomodava.

Há dois pontos importantes de serem considerados nesta passagem do conto. Primeiro, deve-se considerar que há uma profunda identificação de Laura com as rosas – era como se essas rosas, de algum modo, trouxessem para Laura alguma mínima integração. Winnicott (1945) diz que a pessoa que vivencia uma integração frágil necessita que elementos e figuras externas que possam fornecer para ela o senso de unidade e identidade que não foi vivenciado quando era muito pequena e que não foi capaz de realizar sozinha. No entanto, um paradoxo parece acontecer, mas não é. Acontece que como há uma frágil integração, há confusões na visão que Laura tem de si, onde via-se "chatinha", "burrinha", desprovida de valor, mas ao mesmo tempo, em algum ponto, para si, via-se bela como aquelas flores.

É possível notar um sutil, mas importante, movimento de Laura que demonstra um pequeno movimento de integração, onde, apesar da insistência do vendedor da feira, é um ato seu, ousado, mas seu, e principalmente, *espontâneo* e *criativo*. Ou seja, uma vivência muito íntima e particular de quem ela era e de aquisição de algo bom para si. As rosas representam esse algo bom e foram adquiridas para si.

E, mais ainda, pois, apesar do estranhamento a princípio, "teve uma ideia de certo modo muito original: por que não pedir a Maria para passar por Carlota e deixar-lhe as rosas de

presente?" (LISPECTOR, 2009, p. 43). Isto, a princípio, vai ao encontro com a sua "melhora", pois, além de reconhecer algo de bom, ainda conseguiria oferecer este "algo bom" à sua amiga, e apenas "mentes sãs" são capazes de oferecer "algo bom" a outrem. No entanto, a frágil estrutura da mesma não conseguiu dar sustentação a este pequeno ato de integração e perverteu grandemente tal fato, não podendo permanecer com esta coisa boa.

Portanto, o incômodo por ter ideias tão conflitantes a seu respeito, despertou em Laura um forte desejo de livrar-se daquelas rosas que eram ao mesmo tempo partes do seu "eu", mas tão diferentes do que ela acreditava ser – ter aquelas rosas era um risco, ou um incômodo. As rosas deixavam de ser "algo bom", um presente para si, e passavam a ser algo perturbador. A ideia de presentear Carlota com as rosas transformou-se de um gesto espontâneo e criativo, em algo artificial, ainda que parecesse duplamente proveitoso, pois, ao mesmo tempo que amputava tal aspecto de si, via o ato de presentear a amiga como algo "refinado" e, as pessoas veriam como ela estaria "bem" (LISPECTOR, 2009). Esse refinamento correspondia ao que socialmente se esperava dela, ainda mais após o seu tratamento, podendo demonstrar, de fato, a sua recuperação e a sua volta à sociedade. Cabe salientar, no entanto, que quando há uma necessidade do sujeito em demonstrar que "está bem" já é a denúncia de que o mesmo não está, é uma visão falseada a fim de afastar a realidade. Se retomarmos o medo do colapso descrito anteriormente, essa necessidade de controlar-se já pode denunciar, de fato, um processo de colapso por irromper.

Sobre isto, diz Winnicott (1945), que as falhas no processo de integração fazem com que a pessoa não possa vivenciar experiências por completo, por exemplo, causando dissociação entre ideias que são intoleráveis e não podem fazer parte da mente da pessoa. Isto também denuncia a existência de falhas nos mecanismos defensivos do sujeito que, exacerbadas, podem irromper em um colapso nervoso. Mas tudo o que Laura queria era demonstrar que estava bem e afastar a desconfiança das pessoas sobre o seu bem-estar.

É quando pede para que Maria, ao sair, deixe as rosas em seu nome para Carlota: livrar-se-ia delas e continuaria o seu dia. Todavia, Laura enfrenta um terrível conflito dentro de si, uma vez que encanta-se com sua beleza. Mais do que encantamento, percebe as rosas como sendo parte de si; mas não se via na condição de ser bela como as flores ou se ser merecedora de receber tais atributos, como descreve Lispector (2009, p. 46-47)

> [...] olhou-as com incredulidade: eram lindas e eram suas. Se conseguisse pensar mais adiante, pensaria: suas como nada até agora tinha sido.

> E mesmo podia ficar com elas pois já passara aquele primeiro desconforto que fizera com que vagamente ela tivesse evitado olhar demais as rosas.
> Por que dá-las, então? Lindas e dá-las? Pois quando você descobre uma coisa boa, então você vai e dá? Pois eram suas, insinuava-se ela persuasiva sem encontrar outro argumento além do mesmo que, repetido, lhe parecia cada vez mais convincente e simples. [...]
> E também porque uma coisa bonita era para se dar ou para se receber, não apenas para se ter. E, sobretudo, nunca para se "ser". Sobretudo nunca se deveria ser a coisa bonita. A uma coisa bonita faltava o gesto de dar. Nunca se devia ficar com uma coisa bonita, assim, como que guardada dentro do silêncio perfeito do coração.

Para Winnicott (1962), o ego se baseia primeiramente em um ego corporal, pois é através do corpo que a criança entende quem é, seu formato, seu limite, um ser único e separado de outros e usa a descoberta de estímulos sensórios para entendimento do mundo. As falhas que acontecem durante o processo de personalização podem levar a pessoa a ter uma forte angústia de despersonalização, ou seja, perder a conexão entre o ego (mente) e suas funções e corpo. Diferentemente, havendo um estado de integração, pode-se haver uma relação com a realidade externa, por esta ser palpável e tolerável. Deste modo, o sujeito não fica à mercê de fantasias ou sensações internas, mas a realidade é usada para que a pessoa se organize e, muitas vezes, torna a realidade mais tolerável do que a extrema angústia vivenciada em fantasia (WINNICOTT, 1945).

Em Laura, é possível observar como ela sentia que as rosas eram parte dela, e mais, uma parte estruturante de si, mas temia fortemente ver essa sua "parte" não se permitindo reconhecer-se com tais atributos. Tal visão deixava-a muito vulnerável, uma vez que sem nenhum tipo de recurso "positivo", não há como ou porque defender-se, seja das ameaças externas ou internas. No entanto, mesmo com este conflito, as flores eram parte de Laura, e quando a mesma diz que Maria poderia levá-las é como se algo fosse arrancado dela mesma violentamente. É como se uma mínima parte de algo que estruturava Laura fosse, naquele momento, arrancado dela.

É possível considerar, segundo Winnicott (1945), que mesmo em pessoas com um ego mais integrado, este nem sempre permanece desta forma, sendo que em alguma medida existe o temor da loucura e do perder-se de si mesmo. Laura, como tinha uma estruturação egoica frágil, sofria com a eminente possibilidade e o terror de desintegração. Como destaca Winnicott (1945), a desintegração é aterrorizante pois o sujeito alcançou algum nível de desenvolvimento

e organização do ego e pode ter a visão de que estaria perdendo tais recursos. Laura, em processo de recuperação, de volta à sua casa e aos eventos sociais mais íntimos, tentava se reorganizar, controlando-se o tempo todo, vigiando suas ações, retomando as prescrições médicas, cuidando para voltar à sua vida de antes do adoecimento. Isso não significa, em absoluto, que as vivências anteriores ao seu adoecimento eram consideradas normais ou mesmo integradoras, mas sugeriam a ela uma possibilidade de vida normal, dentro de seus parâmetros de controle e de julgamento social.

Para Laura, isto fora demais, agora já era tarde e não tinha como sustentar a sua frágil estruturação. Após perder as rosas sentou-se no sofá para esperar Armando e passaram-se as horas. Quando Armando chega, descreve Lispector (2009, p. 51-52)

> A chave virou na fechadura, o vulto escuro e precipitado entrou, a luz inundou violenta a sala.
> E na porta mesmo ele estacou com aquele ar ofegante e súbito paralisado como se tivesse corrido légua para não chegar tarde demais. Ela ia sorrir. Para que ele enfim desmanchasse a ansiosa expectativa do rosto, que sempre vinha misturada com a infantil vitória de ter chegado a tempo de encontrá-la chatinha, boa e diligente, e mulher sua. Ela ia sorrir para que de novo ele soubesse que nunca mais haveria o perigo dele chegar tarde demais. Ia sorrir para ensinar-lhe docemente a confiar nela. Fora inútil recomendarem-lhes que nunca falassem no assunto: eles não falavam mas tinham arranjado uma linguagem de rosto onde medo e confiança se comunicavam, e pergunta e resposta telegrafavam mudas. Ela ia sorrir. Estava demorando um pouco porém, ia sorrir.
> Calma e suave, ela disse:
> - voltou, armando. Voltou.

Salienta Winnicott (1962; 1959; 1945) que o cerne de um colapso nervoso é o colapso das defesas que o sujeito usa contra a desintegração. Neste ponto, vive-se um grande vazio de sentido e a perda da frágil estrutura faz com que a pessoa perca a clareza sobre quem é e o que pode fazer, deixando-a à mercê de suas fantasias, voracidade e impulsos destrutivos, sucumbindo a um estado de “loucura”. “Como num trem. Que já partira” (LISPECTOR, 2009, p. 53).

Portanto, para Winnicott (1963a), é possível considerar que estudar o desenvolvimento saudável do sujeito é valoroso à medida que isto também remete à saúde de uma sociedade,

pois, segundo seu pensamento, um ambiente social doente não consegue proporcionar as bases para que o sujeito se desenvolva de maneira saudável, gerando um ciclo destrutivo. No entanto, vale frisar que, segundo o autor (1959), é impossível para quem trabalha com psicanálise agarrar-se à ideia de que exista doenças psiquiátricas definitivas, sejam elas do sujeito como da sociedade.

Isso nos permite a leitura de que Laura estaria em seu processo de integração, ora agarrando-se às suas defesas para não entrar em colapso, ora demonstrando-se cansada e frustrada por não ter conseguido sustentar as rosas – e a sua beleza, e a beleza de si mesma – diante de si. Em que pesem os estigmas construídos socialmente sobre o adoecimento mental, Laura mostra-se em um processo, com uma rede de apoio, com recursos ambientais que podem prover o que ela necessita, como não estar sozinha e poder ser amparada em seu processo de reconstrução, em sua retomada de uma vida considerada normal. Mas o estigma desse adoecimento permanece vivo, sendo permanentemente lembrado:

> Era preciso tomar cuidado com o olhar de espanto dos outros. Era preciso nunca mais dar motivo para espanto, ainda mais com tudo ainda tão recente. E sobretudo poupar a todos o mínimo sofrimento da dúvida. E que não houvesse nunca mais necessidade de atenção dos outros – nunca mais essa coisa horrível de todos olharem-na mudos, e ela em frente a todos. Nada de impulsos. (LISPECTOR, 2009, p. 45).

Laura busca readquirir a confiança do marido, a confiança de que ela está bem e de que não mais irá adoecer. Não apenas é importante estar bem, mas parecer bem e ajustada diante dos outros. Assim, a impressão de parecer bem parece ser mais importante do que, de fato, acessar o modo como Laura ainda sofre, sobretudo pela necessidade de corresponder a um estágio de integração que ela ainda não conquistou.

Refletindo sobre o título do conto, *A imitação da rosa*, pode-se considerar que Laura busca justamente colocar-se à semelhança desse objeto externo – pela sua beleza, pela sua aceitação social, pelo seu prestígio como marca de bom gosto e de refinamento, como certa perenidade. Não se questionam as rosas, pois as mesmas sempre são apropriadas, as mesmas sempre promovem bem-estar, integração. Laura ancora-se nesta imagem da rosa e, por um tempo, permite que essa semelhança seja explorada, permite-se identificar com as rosas e tudo o que elas representam. Mas esse lugar de semelhança, de proximidade e mesmo de identificação também passa a promover o medo e a ansiedade – como sustentar essa imagem?

Como sustentar para si e, principalmente, para os outros – o esposo, Carlota, Maria – que essa era a nova Laura? Por isso essa imagem se esfacela, se perde, é abandonada – não sem culpa pela perda da rosa.

O título do conto ainda remete a um livro mencionado por Laura, *A imitação de Cristo*, que lera, sem entender, nos tempos de escola. Compreendera que ser ou imitar Cristo seria uma tarefa perigosa, pois "Cristo era a pior tentação" (LISPECTOR, 2009, p. 36). De modo similar, imitar a rosa também parecia arriscado, por isso era melhor não vê-la mais, afastar-se dela. Tanto Cristo quanto as rosas traziam à ela uma imagem de perfeição, sendo que a busca pela perfeição fora o que provocara o seu adoecimento: "Não mais aquela perfeição, não mais aquela juventude. Não mais aquela coisa que um dia se alastrara clara, como um câncer, a sua alma." (LISPECTOR, 2009, p. 39). Assim, era preciso, em seu processo de reabilitação, recusar-se à busca por essa perfeição.

A imitação da rosa, nesse sentido, traz a imagem de uma mulher em busca de integração, de acolhimento e de possibilidade de fruição do que ela é, do que ela representa, do que gosta, do que deseja, do caminho que quer para si. Essas possibilidades, de alguma forma, lhe são negadas pela necessidade de corresponder ao que era antes do adoecimento ou ao que desejavam que ela fosse. Na tentativa de corresponder, Laura busca a imitação como recurso e o abandona tão logo surgem – ou ressurgem – os primeiros medos. O copo de leite, recomendação médica, por exemplo, torna-se, então, um objeto externo ao qual ela pode se agarrar sem maiores questionamentos. O horário em que o marido chega. As constâncias em seu cotidiano. Marcada pelos seus prováveis privilégios sociais – morar em um bairro de classe média alta, contar com uma funcionária e até mesmo ser casada com um marido que compreende e respeita o seu tratamento – são aspectos que protegem Laura de um colapso maior. Mas, ainda assim, funcionam como recursos externos – importantes, mas não suficientes.

A seguir, a análise do terceiro e último conto desta Dissertação, intitulado *Os laços de família*.

Os laços de família

O conto que dá nome ao livro inicia-se com a partida da mãe de Catarina, Severina, após passar um período na casa da filha. Muito preocupada para não esquecer nada, atentava-se às suas malas postas no táxi. Catarina neste momento põe-se a recordar com bom humor sobre o período que a mãe passara em sua casa, onde sogra e genro mal suportaram-se, a ponto de mal

trocarem palavras de educação. Mas para a surpresa de Catarina, e fazendo-a sentir uma graça muito particular sobre aquele momento, via sua mãe ser extremamente polida e solícita com o genro, o que fazia-o ficar encabulado. Catarina sentia sempre vontade de rir destas situações difíceis ou constrangedoras, desde sempre, e com seu estrabismo, ria pelos olhos (LISPECTOR, 2009). O conto inicia trazendo esse cenário um pouco tenso ocasionado pela visita da velha senhora, o que provocava desconforto não apenas em relação à filha, com quem não tinha intimidade, mas também no genro e em seu neto. De igual monta, a partida de Severina também promovia instabilidades e questionamentos.

Enquanto estavam no táxi, dirigindo-se à estação de trem, sua mãe falava sobre o neto, filho de Catarina e Antônio, dizendo que o menino estava magro e era nervoso – não é explícito, mas o menino parece sofrer – aventa-se, na presente interpretação, com algum nível do espectro autista:

> (...) mas quase aos quatro anos falava como se desconhecesse verbos: constatava as coisas com frieza, não as ligando entre si. Lá estava ele mexendo na toalha molhada, exato e distante. (...) Mas o menino olhava indiferente para o ar, comunicando-se consigo mesmo. Estava sempre distraído. Ninguém conseguiria ainda chamar-lhe verdadeiramente a atenção. A mãe sacudia a toalha no ar e impedia com sua forma a visão do quarto: mamãe, disse o menino. Catarina voltou-se rápida. Era a primeira vez que ele dizia "mamãe" nesse tom e sem pedir nada. (LISPECTOR, 2009, p. 99).

Durante a visita da avó, o menino ficou ainda mais distante e distraído, ficava perturbado pelas carícias da avó demonstradas em forma de beliscões. Talvez esses beliscões descritos como forma de carinho pela avó seriam o modo como ela conseguisse entrar em contato com o menino, ou mesmo tentando atrair a sua atenção. Na verdade, a expressão desse contato parece denunciar a dificuldade de Severina vincular-se não apenas ao neto, mas também à filha e, de modo mais explícito, ao genro.

Ainda no táxi, enquanto Severina questionava se não tinha esquecido nada, o mesmo deu um chacoalhão que fez com que mãe e filha se chocassem e se tocassem "sem querer". Ambas ficam bastante surpresas, principalmente para Catarina, visto que isto não acontecia com frequência, ou melhor, nunca haviam verdadeiramente se abraçado ou beijado. Tal situação deixa a mãe desconcertada, que tenta disfarçar o incômodo com outros assuntos aleatórios, mas o desconforto ficara generalizado.

Ao chegarem na estação, colocam as malas no trem e despedem-se, e Catarina percebe o quanto sua mãe havia envelhecido. Ainda desconcertadas, esperam, sem ter o que falar, a saída do trem. Catarina olhava, expressando bom humor, a mãe olhando-se no espelho, ainda que era demonstrado que faltava admiração por si mesma. Catarina pensava enquanto a olhava a mãe, que somente ela e ninguém mais conseguiria amar Severina, mas não podia dizer que a amava. Até que a campainha anunciado a saída do trem toca e ambas são pegas em um sobressalto.

Severina, com o trem saindo, pergunta se não havia esquecido nada; Catarina, por sua vez, sente como se ela mesma houvesse esquecido de alguma coisa. Mas ambas haviam esquecido de dizer coisas importantes uma à outra e não conseguiram dizer o que importava à ambas, e viam apenas distanciarem-se cada vez mais.

Catarina, deste modo, pôs-se a voltar para casa, sem ter a presença de sua mãe. Caminhava pelas ruas, pensava a respeito do tipo de amor que sua mãe havia lhe dado. De alguma forma, sentia-se forte, sentia riqueza em si, e via-se bonita. Ainda com o rosto úmido pelas lágrimas, dirigiu-se para casa.

Ao chegar e sentir-se mais livre, observa Antônio lendo, que sem desviar atenção do livro, apenas pergunta se Severina havia ido embora. Catarina responde afirmativamente e dirige-se ao quarto do seu filho. Observava seu filho “magro e nervoso” que, com as suas dificuldades, mantinha-se distante, quase impossibilitado de fazer ligações. Catarina olha-o e sente como se gostaria de permanecer naquele momento para sempre. Até que para a surpresa de Catarina o menino chama-a de “mamãe” de um jeito nunca visto antes, o que lhe chama a atenção. Parecia chamar a mãe não para pedir nada, mas a mudança de tom despertou a atenção de Catarina.

Catarina queria falar com alguém sobre o que se sucedera, mas não encontrava alguém que entendesse o que ela vira naquela situação. Ela, sem conseguir realizar tal desejo, apenas riu para o menino, não só com os olhos, como de costume. Até que novamente o menino fala, chama-a de “feia”. Catarina pega o menino pela mão e leva-o, dizendo que iriam passear. Rapidamente enquanto atravessava a sala avisa o marido que iriam sair. Antônio, por sua vez, sem entender o que aconteceu, tenta chamar Catarina, mas já era em vão, pois já não estavam mais ao seu alcance. Antônio põe-se a pensar onde teriam ido e, quando olhou pela janela, já os avistava fora do prédio, caminhando rapidamente.

Antônio continuava pensativo, questionando onde iriam. Antônio temia que sua mulher transmitisse algo à inocente criança. Mas o que seria este algo que o fazia ter medo? Pensava sobre qual seria o momento que mãe dava ao filho a prisão de amor que ele se veria destinado

para sempre. À Catarina parecia um momento de compreensão mútua dela com o filho, mas Antônio questionava-se: "e eu?", à medida que via os dois afastando-se e ele ficando cada vez mais sozinho.

Antônio via a mulher afastar-se com a criança e ele ficando sozinho, no apartamento que ele procurara propiciar à ela, mas, no fundo, pergunta-se o que mais teria dado à ela se não somente isto, um apartamento mobiliado. Tinha dificuldade em tolerar o que a mulher dera a ele, ajudando-o a conquistar todas aquelas coisas. Sem entender o que acontecera, apesar da tranquila relação que sempre tiveram, ainda que ele, por vezes, procurasse humilhá-la: "humilhava-a com ternura" (LISPECTOR, 2009, p. 102). Temia pela lealdade da sua mulher, mas sabia que seria somente dele. Ainda incrédulo, Antônio pensava sobre sua mulher, pensava que quando ela voltasse jantariam juntos, e após o jantar iriam ao cinema, pois assim seria noite e o dia, e tudo o que ele trouxe, se finalizariam.

O título *Os laços de família* é bastante provocativo e dá nome, inclusive, ao livro, como afirmado anteriormente. O conto, por si só, traz um emaranhado de relações que são o berço de conflitos, distanciamentos e raiva, como também demonstra acolhimento e amor para as figuras que são envolvidas na trama – do conto, do livro e da vida. Quais seriam esses laços? E como esses laços seriam construídos? Questionando a naturalização das relações e dos laços estabelecidos é que este conto toma forma.

Peron (2001) faz uma leitura do conto pelo viés da terapia familiar psicanalítica discutindo a rede de relações que acontecem no âmago do grupo familiar, do que é dito e o que não tem espaço para ser tratado. Peron destaca a herança transgeracional que recai sobre a família, como a impossibilidade de demonstração de afeto. Diferentemente do que fora proposto por Peron, que se ocupou de uma discrição da dinâmica existente, o olhar proposto aqui será para as causas desta dinâmica. Portanto, visa-se debruçar sobre um aspecto pessoalizado a respeito da história dos personagens à luz da perspectiva winnicottiana.

Cabe destacar que no conto em questão, diferentemente dos dois anteriores discutidos nesta Dissertação, a análise não irá se basear somente sobre a protagonista da história: para entender o que acontece com a mesma é preciso olhar para as figuras que a rodeiam, principalmente Severina e Antônio, haja vista que se observa na atualidade padrões de comportamento e relações familiares semelhantes as que são vivenciadas por Catarina. Portanto, entende-se que diferente das personagens anteriores analisadas anteriormente, Ana e Laura, Catarina não apresenta uma estrutura "patológica", mas sofre com a "patologia" das figuras com as quais se relaciona, sendo justamente um membro saudável em meio a um ambiente considerado doente. É possível fazer tais considerações pois o que se deseja focar é a

(in)capacidade de envolvimento afetivo ligada a uma visão bastante particularizada do que se entende por tendência antissocial, que pode ser observada nos pares de Catarina.

Para se entender a capacidade de envolvimento é preciso inicialmente olhar para o desenvolvimento da criança e a condição que a mesma vai adquirir para estabelecer vínculos, em especial, o papel que terá o ódio e o amor. Como fora visto anteriormente, falhas em diferentes estados de desenvolvimento inicial do bebê são capazes de afetar de modos distintos este desenvolvimento e o que seria saudável para este. Falhas muito precoces em um momento de grande dependência dificultam o processo de integração e, um pouco mais tardiamente, quando já está estabelecido alguma integração do ego, mas a criança vê-se obrigada a corresponder às exigências intensas do meio esta vai submetendo-se a este, afastando-se do seu verdadeiro *self*. Agora, neste ponto da análise, busca-se olhar para a sensação de perda de um objeto bom que a criança tem e que vai afetar a sua condição de estabelecimento de vínculos.

Winnicott (1950) destaca que, em certa medida, o ódio é natural ao desenvolvimento humano e isto não é necessariamente nem bom e nem mau, pois é preciso que o mesmo exista para que o sujeito seja potente, voraz, se coloque em movimento ou se proteja, haja vista que, nesta perspectiva, a agressividade é diferente da destrutividade e, ainda assim, é preciso cautela ao dizer que destrutividade seja necessariamente "negativa". A agressividade em fases iniciais da vida não está a serviço de ferir ou agredir, mas é atividade motora.

Sobre tais considerações, pode-se dizer, segundo Winnicott (1950), que a agressividade expressa por um sujeito, em alguma medida, pode referir-se a algum sintoma de uma falha em seu desenvolvimento normal. Isto se dá pelo fato de que o bebê muito novo expressa a sua excitação como "agressividade" e motilidade. Nisto estão inclusos, por exemplo, ataques ao corpo da mãe, mas isto, para a criança, trata-se de uma expressão de amor ao objeto amado.

À medida que há uma integração da personalidade, a criança deve mitigar esta agressividade e transformar em algo utilizável a seu favor. Neste caso, o que é preciso é ser feita uma "educação" desta motilidade do bebê, expressa de um modo socialmente aceito. É preciso que o ambiente, na figura da mãe, consiga tolerar a agressividade do bebê e demonstrar ao mesmo que ele pode causar danos aos objetos amados. Se o bebê conseguir assimilar e atingir tal condição de desenvolvimento, o mesmo passa a responsabilizar-se pelos objetos aos quais se relaciona, por exemplo, desenvolvendo a condição de sentir culpa por suas ações; deste modo, o sujeito tem a oportunidade de conseguir criar soluções criativas e de reparação aos objetos atacados. Se esta "agressividade" não for tolerada por esta mãe neste ponto do desenvolvimento e for tolhida, reprimida, desincentivada, é possível que junto aconteça uma perda da capacidade do mesmo de amar e expressar amor, em última instância, do relacionar-

se e fazer ligações; do contrário, havendo intencionalidade na expressão desta agressividade como agressão esta estaria a serviço de um desligamento (WINNICOTT, 1950).

Caso esta mãe não consiga tolerar estes aspectos vindos da criança e aparte-se do contato com está, ou venha retirada, isto leva ao segundo ponto a se destacar, o que Winnicott chamou de tendência antissocial, ainda que se possa falar nesta em um modo bastante específico para a presente análise. Winnicott (1956b) destaca que esta não se trata de uma organização necessariamente patológica, pois é visto em pessoas "normais". No entanto, considera que a tendência antissocial está ligada a dificuldades no desenvolvimento emocional, uma vez que a criança sente que foi "de-privada" de algo muito valioso para si após ter tido, em especial algo relacionado à sua vida em família ou, mais especificamente, à figura materna. Cabe destacar que por "de-privação" Winnicott quer dizer que no início da vida o bebê teve um ambiente suficientemente bom, mas as falhas foram maiores do que ele conseguiria tolerar, e este foi "privado" da figura materna (ROSA, 2017).

Salienta-se que a necessidade de apresentação de uma tendência antissocial é um pedido de ajuda da criança para retornar ao ponto onde tudo ia bem em seu desenvolvimento. É possível observar, desde muito cedo, traços de uma tendência antissocial nas crianças através da *agressividade* ou oposição, incontinência, vômito, mentir, comportamento tirânico e submissão, sofreguidão e falta de apetite, em suma, tudo o que a criança possa entender como sendo perturbador do ambiente, podendo denunciar a existência de uma "de-privação" (WINNICOTT, 1963d; 1956b).

Deve-se destacar que por tendência antissocial não está se falando necessariamente em criminalidade ou delinquência. Pode ser que se desenvolva para algo desta ordem, se houver ganhos secundários, mas nem sempre isto acontece. Quando há, por exemplo, a ocorrência de uma formação reativa, a pessoa pode tornar-se extremamente moralista, ou ter aspectos de lamentação. O foco da tendência antissocial é acreditar que o ambiente está em débito e deve prover o que for necessário e, a maciça presença de agressividade como destrutividade (WINNICOTT, 1963d).

O ponto específico destacado a este respeito é a agressividade presente na tendência antissocial dificultando os vínculos, a favor do desligamento, pela existência principalmente do medo da raiva em que são afogados os objetos amados. Portanto, quando há a existência de uma tendência antissocial, o sujeito, na maioria das vezes, por sentir que algo fora tirado de si, sente-se como se algo lhe fosse "devido" e, por tal motivo, o ambiente não é sentido como sendo importante. Deste modo, não precisava responsabilizar-se pela manutenção dos vínculos,

pois sente que é seu direito e, em última análise, isto implica em não conseguir estabelecer vínculos (WINNICOTT, 1956b).

É possível considerar que Severina apresentava características de uma tendência antissocial, muito possivelmente porque a sua própria relação com sua mãe fora deficitária, onde Severina pode ter sentido que fora "de-privada" do contato com sua mãe, restando para si uma grande dificuldade no estabelecimento de vínculos, conseguido expor somente uma relação com traços de ódio não "trabalhado". É possível fazer tal consideração pois Winnicott (1956b) destaca que a tendência antissocial é vista em todas as idades, não necessariamente somente crianças, mas é resultado de algo vivenciado na infância, oriundo da condição que impede o sujeito de reconhecer a importância do ambiente.

Outro ponto de destaque é o modo perturbador do ambiente pelo qual a pessoa age. Cabe destacar que, como pontua Winnicott (1950), em uma estrutura adoecida a agressividade é pouco organizada, e a sua expressão no ambiente pode não ser totalmente intencional, mas fruto da impossibilidade de ser mitigada. Isto em conjunto com uma tendência antissocial faz pensar que a criança, ao perder o objeto amado, sem a presença deste para ajudá-la a desenvolver o amor, é sufocada pela agressividade e o ódio pelo ambiente, expressando como constantes ataques.

Isto pode ser observado quando Severina satirizava a relação com o genro, deixando-o "perturbado" ou o seu costumeiro "tom de desafio e acusação que empregava diante dele" (LISPECTOR, 2009, p. 95). Do mesmo modo, dizendo tanto à Catarina quanto Antônio que o filho do casal era magro e nervoso, como se os acusasse por isso ou por uma negligência em relação à sua educação e aos seus cuidados. Ou ainda quando perturbava o menino com o carinho excessivo, tal qual beliscões de amor. É possível também pensar sobre esses beliscões ("de amor"?) que eram perturbadores justamente por serem também uma violência, um ato de invasão, gerando incômodo e mal-estar em uma criança que, aparentemente, possuía dificuldades de vinculação.

De outra forma, como aventado anteriormente, esses beliscões eram a forma com que a avó conseguia entrar em contato com o menino, ainda que ele se mantivesse distante – neste ponto pode-se questionar, por exemplo, se a dificuldade de entrar em contato devia-se às características do menino, como a sua proximidade dos sintomas característicos de um transtorno do espectro autista, como já aventado na presente análise, ou se às dificuldade de sua avó em demonstrar afeto, em entrar em contato, em tentar sustentar, de fato, os laços que compõem a família. A voz da avó, questionando o menino ser nervoso e magro, também revela um julgamento sobre o modo como Catarina exercia a maternidade: estaria a filha sendo uma

boa mãe para o seu neto? O que nos permite, ainda, questionar: teria ela mesma sido uma boa mãe para Catarina?

É visto, ainda, que no decorrer da história Catarina é "vítima" deste modo de relacionar-se da sua mãe, como destaca Lispector (2009, p. 96) "Porque de fato sucedera alguma coisa, seria inútil esconder: Catarina fora lançada contra Severina, numa intimidade de corpo há muito esquecida, vinda do tempo em que se tem pai e mãe. Apesar de que nunca se haviam realmente abraçado ou beijado". E após o contato corporal que trazia algum tipo de intimidade, Severina friamente apenas pergunta à filha se não havia esquecido nada. Assim, não cabe espaço para a proximidade, que ocorre em um nível físico apenas por uma circunstância de contato fortuito dentro do táxi e não pelo rompimento de uma barreira possivelmente existente entre mãe e filha ou pela demonstração de afeto.

Contudo, deste fato, o mais importante é olhar para o modo como Catarina lida com os atos da mãe e os motivos para que ela tenha tais reações, ainda que não consiga se dar conta delas. É dito que Catarina respondia às falas e ataques de Severina com paciência e humor, sendo que diante de uma série de atitudes que poderiam irritá-la ou indigná-la, sentia vontade de rir. É possível considerar que não se trata necessariamente de uma "dissociação" da personagem, diante de uma situação que seria conflitiva para si, onde não se entraria em contato com tais fatos, mas usando outro tipo de recurso, mais desenvolvido e adaptado para tolerar um sofrimento, como o humor. Segundo Freud (1927), no humor busca-se poupar uma situação conflituosa transformando-a pela graça. Isto remete à ideia de proteção do ego, que é "blindado" de uma representação dolorosa, funcionando como uma defesa. No entanto, isto não quer dizer que não se entre em contato com a mesma, mas traz um "triunfo" da capacidade de extrair um prazer sobre algo considerado aversivo.

Catarina teve a felicidade de ter algo que Severina muito provavelmente não teve, que foi o fato de não ter sido "de-privada" do contato com seu pai, havendo grande proximidade e cumplicidade. Como colocado por Lispector (2009, p. 96) "do pai, sim. Catarina sempre fora mais amiga. Quando a mãe enchia-lhes os pratos obrigando-os a comer demais, os dois se olhavam piscando em cumplicidade e a mãe nem notava". Tal fato certamente proporcionou à Catarina uma sensação de segurança, conforto e cumplicidade sobre algo que lhe era até mesmo invasivo. O sujeito que experimenta tal sensação é extremamente beneficiado em sua capacidade de experimentar vinculações positivas, onde há o entendimento de que o ambiente é algo bom e que pode ser fonte de satisfação.

O mesmo trecho também denuncia a maneira invasiva e autoritária que Severina agia, provavelmente por esta ter sido a maneira que ela experimentou o ambiente em suas primeiras

experiências. Assim, parece reforçar em sua conduta como mãe e esposa uma falha experienciada na relação com os seus próprios genitores, algo que tem sido compreendido dentro da abordagem psicodinâmica – também compartilhado pela abordagem familiar sistêmica – como a transmissão psíquica geracional (ALVES-SILVA; SCORSOLINI-COMIN, 2019; FÉRES-CARNEIRO; LISBOA; MAGALHÃES, 2011; SCORSOLINI-COMIN; SANTOS, 2016). A partir desse conceito podemos dizer que a conjugalidade e a parentalidade podem estar sustentadas no modo como esse adulto – então criança – experienciou as primeiras relações e o contato com as figuras parentais, o que pode estar associado também à manifestação de sintomas e a processos de adoecimento psíquico. No entanto, é importante considerar o aspecto dinâmico desse conceito e que autores da psicanálise contemporânea, como Benghozi (2010) têm proposto leituras menos deterministas, primando pelo que irá compreender como resiliência familiar – ou, em outras palavras, a capacidade de remalhar os vínculos considerados disruptivos ou disfuncionais.

A questão da transmissão é reforçada em outra passagem do conto em que Antônio se mostra receoso sobre o que a esposa poderia transmitir ao filho:

> (...) temia em que neste momento em que ambos estavam fora de seu alcance ela transmitisse a seu filho... mas o quê? "Catarina", pensou, "Catarina, esta criança é inocente!" Em que momento é que a mãe, apertando uma criança, dava-lhe esta prisão de amor que se abateria para sempre sobre o futuro homem. (...) Quem saberia jamais em que momento a mãe transferia ao filho a herança. E com que sombrio prazer. Agora mãe e filho compreendendo-se dentro do mistério partilhado. (LISPECTOR, 2009, p. 101).

O receio de Antônio está na transmissão ao filho de alguma característica de Catarina, possivelmente herdada de sua mãe. Desse modo, revela que algo – não se sabe exatamente o quê – poderia ser transmitido, não apenas pelo fato de serem mãe e filho, mas também por estarem juntos sem a sua presença, possivelmente capaz de barrar a transmissão, em sua perspectiva. Mas retomando o conceito de transmissão psíquica, há que se retomar que o que se transfere está na base do que nem sempre pode ser representado, está próximo de uma dimensão que deve ser escamoteada, que é pouco clara, que se revela por vezes como um sintoma. Assim, a transmissão ocorre intrapsiquicamente, de modo que o trabalho da transmissão ocorre independentemente do modo como, aparentemente, esse processo poderia ser "barrado", como sugerido pelo pai. A herança que se transmitiria também não lhe parece

clara: mas, de fato, o que poderia ser transmitido e que tanto lhe incomodava? Como recusar-se a uma herança, pensando no trabalho do aparelho psíquico? Obviamente era impossível barrar o trabalho de transmissão, também não sendo possível identificar o momento em que algo seria transmitido. O passeio exclusivo da mãe com o filho parecia despertar esse receio em Antônio.

No entanto, esse passeio parece também uma tentativa de Catarina se aproximar do filho, talvez de justamente reaver entre eles o que possivelmente não pode ser recuperado na relação com a sua mãe. Como não consegue remalhar os vínculos com a sua mãe, acaba tentando construir vínculos com o filho, mesmo com as dificuldades relacionais que ele parece demonstrar. Se a proximidade física com a mãe tinha que ser mediada pelo chacoalhão do táxi, com o seu filho haveria de ser diferente. De tudo aquilo que parece ter sido "esquecido" na relação com a mãe – se considerarmos a constante repetição da necessidade de não esquecer nada para a viagem – Catarina parece lembrar-se do filho e tentar, com ele, uma relação melhor do que a que pode estabelecer com Severina. Talvez uma relação mais próxima do que a que experienciou junto ao pai.

A saída com o filho também parece uma reação ao recente distanciamento com a mãe, a partir da viagem. Com a saída da mãe e sem o seu olhar questionador e culpabilizador da filha, Catarina poderia vivenciar a parentalidade segundo suas próprias decisões, ainda que o olhar da mãe a acompanhasse em termos psíquicos. Ao tomar a decisão de sair com o filho parecia exercer a maternidade de modo resoluto, em busca de remalhar possíveis falhas na relação com o próprio filho e as derivadas da relação com a própria mãe.

A transmissão, no conto, assume também a sua potência de negatividade, recuperando como é tradicionalmente abordada na psicanálise. A transmissão se dá pelo negativo, pelo que não se representa, pelo esquecimento, pela negação, pelo sintoma. É desse modo que as possíveis falhas observadas na relação entre Severina e Catarina apresentam-se como uma ameaça ao desenvolvimento do filho. O receio de Antônio, nesse sentido, seria o das possíveis repercussões negativas no desenvolvimento do menino, haja vista que ele já possuía determinados comprometimentos que despertavam a atenção de todos da família. O que a ele já teria sido transmitido? O que ainda estaria por ser transmitido? Obviamente que nessa interpretação o pai desconsidera o seu papel na transmissão e também a sua vinculação com o filho. Mostra-se, portanto, também apartado dessa relação, impondo também a sua distância.

Winnicott (1947) diz que, em uma relação, uma mente bastante regredida (ou poderíamos dizer com tendências antissociais, como a de Severina), só reconhece no contato íntimo o que ela própria é capaz de sentir. Deste modo, é possível considerar que uma pessoa

que não fora ensinada ao amor, ou a demonstrações afetivas, mas sim ao temor diante o contato íntimo e a raiva, será capaz de conhecer na contraparte da relação apenas tais sentimentos. Para Winnicott (1947), portanto, se a pessoa puder estar ciente do ódio que sente frente à relação estabelecida e tiver a condição de mitigá-lo, pode ensinar a este outro a possibilidade de amar, ou seja, de fazer ligações. Se pudéssemos explicitar esse processo a partir de Benghozi (2010) falaríamos de um processo de remalhagem do vínculo, de uma possibilidade de experiência mais saudável, ainda que as experiências prévias tenham sido consideradas traumáticas.

É possível considerar que, ainda que Catarina não tivesse plena consciência do que fazia, mas por não ter sido "de-privada", ter experimentado o afeto e ter sido ensinada a amar, conseguia ser tolerante e compreensiva com a maneira de agir de sua mãe, sendo, em certo ponto, um ambiente bastante terapêutico e podendo demonstrar uma nova possibilidade de relação, onde haveria espaço para o afeto – e para a possível remalhagem do vínculo, como observado na seguinte passagem:

> Catarina viu então que sua mãe estava envelhecida e tinha os olhos brilhantes. O trem não partia e ambas esperavam sem ter o que dizer. A mãe tirou o espelho da bolsa, e examinou-se no seu chapéu novo, comprado no mesmo chapeleiro da filha. Olhava-se compondo um ar excessivamente severo onde não faltava alguma admiração por si mesma. A filha observava divertida. Ninguém mais pode te amar se não eu, pensou a mulher rindo pelos olhos; e o peso da responsabilidade deu-lhe à boca um gosto de sangue. Como se "mamãe e filha" fossem vida e repugnância. Não, não se podia dizer que amava sua mãe. Sua mãe lhe doía, era isso. [...].
>
> Também a Catarina parecia que haviam esquecido de alguma coisa, e ambas se olhavam atônitas – porque se realmente haviam esquecido, agora era tarde demais. [...]que coisa tinham esquecido de dizer uma a outra? E agora era tarde demais. Parecia-lhe que deveriam um dia ter dito assim: Sou sua mãe, Catarina. E ela deveria ter respondido: e eu sou tua filha (LISPECTOR, 2009, p. 96-97).

Possivelmente, somente com Catarina que Severina experimentara algum tipo de relação que existisse afeto, o que deveria ser algo estranho a ela. Como destaca Winnicott (1947), ao reaver algum sentimento de amor o sujeito pode testar o ambiente que o acolheu, de modo a verificar a confiança que pode ser depositada neste, uma vez que ao se deparar com uma relação que experimente o ódio em uma relação, as respostas naturais são o ódio e o medo

deste contato. No entanto, se o ambiente é capaz de tolerar estes ataques odiosos, demonstra ao sujeito que ele é passível de ser amado, e um novo tipo de relação pode surgir, onde a pessoa que também tenha uma tendência antissocial possa começar a expressar o amor (WINNICOTT, 1956b).

Como destaca Winnicott (1956b), a perturbação que uma pessoa que tem uma tendência antissocial causa no ambiente é favorável, pois indica que ainda haveria espaço para que a agressividade e o amor pudessem se reconciliar e reconfigurar, demonstrando a esperança, pois no sentido do seu agravamento não haveria nenhum comportamento por reaver algum amor, mas se desenvolveria em um sentido de delinquência. Isto nos faz questionar: o que será que Severina tanto perguntava a si e aos outros se não havia se esquecido de nada?; ou, do que estava se esquecendo?

O que fora há muito esquecido possivelmente é a chance de uma relação afetuosa, onde ela pudesse demonstrar-se por inteiro, com suas precariedades e falhas, e ainda assim ser admirada e amada pela filha. Não seria aquele ambiente o responsável por ter tirado dela algo valioso, mas aquele ambiente a ensinara que algo valioso poderia ser ofertado à medida que se aprende e se descobre como sendo seu possuidor; é visto um novo ambiente que oferece cuidado enquanto a pessoa o descobre e o testa, demonstrando que há limitações necessárias e demonstrando que o amor existe por conta de tais restrições (WINNICOTT, 1956b).

Portanto, a tendência antissocial traz a noção de que ainda exista esperança para aquele sujeito, sendo nestes momentos de esperança que o ambiente precisa ser continente, destaca-se a importância de tolerar e demonstrar para o sujeito que o amor que ele foi privado é possível ser novamente encontrado de outras maneiras, pelo reconhecimento de que seja preciso aceitar a responsabilidade sobre preocupar-se com um vínculo e não a ideia de que o ambiente é o responsável pela provisão deste (WINNICOTT, 1963c; 1956b).

Nesta leitura feita sobre *Os laços de família* cabe chamar a atenção para o fato que, com Antônio, Catarina experimentava algo não muito diferente do que era vivenciado com a sua mãe, pois o mesmo também apresentava uma incapacidade de envolvimento, bem como traços de uma tendência antissocial, como será visto. Catarina, ao voltar da estação e entrar em casa, observa que “Antônio mal levantou os olhos do livro. A tarde de sábado sempre fora “sua”, e, logo depois da partida de Severina, ele a retomava com prazer, junto à escrivaninha” (LISPECTOR, 2009, p. 99).

É possível considerar nesta passagem que Antônio entende-se como sendo o legítimo possuidor da tarde de sábado, mas não é somente sobre isto que se faz a sua requisição, é sobre a capacidade de tomar para si parte da vida da sua mulher e de seu filho, é entender que é “seu”

direito tomar para si o controle sobre os atos destes seus pares. Como destaca Winnicott (1956b), o "roubo" está no centro da tendência antissocial, é roubando que o sujeito, inconscientemente, busca reaver a mãe que ela tem direito e sentiu-se "de-privado". No entanto, é importante olhar com atenção para este "roubo", pois como destaca Rosa (2017), o que se busca neste ato é a capacidade criativa de encontrar bons objetos para o lugar do que fora perdido.

Tal fato, é importante destacar, é sentido como uma falha do ambiente e não necessariamente da própria criança, e toda falha do ambiente, quando vai além da capacidade da criança tolerar, prejudica o seu desenvolvimento emocional. Segundo Rosa (2017), na tendência antissocial é importante que a criança perceba que a falha é do ambiente, não sua.

Como visto, a criança tem impulsos naturais, afetuosos e hostis, que vão sendo expressos na relação com a mãe. Caso haja falhas maiores do que o bebê tem a capacidade de tolerar, como uma mãe que não consegue lidar com o ódio e a motilidade da criança e, por tal motivo, afasta-se desta, a repulsa e retalha estes impulsos, dois processos podem acontecer. No primeiro, a criança começa a retrair-se e voltar-se para si, dificultando a sua capacidade de envolver-se com o os objetos do ambiente, pois o mesmo é sentido como hostil. O segundo é direcionar somente impulsos hostis ao ambiente sentido como mal, ou seja, a destrutividade e o desejo reaver o que lhe fora tirado -o amor da mãe (WINNICOTT, 1063c; 1956b; 1950).

Deste modo, salienta-se que como a criança não teve condição de sentir-se plenamente envolvida, fica frustrada por não ser possuidora do objeto de amor, sucumbindo a uma grande raiva e dirigindo seus impulsos agressivos para este objeto que o frustrou. Esta criança dificilmente desenvolve a capacidade de envolver-se com objetos externos bons, pois a *frustração* afasta a culpa de possíveis agressões e ao mesmo tempo não se vê com a responsabilidade pelo estabelecimento e manutenção dos vínculos. Esta criança não se sentiria responsável pelo ataque agressivo ao objeto que frustra, mas sentiria como legítima esta agressividade, pois a culpa é levada para longe (WINNICOTT, 1963c; 1950).

Em uma tendência antissocial, a responsabilidade é relegada aos outros, inclusive a responsabilidade pelo próprio cuidado, que é direcionada ao ambiente (WINNICOTT, 1956b). Portanto, isto faz com que haja uma necessidade muito grande de ter o amor da mãe que fora perdido. Em outras palavras, este amor nunca será reavido, mas há uma necessidade de que o afeto lhe seja direcionado, ao mesmo tempo que o sujeito busca somente receber este afeto, mas a condição de despender o afeto é diminuta, é responsabilidade de outrem.

Como já destacado, Winnicott (1956b) diz que a tendência antissocial traz em si um componente de esperança, a esperança é de reaver um objeto amado que fora tirado, a esperança

é de um estabelecimento de vínculo tal qual se possa ter uma relação afetuosa e criativa e para o seu "tratamento", é preciso que não sejam desperdiçados tais momentos. No entanto, pode-se considerar que Catarina, infelizmente, desperdiça um destes momentos, pois quando a mesma experimenta uma intensa felicidade ao ver seu filho estabelecendo algum contato com ela, chamando-a de "mamãe", principalmente se for considerado que o mesmo de fato possuía algum transtorno de desenvolvimento próximo do espectro autista. Com tal felicidade, Catarina apenas pega o menino pela mão e sai, apenas avisando Antônio que iriam sair e, desta forma, priva-o desta felicidade compartilhada, ou desperdiça o momento que seria rico para ambos.

Com o desperdício de um momento de esperança, sobra à Antônio uma sensação muito ruim de abando e frustração. Quando Catarina sai com o filho e ele fica em casa, fica inquieto e frustrado, perguntando-se quase como onde ousavam ir sem o seu aval, já que o sábado era seu e queria sua mulher e o filho em casa; fica frustrado por perder a posse destes objetos. Da mesma forma, como postulou Winnicott (1956b), um sujeito com tendência antissocial relega a responsabilidade de cuidar si, observa-se tal fato quando Antônio questiona-se repetidamente, e ele, como ficaria, já que os dois tinham ido embora e ele havia ficado, Catarina estava tomando para si um momento de alegria, "privando-o" disto.

É possível considerar que um Antônio raivoso e frustrado testava a tolerância do ambiente, ou seja, a capacidade de Catarina aceitar seus ataques e continuar despendendo afeto sobre ele, pois, como demonstra Lispector (2009, p. 101-102)

> E sabia que se a mulher aproveitava da situação de um marido moço e cheio de futuro – desprezava-a também, com aqueles olhos sonsos, fugindo com seu filho nervoso e magro. O homem inquietou-se. e porque sabia que ela o ajudaria a consegui-lo e odiaria o que conseguissem. Assim era aquela calma mulher de trinta e dois anos que nunca falava propriamente, como se tivesse vivido sempre. As relações entre ambos eram tão tranquilas. Às vezes ele procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto ela mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua. Por que precisava humilhá-la? No entanto ele bem sabia que ela só seria de um homem enquanto fosse orgulhosa. Mas tinha se habituado a torná-la feminina deste modo: humilhava-a com ternura, e já agora ela sorria.

Segundo Winnicott (1963c), o objeto amado também é aquele que recebe a raiva do bebê. Em um desenvolvimento saudável, a ambivalência do objeto pode ser tolerada e isto traz a noção de que os objetos são externos a ela e isto fortalece o eu e o "não-eu" e alguma condição

de integração faz-se presente para garantir a preservação do objeto bom. Isto implica na responsabilidade para com o objeto.

Pode ser visto que Antônio não tinha uma total desconexão nem uma completa ausência de afeto, mas, pelo contrário, havia certo envolvimento por este objeto bom e o desenvolvimento de algum grau de responsabilidade por ele. Havia algum nível de integração destes objetos que fazia Antônio preocupar-se com o filho e com a relação com Catarina, mas ainda bastante precária. É observado, por exemplo, na passagem

> Via preocupado que sua mulher guiava a criança e temia que neste momento em que ambos estavam fora de seu alcance ela transmitisse ao seu filho..., mas o que? "Catarina", pensou "Catarina, esta criança ainda é inocente!" Em que momento é que a mãe, apertando uma criança, dava-lhe esta prisão de amor que se abateria para sempre sobre o futuro homem. Mais tarde seu filho, já homem, sozinho, estaria de pé diante desta mesma janela, batendo dedos nesta vidraça; preso. Obrigado a responder a um morto. Quem saberia jamais em que momento a mãe transferia ao filho a herança. E com que sombrio prazer. Agora mãe e filho compreendendo-se dentro do mistério partilhado. Depois ninguém saberia que negras raízes se alimenta a liberdade de um homem. "Catarina", pensou com cólera, "a criança é inocente!" Tinham, porém, desaparecido pela praia. O mistério partilhado (LISPECTOR, 2009, p. 101).

Antônio tinha algum vislumbre sobre o que ele sentia em si e como isto não era "bom". Sabia, quase instintivamente, que isto vinha das suas relações parentais, da mãe que transmite esta prisão de amor e agora ele via-se "prisioneiro" do que sentia. Por tal visão, temia que Catarina fizesse com seu filho, e que o mesmo carregasse uma herança semelhante a qual ele carregava para que houvesse se tornado quem ele era.

Também é importante destacar, na cena em tela, a tentativa de Antônio controlar não apenas a mulher e o filho, mas a relação entre os dois. Como se vê distante dos mesmos e da possibilidade de controlar, sente-se frustrado. De igual monta, cabe mencionar o modo como ele se relaciona com a esposa, humilhando-a pela sua aparência ou pela dificuldade que ela possui em aceitar a sua imagem, denotando certo sadismo em vê-la apreensiva. A esse processo Antônio denomina humilhação com ternura:

> Às vezes ele procurava humilhá-la, entrava no quarto enquanto ela mudava de roupa porque sabia que ela detestava ser vista nua. Por que ele precisava

> humilhá-la? no entanto ele bem sabia que ela só seria de um homem enquanto fosse orgulhosa. Mas tinha se habituado a torná-la feminina deste modo: humilhava-a com ternura, e já agora ela sorria – sem rancor? (LISPECTOR, 2009, p. 102).

É importante destacar, segundo Winnicott (1966), que a tendência antissocial é uma organização defensiva sobre alguma coisa que fora perturbadora do desenvolvimento da criança, isto é, é uma tentativa de regredir ao ponto que houve o trauma e levar o ambiente junto para este ponto, para que possa haver o desenvolvimento mútuo. Isto denota que no interior do sujeito ainda haveria uma busca por um objeto amado e, portanto, um rasgo de esperança de que possa haver a possibilidade vinculação, de ligação. Catarina, no entanto, sabia o que era vincular-se, o que era fazer ligação e demonstrar afeto, quando se regozija das palavras proferidas por seu filho, inclusive sendo chamada de feia. Como coloca Winnicott (1966), somente vivenciando o isolamento – a falta de envolvimento – é que se pode reconhecer o prazer na companhia de outrem.

Para Winnicott (1963c, p. 111), "o envolvimento refere-se ao fato de o indivíduo preocupar-se ou importar-se, e tanto sentir como aceitar responsabilidade". Para o autor, o envolvimento é a base da ideia de família, uma vez que nesta ideia está inclusa a responsabilidade de duas figuras, que concordam em estabelecer um relacionamento criativo, fecundo, que possibilita o desenvolvimento de frutos. Portanto, é possível dizer que apesar da existência de uma tendência antissocial, os vínculos não foram totalmente perdidos, pois apesar das dificuldades emocionais dos personagens, famílias, mais ou menos criativas e duradouras foram estabelecidas. Winnicott (1963d) destaca que é preciso que o ambiente contenha o sujeito que apresenta a tendência antissocial e consiga, dentro do possível, delimitar os parâmetros para a existência do afeto. Com sua sensibilidade e riso pelos olhos, Catarina tentava estabelecer estes vínculos, como dito, sendo o membro mais saudável de um ambiente adoecido.

Mas é preciso atenção para se olhar a tendência antissocial. Como é observado no texto, diversos adultos permanecem em uma condição "regredida" como esta, onde estes serão responsáveis pela criação de seus filhos e para esta relação, carregam na bagagem quem eles são. Ou seja, é possível que haja a ausência de envolvimento e culpa, é possível que haja cada vez mais distanciamento afetivo, é possível que a criança experimente falhas cada vez mais precoces por tais motivos.

Salienta Loparic (2008, p. 148), de acordo com a teoria winnicottiana, "o ente humano é a amostra temporal da natureza humana". Pode-se observar, portanto, que, em certa medida,

as mazelas que o sujeito precisa lidar são representantes do tempo que se vive, se está à mercê da cultura que é criada pelos próprios seres humanos, e sobre suas regras e pressupostos que os próximos seres humanos serão criados. Como destacado por Winnicott (1963d), é um viés possível de uma tendência antissocial o aspecto moralístico e, consequentemente, severo com que se lida com as falhas do ambiente. Isto pode ser visto, por exemplo, em famílias, nas organizações sociais e políticas, é, portanto, um recorte do tempo que se vive.

Ressalta-se que o antissocial que foi dado destaque é a incapacidade de estabelecer vínculos, a favor do desligamento afetivo e, sobre isto, Winnicott (1950) salienta que não é a agressividade que coloca a sociedade em perigo, mas a repressão desta agressividade. Vê-se, neste ponto, a importância de entrar em contato com a agressividade para que possa ser aprendido a lidar com a mesma, colocando-a a serviço de propósitos lucrativos ao sujeito e consequentemente à sociedade.

Deste modo, não é a agressividade ou o ódio que torna inviável as relações, pelo contrário, é preciso que exista agressividade para em determinados momentos existam limites e parâmetros do que é tolerável para a pessoa e para a sociedade vigente no tempo. O que torna inviável o contato é a não consciência do ódio e os *actings*. Em uma tendência antissocial, o "ódio" precisa encontrar-se a serviço do amor que delimita e demonstra limites necessários para que o outro seja amado.

É necessário que a criança consiga reconhecer e assumir a responsabilidade pelos seus próprios impulsos instintivos tal como amor e a agressividade, reconhecendo que se esta agressividade for mal-usada pode causar danos a objetos amados. Se o ambiente for tolerante e exercer uma postura enfática e afetuosa, a criança em condições de saúde vai desenvolvendo a condição de estabelecer vínculos mais amadurecidos, percebendo a importância que há na importância de reparação sobre seus atos e a agressividade pode ser usada a seu favor, e expressa sob formas socialmente aceitas (WINNICOTT, 1963c; 1956b; 1950).

Por fim, é lícito pensar que este conto também guarda ressonâncias com a própria história de Clarice. Em relação ao possível adoecimento do filho, pode-se criar um paralelo com o próprio adoecimento do filho de Clarice, Pedro, cuja descrição era a de um menino considerado brilhante que passou a ser "um adolescente perturbado" devido ao seu diagnóstico de esquizofrenia (Moser, 2017, p. 312). Nessa mesma biografia destaca-se como Clarice valorizava o seu papel de mãe, às vezes colocando-o como superior à sua atuação como escritora. Mas, ao mesmo tempo, nem sempre ela conseguiu dar ao filho o suporte necessário, tendo dificuldades em lidar com o seu processo de adoecimento.

A exemplo de *Os laços de família*, também observamos em Clarice uma mulher buscando compreender o filho e entrar em contato com o seu universo. Ainda que a análise empreendida na presente Dissertação não tenha como objetivo propor essa articulação com a biografia da autora, tais marcas na história de vida de Clarice não podem ser compreendidas de modo apartado do que ela sempre produziu, haja vista que este foi um caminho adotado não apenas por seus biógrafos, mas também pelos estudiosos de suas obras. Assim, deve-se destacar que tais elementos podem ser indícios importantes em um processo mais amplo e complexo de interpretação não no sentido de justificar a sua escrita ou de automatizar um processo analítico, mas de tencionar o modo como as histórias de si e de suas personagens guardam porosidades, atravessamentos e também potências para uma leitura de mundo realmente prenhe de significação.

Síntese integrativa dos contos

Vale ressaltar, como dito no início do capítulo, que não se trata de uma análise literária sobre os contos de *Laços de família*, tampouco uma leitura única dos contos pela perspectiva psicanalítica. O percurso analítico aqui desenvolvido possui uma vinculação com a perspectiva winnicottiana, o que não nos obriga a interpretar os contos exclusivamente por esse olhar. Assim como observado na análise em tela, diferentes diálogos foram sendo estabelecidos, em busca de um processo interpretativo mais poroso e, com isso, potente para uma reflexão mais dialogada e flexível, o que se justifica, inclusive, em um posicionamento que se ancora, fundamentalmente, na Psicologia e não na Literatura ou na análise literária dos contos.

No campo da saúde mental, em que se insere a presente Dissertação, tal possibilidade interpretativa assinala para um movimento ainda pouco evocado nas chamadas ciências da saúde. Primando por diálogos que podem nos acessar para cenários interpretativos potentes não apenas para a compreensão dos contos, mas para uma reflexão mais ampliada no campo do cuidado em saúde mental, tal síntese visa a responder – ou contribuir para a resposta ao objetivo que norteou toda a construção do estudo.

Cabe também salientar que se trata de um recorte que está sujeito até mesmo às condições de desenvolvimento teórico do pesquisador, onde pesquisadores que trabalham na perspectiva winnicottiana, com outros repertório e leituras, possivelmente teriam outro enquadramento para os fenômenos observados. Tais considerações, no entanto, não diminuem o valor do que foi produzido, pelo contrário – o valor reside fortalecimento do diálogo entre

psicanálise e literatura, que com suas fragilidades e riquezas dialogam há anos, como apontado por Leite (1987).

Sobre isso Loparic (2008) destaca a postura *revolucionária* do pensamento de Winnicott por conseguir beber na fonte estabelecida por Freud, e transpondo-a para uma visão contemporânea de psicanálise, onde a principal questão é ver-se existindo em plenitude e as patologias seriam decorrentes desta impossibilidade. Neste estudo, no entanto, não se tem a pretensão de trazer uma visão *revolucionária* nem sobre Winnicott, nem sobre Lispector, mas propor uma aproximação entre estes dois universos que parecem ter mais familiaridade do que diferenças.

Em relação ao objetivo central da presente Dissertação, que foi refletir, a partir da obra de Clarice Lispector, sobre a o adoecimento psíquico e a relação com as falhas ambientais em uma aproximação com a psicanálise winnicottiana, pode-se constatar o processo de desenvolvimento do bebê é algo extremamente delicado e que as falhas ambientais maiores do que a condição do mesmo tolerar podem levar a um processo de adoecimento. Isto pode ser observado em diversos pontos da teoria desenvolvida por Winnicott, desde aspectos mais iniciais, onde as falhas podem levar a um adoecimento mais grave como uma psicose, até aspectos onde se tem algum nível maior de desenvolvimento emocional, como falso-self e na tendência antissocial.

Loparic (2008) destaca três variantes de psicoterapia na proposta winnicottiana. A da psicose, onde o sujeito encontra-se em uma posição extremamente regredida, de dependência, e o foco seria na integração e personificação do mesmo; a das depressões reativas e neuroses, onde o processo interpretativo está a serviço de desvelar os aspectos dolorosos da personalidade do sujeito e o seu fortalecimento; e o da tendência antissocial, onde a atuação se dá sobre conseguir fazer com que o sujeito assimile a responsabilidade que lhe é pertinente e as suas atuações são representações de que ainda haveria esperança para a capacidade de estabelecer vinculações com o ambiente.

Como fora observado, falhas em diferentes momentos da vida inicial do bebê produzem diferentes sintomatologias e o entendimento do momento que estas acontecem e como são suas manifestações possibilitam o subsídio para que o cuidado correto seja ofertado para cada situação. Salienta-se, por exemplo, Laura, em *A imitação da rosa*, que teve falhas em um período muito precoce e pela frágil integração do seu ego desenvolveu uma personalidade fronteiriça, onde não há delimitações claras sobre o que é real e nem sobre quem ela mesma é, e isto a deixa vulnerável ante uma angústia irrepresentável (WINNICOTT, 1963a; 1945).

Ana, por outro lado, de *Amor*, teve uma condição de desenvolvimento maior, podendo estar mais integrada. No entanto, o ambiente invasivo faz com que a criança sinta a sua existência ameaçada e vê-se obrigada a curvar-se diante deste ambiente; isto leva a mesma a reagir ao invés de ter um gesto espontâneo sobre o meio, ocasionando o desenvolvimento de um falso *self* em vista de preservar o verdadeiro, ou seja, para poder existir no ambiente é preciso que a criança se molde a este, o que a traz a sensação de vazio, não de pertencimento (MELLO FILHO, 2003; WINNICOTT, 1960).

Ainda, foi possível observar a dificuldade na capacidade de estabelecer vínculos afetivos em *Os laços de família*, uma vez que Catarina, sendo um membro saudável neste meio, tem que lidar com pessoas que apresentavam uma tendência antissocial, como se o ambiente tivesse uma dívida para com o indivíduo. Como características dessa tendência antissocial estão a destrutividade, a dificuldade de manter vínculos e o sentimento de que o ambiente é hostil (ROSA, 2017; WINNICOTT, 1956b). Ainda, o processo de transmissão psíquica emerge como possibilidade de compreender a relação entre Severina e Catarina e entre esta e o filho, destacando aspectos não apenas daquilo que é transmitido do ponto de vista inconsciente, mas da transmissão do adoecimento e da própria dificuldade em estabelecer vínculos. A potência da personagem Catarina reside justamente em uma tentativa de remalhar, junto ao filho, o que fora comprometido em sua história desde as suas primeiras relações, reavendo falhas ambientais importantes.

Observa-se nos "casos" extraídos da literatura de Clarice Lispector que o adoecimento psíquico se dá pela impossibilidade de ver-se com uma existência criativa e, de um modo geral, para Winnicott, a doença se dá exatamente por este motivo. Portanto, é importante destacar estes dois pontos: existência e criatividade.

Para Winnicott (1945) a noção de existência só pode acontecer por meio da continuidade do ser, através dos seus atos, do seu gesto espontâneo e se o ambiente for capaz de aceitar e tolerar receber tal condição, ou seja, se existir uma mãe suficientemente boa que seja continente para o seu bebê. Do mesmo modo, se o bebê não tem a possibilidade de expressar a sua criatividade, o seu senso de existência fica prejudicado e o mesmo adoece.

Deste modo, Winnicott (1963e) destaca que não deve ser pretensão da psicanálise atingir uma "cura" e é preciso que a pessoa que trabalhe com a mesma tenha tal questão em mente. No entanto, cabe salientar que o objetivo do trabalho é o que prover o que é necessário ao sujeito, propiciar condições favoráveis para que este tenha a chance de reviver o que não fora podido enquanto era bebê, ou seja, é preciso que a pessoa tenha condição de expressão do gesto espontâneo e, com isto, comece a sentir que possui uma existência verdadeira, levando-a à

integração e ao senso de continuar existindo (WINNICOTT, 1960). Tais recomendações tornam-se pertinentes quando analisamos os itinerários das personagens dos três contos.

A possibilidade de existir, narrada desde o título desta Dissertação, acena para a necessidade de promoção de um cuidado em saúde mental que também esteja atento aos elementos aqui recortados para a análise. Do mesmo modo como o empreendido na análise em tela, movimento semelhante pode e deve revisitar pacientes/clientes/usuários em tratamento não para a mera construção de inteligibilidades, mas acenando para que, no cuidar, possa-se estar alinhado a olhares e práticas que visem à possibilidade de existir, o que, inequivocamente, pode ser traduzido em termos do desenvolvimento emocional e da saúde psíquica.

CAPÍTULO 5
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final da presente Dissertação, destaca-se que o processo de desenvolvimento da mesma visou, dentro dos parâmetros objetivamente definidos, a fazer uma explanação espontânea e criativa sobre os pensamentos aqui expostos, da mesma maneira como apregoa Winnicott. Como pode ser observado na obra de Winnicott, a expressão criativa é fundamental para que haja o desenvolvimento e o amadurecimento. É possível considerar que tal pensamento possa ser transposto como metáfora para o processo de criação do estudo e a área de sobreposição entre mundo interno e realidade objetivamente percebida, favorecendo o desenvolvimento do pesquisador e, em alguma medida, apresentando contribuições para pensarmos a saúde mental.

Observou-se, inicialmente, a importância que a literatura assume quando se fala em favorecimento de saúde mental, o que poderia se estender não só para a literatura, mas à expressão artística de um modo amplo. A sua importância está não somente para quem a consome, mas também para quem a produz, uma vez que através desta pode-se dar forma, expressar, compreender um sofrimento, como também tem a capacidade de trazer novos significados e abrir possibilidades de ações diferentes mediante ao desenvolvimento de novos pensamentos devido ao seu aspecto “curativo”.

Ademais, as explanações feitas no presente estudo, para o profissional que trabalha com saúde mental, fazem-se proveitosas pois, em primeiro lugar, é possível ter acesso a alguns exemplos, quase práticos, de desenvolvimento emocional, quais fatores colaboram para o mesmo, bem como o dificultam, ou causariam o adoecimento mental, segundo uma perspectiva winnicottiana. Outro ponto, derivado deste, é poder subsidiar o profissional de saúde para a sua atuação, de modo a orientar pais desde a gestação a fases onde a criança esteja um pouco mais desenvolvida, haja vista a importância que o contato entre o bebê e as figuras parentais tem para o seu desenvolvimento, bem como a expressão da sua subjetividade.

Como limitações deste estudo pode-se destacar-se que apesar de ter sido feita uma análise sobre três contos de Clarice Lispector, a fim de passar por diversos pontos da obra de Winnicott, há outros olhares e materiais que poderiam enriquecer a percepção a respeito da obra tanto do psicanalista quanto da escritora. Portanto, obras distintas, bem como outros pesquisadores poderiam contribuir com novos elementos para análise. Desta forma, o

estreitamento das relações entre psicanálise e a obra de Clarice Lispector torna-se cada vez mais enriquecedor, devendo ser constantemente fomentado a partir deste trabalho e das reflexões decorrentes do mesmo. Também esta Dissertação compõe um marcador importante se considerarmos o centenário de nascimento de Clarice Lispector, comemorado em 2020, somando-se a uma gama expressiva de estudos e reflexões sobre a autora que guardam uma íntima relação com o campo da psicanálise e também da saúde mental, como aqui salientado.

Retomando um pouco do que foi rememorado sobre a biografia da autora, em sua infância passou por diversos processos que marcaram profundamente a sua vida e também sua obra, como o adoecimento de sua mãe e a ausência da mesma durante a infância, bem como a sobrecarga familiar decorrente dos cuidados com a sua mãe, que sofreu com uma paralisia e de demandava cuidados por parte de todos os membros da família, sobretudo pela filha mais velha, irmã de Clarice. Há relatos em sua biografia que atestam que Clarice havia sido concebida com a intenção de que a sua gestação pudesse curar a sua mãe, o que, de fato, não ocorrera, gerando uma profunda culpa em Clarice ao longo de toda sua vida, a culpa por não poder salvar a mãe (MOSER, 2017).

Por essa e outras razões, as personagens femininas são bastantes presentes em toda a obra da autora. Não é por acaso que os três contos selecionados na presente Dissertação possuem como protagonistas as figuras femininas, todas envoltas em questões familiares, quer seja sobre a conjugalidade, sobre a parentalidade ou sobre o próprio estigma de ser mulher em uma sociedade ainda considerada machista e conservadora, sobretudo à época em que Clarice viveu e escreveu. Esses aspectos relacionados ao feminino e o modo como o adoecimento psíquico vai ser entrelaçado a essa narrativa deverão ser aprofundados em estudos vindouros, buscando uma aproximação, de fato, com a história da própria autora, discussão esta que foi tangenciada no presente estudo para que a análise dos contos pudesse fluir sem estar exclusivamente atrelada a uma necessidade de interpretar Clarice, movimento este que nos levaria a diversos riscos, inclusive o de propor compreensões ainda acabadas ou mesmo de reforçar estereótipos que vêm sendo revisitados por análises que se avolumam na contemporaneidade e que buscam, de fato, acessar quem foi a autora. Nas palavras de Moser (2017, p. 18): “A alma exposta em sua obra é a alma de uma mulher só, mas dentro dela encontramos toda a gama da experiência humana”. Esse movimento, ainda que pudesse trazer ganhos analíticos, distanciar-se-ia do objetivo central assumido desde o início.

Como contribuições da presente Dissertação destaca-se a possiblidade de se lançar um olhar sobre a obra de Clarice Lispector a partir da perspectiva psicanalítica de Winnicott. Sobre esse aspecto também se salienta o valor de apresentar, através da arte, questões do mundo real

e que podem ser transformados em material de análise crítico-científico-filosófico, para além do impacto sobre o leitor, mas de aplicações práticas. Portanto, considera-se que o objetivo da Dissertação foi atingido, uma vez que foi possível refletir a respeito do adoecimento psíquico a partir das falhas ambientais observadas, uma vez que nos três contos analisados de Clarice Lispector o adoecimento psíquico dos personagens deu-se pela impossibilidade de os indivíduos se verem tendo a possibilidade de uma existência de forma criativa.

Salienta-se que o olhar winnicottiano para o processo de adoecimento mental é uma lente valiosa por sua característica humanística e filosófica a respeito do ser humano. Além disso, tal itinerário pode apontar para aspectos do cuidado prático entre a mãe e o bebê que, para além de um cuidado objetivo, também representam um cuidado mental ou, em outros termos, um processo perene de cuidado visando à promoção da saúde psíquica.

REFERÊNCIAS

ABADI, S. **Transições –** o modelo terapêutico de Winnicott. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

ABADI, S. Explorações: perder-se e achar-se no espaço potencial. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 36, n. 4, p. 807-816, 2002.

ABDALA JUNIOR, B. Biografia de Clarice, por Benjamin Moser: coincidências e equívocos. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 24, n. 70, p. 285-292, 2010.

ALONSO-AREVALO, J. et al. La lectura y su relación con la salud y el bienestar de las personas. **Revista Cubana de Información en ciencias de la Salud**, La Habana, v. 29, n. 4, p. 1-12, 2018.

ALVES-SILVA, J. D.; SCORSOLINI-COMIN, F. As famílias podem (se) adoecer: revisão integrativa da literatura científica. **Vínculo**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 23-43, 2019.

ATAÍDE, L. D. B. Tornar-se outros escritos: Clarice Lispector além da relação ser-homem e ser-mulher. **Afluente: Revista de Letras e Linguística**, v. 5, n. 15, p. 43-57, 2020.

AZEVEDO, M. J. M. D. Psicanálise e criação literária. **Revistas Portuguesa de Psicanálise**, v. 39, n. 2, p. 75-79, 2019.

BAVISHI, A; SLADE, M. D; LEVY, B. R. A chapter a day: association of book reading with longevity. **Social Science & Medicine**, v. 14, n. 1, p. 44-48, 2016.

BENGHOZI, P. **Malhagem, filiação e afiliação – Psicanálise dos vínculos:** Casal, família, grupo, instituição e campo social. Trad. E. D. Galery. São Paulo: Vetor, 2010.

BION, W. Notas sobre memória e desejo. (1967). In. SPILLIUS, E. B. (ed). **Melanie Klein Hoje:** Desenvolvimento da Teoria e Técnica. Imago: Rio de Janeiro. 1990. p. 30-34.

BION, W. R. Diferenciação entre a personalidade psicótica e a personalidade não-psicótica (1957). In: SPILLIUS, E. B. (ed). **Melanie Klein Hoje:** Desenvolvimento da teoria e da técnica. Imago: Rio de Janeiro. 1990. p. 69-86.

BION, W. R. Uma teoria do pensar (1961). In: SPILLIUS, E. B. (ed). **Melanie Klein Hoje:** Desenvolvimento da teoria e da técnica. Imago: Rio de Janeiro. 1990. p. 185-193.

BORTOLIN, S; SILVA, S. D. Biblioterapia no âmbito hospitalar. **Informação Profissões**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 52-74, 2016.

BULAMAH, L.; KUPERMANN, D. O verdadeiro *self* em Winnicott e a questão da identidade. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 169-188, 2020.

CICCONE, S. D. **Criatividade na Obra de D. W. Winnicott.** 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia Como Profissão e Ciência) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC Campinas. Campinas. p. 127. 2013.

FÉRES-CARNEIRO, T.; LISBOA, A. V.; MAGALHÃES, A. S. Transmissão psíquica geracional familiar no adoecimento somático. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. 2, p. 102-113, 2011.

FONSECA, K. H. O; AZEVEDO, F. Biblioterapia: Relato de uma experiência no lar de idosos em Braga – Portugal. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 381-389, 2016.

FRANÇA, E, M. Psicanálise e literatura: Fundação e função. **Remate de Males**, Campinas, v. 34, n. 1, p. 263-282, 2014.

FREIRE, P. D. F. S. Reflexões sobre conjugalidade e maternidade no conto A Imitação da Rosa, de Clarice Lispector. **Revista Água Viva**, v. 5, n. 2, 2020.

FREUD, S. Escritores criativos e devaneios. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (Edição Standard Brasileira). Original publicado em 1908.

FREUD, S. O interesse científico da psicanálise. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (Edição Standard Brasileira). Original publicado em 1913.

FREUD, S. O Moisés de Michelangelo. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (Edição Standard Brasileira). Original publicado em 1914.

FREUD, S. O 'Estranho'. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (Edição Standard Brasileira). Original publicado em 1919.

FREUD, S. O humor. In: _____. **Obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, (Edição Standard Brasileira). Original publicado em 1927.

FULGENCIO, L. Metodologia de pesquisa em psicanálise na universidade. In: SERRALHA, C. A.; SCORSOLINI-COMIN, F. **Psicanálise e Universidade:** um encontro na pesquisa. Curitiba: CRV, 2013, p. 27-67.

GOTLIB, N. B. **Clarice.** Uma vida que se conta. 6ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo – EDUSP. 2011. 656 p.

GREEN, A. A mãe morta (1980) (p. 239-273). In: GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte.** Editora Escuta: São Paulo, 1988. 302 p.

HÖHRIG, M. A representação simbólica da sociedade no conto "Amor", de Clarice Lispector. **Antares.** v. 9, n. 18, p. 195-210, 2017.

JOSIOWICZ, A. A psicanálise e as transformações na concepção da infância nas crônicas e colunas de Clarice Lispector, 1952-1973. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos,** Rio de Janeiro, v. 27, n. 1, p. 53-69, 2020.

KAHR, B. **A vida e a obra de D. W. Winnicott:** um retrato biográfico. Rio de Janeiro: Exodus. 1996. 256 p.

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise.** 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 576 p.

LEITE, D. M. **Psicologia e Literatura**. São Paulo: Editora UNESP, 1987. 256 p.

LEITE, M. B.; CALDIN, C. F. Programas de aplicação da biblioterapia no Reino Unido. **Brazilian Journal of Information Studies: Research Trends**, v. 11, n. 3, p. 53-65, 2017.

LISPECTOR, C. **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009. 135 p.

LOPARIC, Z. O paradigma winnicottiano e o futuro da psicanálise. **Revista Brasileira de Psicanálise,** v. 42, n. 1, p. 137-150, 2008.

LUZ, R. Winnicott: a poesia e a realidade. **Natureza Humana,** v. 8, n. 2, p. 315-335, 2006.

MELLO FILHO, J. D. **Vivendo num país de falsos-*selves*.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 356 p.

MIYAGAWA, S.; LESURE, C.; NÓBREGA, V. A. Cross-Modality Information Transfer: A Hypothesis about the Relationship among Prehistoric Cave Paintings, Symbolic Thinking, and the Emergence of Language. **Frontiers in Psychology**, v. 9, n. 115, p. 1-9, 2018.

MOSER, B. **Clarice,**. Trad. J. G. Couto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. 554 p.

OGUISSO, T.; SILVA, O. Literatura y enfermería: Fuentes y saberes para investigación em história. **Cultura de los Cuidados**, n. 47, p. 129-148, 2017.

OUTEIRAL, J. O. Transicionalidade e criatividade: rabiscos sobre o viver criativo. **Jornal de Psicanálise.**, São Paulo, v. 43, n. 78, p. 91-98, 2010.

PAULUCCI, L. D. A construção da personagem Ana no conto “Amor” de Clarice Lispector. **Revista Eletrônica de Educação e Ciência,** v. 5, n. 2, p. 52-63, 2015.

PIRES, F. A. R. **Criatividade no processo de amadurecimento em Winnicott.** 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP. São Paulo, 89 p. 2010.

PÉRGOLA, M. C. **O conceito de criatividade originária na obra de D. W. Winnicott.** 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo. p. 112. 2019.

PERON, P. R. Uma análise do conto "Os laços de família" de Clarice Lispector, segundo o recorte da psicanálise de família. **Interações**, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 107-116, 2001.

POJAR, G. B., SCORSOLINI-COMIN, F. Um corpo que arde: corporeidade e produção de subjetividade em Clarice Lispector. **Subjetividades**, Fortaleza, v. 20, n. 1, p. 1-12, 2020.

ROSA, C, D. O pai e a tendência antissocial: considerações a partir da psicanálise de Winnicott. **Natureza Humana**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 178-196, 2007.

RUFINONI, S. R. "O Artista Perfeito": Clarice Lispector e a Poética da Inocência. **Remate de Males,** Campinas, v. 36, n. 2, p. 357-379, 2016.

SAFRA, G. Investigação em psicanálise fora do consultório. In: SERRALHA, C. A.; SCORSOLINI-COMIN, F. **Psicanálise e Universidade:** um encontro na pesquisa. Curitiba: CRV, 2013, p. 19-26.

SAMPAIO, L. B. P.; BITTENCOURT, M. I. G. D. F. Psicanálise e literatura: Thomas Ogden e a poesia de Robert Frost. **Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 71-82, 2016.

SANCHES, E. F. **Clarice Lispector e a Psicanálise:** diálogos possíveis. 2019. Tese (Doutorado em Letras Clássicas e Vernáculas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019. 197 p.

SANTOS, R. D. S.; FERREIRA, S. G.; SANTOS, D. M. Literatura e Psicanálise: A presença do inconsciente na escrita de Clarice Lispector. In: SOUZA, I. V. D. (Org.). **Letras, Linguística e Artes: Perspectivas Críticas e Teóricas.** 1. ed. Ponta Grossa: Atena Editora, 2014. p. 406-418.

SANTOS, R. C. D.; SANTOS, J. C. D.; SILVA, J. A. D. Psicologia da literatura e psicologia na literatura. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 26, n. 4, p. 767-780, 2018.

SCORSOLINI-COMIN, F. A infância clandestina em Clarice Lispector. **Revista do SELL**, Uberaba, v. 8, n. 2, p. 185-203, 2019.

SCORSOLINI-COMIN, F. O calor estranho na narrativa da velhice em Clarice Lispector. **Revista do SELL**, Uberaba, v. 9, n. 2, p. 369-386, 2020.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Todos passam pela via crucis: a corporeidade em Clarice Lispector. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 3, p. 623-632, 2010.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SANTOS, M. A. Construir, organizar, transformar: Considerações teóricas sobre a transmissão psíquica entre gerações. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 141-160, 2016.

SCORSOLINI-COMIN, F.; SILVA, A. A. (Orgs.). **A mulher que salvou os peixes:** Clarice Lispector e o universo infantil. Ribeirão Preto: INEPAD - Instituto de Ensino e Pesquisa em Administração, 2018. 97 p. (a)

SCORSOLINI-COMIN, F.; SILVA, A. A. Por que só no fim do livro?: Revisitando a grupalidade com crianças. **Revista da SPAGESP**, Ribeirão Preto, v. 19, p. 1-5, 2018. (b)

SILVA, E. C. D. S. Laços que aprisionam: A loucura como libertação em "A imitação da rosa", de Clarice Lispector. **Revista Landa,** v. 5, n. 2, p. 68-82, 2017.

SILVEIRA, J. R. A. D. Arte e Ciência: uma reconexão entre as áreas. **Ciência e Cultura,** São Paulo, v. 70, n. 2, p. 23-25, 2018.

VELEZ, I. B; PRIETO, J. L. La literatura como instrumento terapéutico en el proceso salud-enfermedad durante la infancia. **Enfermería Global**, Murcia, v. 17, n. 50, p. 585-616, 2018.

WINNICOTT, D. W. Desenvolvimento Emocional Primitivo (1945) (p. 218-233). In: _____. **Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2ª ed. 2000. 456 p.

WINNICOTT, D. W. Ódio na contratransferência (1947) (p. 277-287). In: _____. **Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2ª ed. 2000. 456 p.

WINNICOTT, D. W. A agressividade em relação ao desenvolvimento emocional (1950) (p. 288-304). In: _____. **Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2ª ed. 2000. 456 p.

WINNICOTT, D. W. A Preocupação Materna Primária (1956a) (p. 399-405). In: WINNICOTT, D.W. **Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2ª ed. 2000. 456 p.

WINNICOTT, D. W. A tendência anti-social (1956b) (p. 406-416). In: _____. **Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2ª ed. 2000. 456 p.

WINNICOTT, D. W. A capacidade para estar só. (1958) (p. 31-37). In: _____. **O Ambiente e os Processos de Maturação** – Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. 268 p.

WINNICOTT, D. W. Classificação: existe uma contribuição psicanalítica à classificação psiquiátrica? (1959) (p. 114-127). In: _____. **O ambiente e os processos de maturação** – Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. 268 p.

WINNICOTT, D. W. Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro *"self".* (1960) (p. 128-139). In: _____. **O ambiente e os processos de maturação** – Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. 268 p.

WINNICOTT, D. W. A integração do ego no desenvolvimento da criança (1962) (p. 55-61). In: _____. **O ambiente e os processos de maturação** – Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. 268 p.

WINNICOTT, D. W. Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo (1963a) (p. 79-87). In: _____. **O ambiente e os processos de maturação** – Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. 268 p.

WINNICOTT, D. W. O medo do colapso (breakdown) (1963b) (p. 70-76). In: WINNICOTT, D. W. **Explorações psicanalíticas.** Porto Alegre: Artmed, 1994. 462 p.

WINNICOTT, D. W. O desenvolvimento da capacidade de envolvimento (1963c) (p. 111-117). In: WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência.** São Paulo: Martins Fontes, 2005. 344 p.

WINNICOTT, D. W. Psicoterapia dos distúrbios de caráter (1963d) (p. 275-290). In: _____. **Privação e delinquência.** São Paulo: Martins Fontes, 2005. 344 p.

WINNICOTT, D. W. Distúrbios psiquiátricos e processos de maturação infantil (1963e) (p. 207-2017). In: _____. **O ambiente e os processos de maturação** – Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artmed, 1983. 268 p.

WINNICOTT, D. W. A ausência de um sentimento de culpa (1966) (p. 119-126). In: _____. **Privação e delinquência.** São Paulo: Martins Fontes, 2005. 344 p.

WINNICOTT, D.W. Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In: WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade.** Imago: São Paulo, 1971a, p. 13-44.

WINNICOTT, D.W. O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In: _____. **O brincar e a realidade.** Imago: São Paulo, 1971b, p. 121-131.

WINNICOTT, D.W. O brincar: uma exposição teórica. In: _____. **O brincar e a realidade.** Imago: São Paulo, 1971c, p. 59-77.

WINNICOTT, D.W. O brincar: a atividade criativa e a busca do Eu (*Self*). In: _____. **O brincar e a realidade.** Imago: São Paulo, 1971d, p. 79-93.

WINNICOTT, D.W. A criatividade e suas origens. In: _____. **O brincar e a realidade.** Imago: São Paulo, 1971e, p. 95-120.

WINNICOTT, D.W. A localização da experiência cultural. In: _____. **O brincar e a realidade.** Imago: São Paulo, 1971f, p. 133-143.